



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA
Departamento de Letras e Artes
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LITERÁRIOS



MAYARA MICHELE SANTOS DE NOVAIS

OS BENS MAIORES:

**MEMÓRIA E MELANCOLIA NA LÍRICA
DE RUY ESPINHEIRA FILHO**

Feira de Santana, BA
2012

MAYARA MICHELE SANTOS DE NOVAIS

OS BENS MAIORES:

**MEMÓRIA E MELANCOLIA NA LÍRICA
DE RUY ESPINHEIRA FILHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários, da Universidade Estadual de Feira de Santana como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Orientador: Prof. Dr. Aleilton Santana da Fonseca

Feira de Santana, BA
2012

Ficha Catalográfica – Biblioteca Central Julieta Carteado

Novais, Mayara Michele Santos de
N821b Os bens maiores : memória e melancolia na lírica de Ruy Espinheira
Filho / Mayara Santos de Novais. – Feira de Santana, 2012.
136 f.

Orientador: Aleilton Santana da Fonseca.

Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Feira de Santana,
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários, 2012

1. Poesia brasileira – Estudo e crítica. 2. Espinheira Filho, Ruy –
Crítica e interpretação. 3. Poesia lírica. I. Fonseca, Aleilton Santana da,
orient. II. Universidade Estadual de Feira de Santana. III. Título.

CDU: 869.0(81)-1.09

MAYARA MICHELE SANTOS DE NOVAIS

**OS BENS MAIORES:
MEMÓRIA E MELANCOLIA NA LÍRICA DE
RUY ESPINHEIRA FILHO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Estudos Literários – PROGEL da Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS, como requisito para obtenção do título de Mestre em Estudos Literários.

Aprovada em: 28 de agosto de 2012.

Professor Doutor Aleilton Santana da Fonseca
Orientador – UEFS

Professora Doutora Patrícia Kátia da Costa Pina
UNEB

Professor Doutor Luciano Rodrigues Lima
UFBA

Dedico este trabalho aos meus pais e meu irmão, pela presença e apoio sempre constantes;

À memória do meu primo Henrique Júnior,
Aos grandes mestres de conhecimento que, direta ou indiretamente, contribuíram para meu crescimento intelectual;

Aos meus amigos e alunos;

Aos professores Cristiano Augusto da Silva Jutglá e Aleilton Santana da Fonseca;

Ao escritor Ruy Espinheira Filho.

AGRADECIMENTOS

Quão grande é a minha felicidade de poder compartilhar com os que amo esta etapa de vida, que agradeço a todos que passaram por ela, semeando conhecimentos, afetos e muito amor. Neste momento quero deixar os meus sinceros agradecimentos...

... Agradeço primeiramente a Deus, o meu refúgio, minha fortaleza, Pai Eterno;

... Aos meus pais Juraci e Marizete, as mais brilhantes estrelas de minha constelação, fonte de apoio, incentivo e infinito amor, sempre presentes;

... Ao meu irmão, que apesar de tantas brigas, nos momentos que mais preciso sempre se encontra ao meu lado;

...Ao meu orientador, professor e amigo, Aleilton Fonseca, pelas palavras de conforto, pela dedicação, pelos conselhos e orientações;

... Aos meus familiares, por acreditarem no meu potencial;

... Aos meus amigos, por confiarem que eu conseguiria, por me compreenderem;

...Aos meus alunos, com os quais aprendo cada dia a semear saberes;

...A Ruy Espinheira Filho, pela disponibilidade e atenção;

... Ao professor e orientador durante a graduação, Cristiano Augusto da Silva Jutgla, pela amizade e orientação constante, seja na monografia, no projeto e durante a monitoria de Iniciação Científica;

... Aos professores de Literatura Oton Magno Santana dos Santos, José Manuel Teixeira Castrillon, Heurisleides Teixeira Souza, Leandro Soares da Silva;

... Aos meus colegas de mestrado, com quem dividir minhas alegrias e angústias;

...A UNEB e a UEFS, universidades que mais do que simples espaço físico, foram casas que me acolheram e pelas portas aprendi que a vida está aí para ser trilhada;

... Aos meus professores de toda uma vida, construtores de caminhos;

...No momento final de tensões apareceram anjos na minha vida, que sempre tinham palavras amigas, de confiança, secando meus choros e trazendo-me sorrisos;

... A FAPESB, pela concessão da bolsa que viabilizou a realização da pesquisa;

Enfim, agradeço a todos aqueles que direta ou indiretamente contribuíram para a realização dessa vitória. Obrigada!

Hoje, se me pergunto por que amo a literatura, a resposta que me vem espontaneamente à cabeça é: porque ela me ajuda a viver (...). Ela nos proporciona sensações insubstituíveis que fazem o mundo real se tornar mais pleno de sentido e mais belo (...). Ela permite que cada um responda melhor à sua vocação de ser humano (...). O leitor (...) lê essas obras (...) para nelas encontrar um sentido que lhe permita compreender melhor o homem e o mundo, para nelas descobrir uma beleza que enriqueça sua existência; ao fazê-lo, ele compreende melhor a si mesmo. (Todorov)

RESUMO:

O presente estudo tem por objetivo analisar a memória e melancolia presente em alguns poemas de Ruy Espinheira Filho, retirados dos livros *Poesia reunida e inéditos* (1998), *Elegia de Agosto e outros poemas* (2005), *Sob o céu de Samarcanda* (2009), *Livro de canções e inéditos* (2011) e *Viagem e outros poemas* (2011). A escolha dessas obras se deu pelo fato de representarem praticamente todos os poemas publicados pelo autor até o presente ano da defesa da dissertação. A metodologia utilizada foi análise de forma e conteúdo de alguns poemas, a fim de perceber que apesar de o senso comum acreditar na ideia de memória de modo saudosista, os poemas do poeta baiano analisados vão no caminho oposto a essa visão, revelando as dores que o passado ainda remonta, e ainda pesquisa de bibliográfica específica acerca dos temas relacionados nessa dissertação, no caso, a memória e a melancolia na obra de Ruy Espinheira Filho bem como na poesia, em especial a contemporânea. O eu lírico não deseja reviver o tempo pretérito, mas reconhece que sua identidade se constitui a partir de suas vivências. Sabemos que o passado nunca é devolvido ou revivido no presente tal como foi, mas pela memória é possível resgatar, ainda que de forma seletiva, esquecendo e/ou acrescentando elementos um tempo que não mais permanece. O eu lírico nos poemas analisados revela uma fragilidade humana, tem a morte como única certeza, mas por não ter um passado bem solucionado volta a ele, por meio das recordações, ainda que para isso necessite sofrer novamente. Ele se sente preso ao passado, por este constituir sua vida ou por questões mal resolvidas e que continuam presentes. Ao refletir sobre as perdas obtidas com o tempo, o sujeito lírico se sente ensimesmado, tornando-se um ser melancólico e, portanto, memorialista.

Palavras-chave: Ruy Espinheira Filho. Memória. Melancolia. Lírica. Tempo.

ABSTRACT:

This study aimed to analyze the present memory and melancholy ipresent in some poems byn Ruy Espinheira Filho, taken from books *Poesia Reunida e Inéditos* (1998), *Elegia de Agosto e outros poemas* (2005), *Sob o céu de Samarcanda* (2009), *Livro de canções e inéditos* (2011) e *Viagem e outros poemas* (2011). The choice of these works was due to the fact that they have almost all the poems published by the author to the present year of the dissertation. The methodology used was analysis of form and content of some poems in order to realize that despite the common sense to believe in nostalgia mode memory idea, the poems of the Bahian poet analyzed go the opposite way to that vision, revealing the pain that the past still dating, and even specific bibliographic research about the related topics in this thesis, in this case, memory and melancholy in the work of Ruy Espinheira Filho and poetry, especially contemporary. The lyrical I do not want to relive the past tense, but recognizes that their identity is formed from their experiences. We know that the past is never returned or revived in the present as it was, but the memory can be recovered, albeit selectively, forgetting and / or adding elements a time that no longer remains. The lyrical poems in the analyzed reveals a human frailty, has the death as the only sure, but not to have a past and settled back to him through the memories, even if for this need to suffer again. He feels stuck in the past, for this be your life or unresolved issues, which are still present. In reflecting on the losses obtained in time, the lyrical subject feels self-absorbed, becoming a being melancholy and therefore memoirist.

Keywords: Ruy Espinheira Filho. Memory. Melancholy. Lyric. Time.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
1. NOS DOMÍNIOS DA MEMÓRIA.....	18
1.1. A MEMÓRIA DOLOROSA.....	18
1.2. O PASSADO INDELÉVEL NO POEMA “SE AGORA ME PROCURASSES”.....	21
1.3. O EU LÍRICO MNEMÔNICO NO POEMA “INÚMERO”.....	28
1.4. ANIVERSÁRIO: COMEMORANDO RECORDAÇÕES.....	39
1.5. FUGA DO TEMPO PRESENTE: PRETÉRITO PRESENTE NA MEMÓRIA.....	46
1.6. OS FANTASMAS DA MEMÓRIA.....	51
1.7. LIRISMO, MEMÓRIA E MELANCOLIA.....	56
2. MELANCOLIA E LIRISMO: O PASSADO SEMPRE PRESENTE.....	67
2.1. A MELANCOLIA NA LÍRICA DE RUY ESPINHEIRA FILHO.....	67
2.2. A PRESENÇA NA AUSÊNCIA.....	68
2.3. A MELANCOLIA EXISTENTE NOS POEMAS INVERNAIS.....	71
2.4. OS JARDINS NAS OBRAS DE RUY ESPINHEIRA FILHO.....	80
2.5. CHOVE MELANCOLIA SOBRE O MUNDO: REFLEXÕES NA LÍRICA DE RUY ESPINHEIRAFILHO.....	89
2.6. O TEMPO E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA MELANCÓLICA.....	96
2.7. SONHOS: RECRIAR OU REVISITAR O PASSADO?.....	102
2.8. DIÁLOGOS.....	109
2.8.1. Poesia e prosa: Dois lados da mesma moeda.....	109
2.8.2. Diálogos entre poetas: Ruy Espinheira Filho, um leitor de Carlos Drummond de Andrade.....	116
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	126
REFERÊNCIAS.....	128

INTRODUÇÃO

Pensar em Ruy Espinheira Filho automaticamente nos remete ao estudo da memória, não que estejamos fazendo biografia, pois não é a nossa intenção, mas ao lermos seus escritos, sejam textos poéticos ou em prosa, percebemos o forte traço mnemônico.

Memória, tema percebido por vários estudiosos da obra espinheiriana. Sabemos que algumas dissertações já foram defendidas sobre obras do autor baiano, e sempre algum comentário é tecido sobre a memória em seus escritos, ainda que não seja o tema central de nenhuma delas.

Iacyr Anderson Freitas produziu a primeira dissertação e estudo aprofundado sobre a obra do escritor, tratando das perdas e conseqüentemente das causas e reações do eu lírico que durante a sua vida precisará se acostumar com as perdas até do próprio passado, trabalho defendido pelo programa de mestrado da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Pela Universidade Estadual de Feira de Santana já foram defendidas duas dissertações que também se fundamentam na obra literária de Espinheira Filho. Valéria Lessa Mota, com seu estudo sobre as cidades na poesia de Ruy Espinheira Filho, fazendo paralelos com a cidade que habita o eu lírico e o eu lírico que a habita ou habitava, textos, por sinal, com profundas marcas memorialísticas e melancólicas. E o trabalho de Adriano Eysen Rego sobre a morte e o amor na lírica espinheiriana.

Pela Universidade Federal da Bahia uma dissertação também foi defendida sobre a crítica e criação literária em Espinheira Filho por Alex Simões. E pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Luciano Lanzillotti defendeu seu texto sobre tempo e memória na obra do escritor baiano.

Notamos que a memória ganha uma vertente mais melancólica, uma interligada à outra, uma vez que pela memória alguns elementos do passado são retomados, além de que a própria melancolia seria um típico aspecto de quem ainda não se distanciou completamente do tempo pretérito, visto que há questões não solucionadas que povoam a mente do eu lírico, voltando sempre a doer ou alegrar o presente, sendo este tempo da memória ligado por uma linha tênue, muitas vezes sendo o tempo uma junção do passado e presente, o tempo da memória melancólica do eu lírico.

A escolha do tema pautou-se pela realização de um projeto de monitoria de Iniciação Científica da Universidade do Estado da Bahia sobre Literatura Baiana, o que resultou numa pesquisa mais profunda sobre a temática, culminando na monografia de conclusão de curso da

graduação em Letras Vernáculas, analisando três poemas do autor. A partir do estudo ficou perceptível que há muito mais imerso do que as visíveis “pontas de iceberg”¹. A escolha da temática também se deu devido às inquietações acerca da memória e da melancolia presentes em tais poemas escolhidos, uma vez que retratam aparentemente o eu lírico com suas recordações e sua sentimentalidade diante do conflito em que se encontra. Assim, no mestrado realizado pela Universidade Estadual de Feira de Santana resolvemos ampliar esse estudo.

A escolha dos cinco livros de Ruy Espinheira Filho se deu pelo fato de representarem praticamente toda a obra lírica até a presente data, já que o *Poesia Reunida e Inéditos* (1998) traz todos os livros lançados de 1974² a 1998, *Elegia de Agosto e Outros poemas* (2005) os poemas lançados de 1996 a 2004 e também o livro de poesia *A cidade e os sonhos, Sob o Céu de Samarcanda* (2009) são os poemas escritos de 2005 a 2009 e aparecem 7 poemas até então inéditos, ditos “sete poemas de outra era”, *Livro de Canções e inéditos* (2011), que resgata os poemas intitulados canções, além de 3 poemas inéditos e *Viagem e outros poemas* (2011), como o próprio título sugere poemas que representam as viagens do eu lírico e reflexões acerca da existência.

É notório nos poemas escolhidos de Ruy Espinheira Filho a memória apresentar-se como elemento fundamental em sua poética, afinal, as recordações constroem a existência humana, todavia, estas não aparecem como nostálgicas, ou seja, enquanto desejo de retorno ao passado, mas certezas das perdas como algo perdido.

O motivo da escolha destes poemas está no fato de Ruy Espinheira Filho apresentar uma obra que revela uma profunda intimidade com seu contexto local, no caso, a literatura baiana. Ao mesmo tempo, a consciência de Ruy Espinheira Filho acerca de seu contexto e tradição, geográfica e culturalmente falando, estabelece um intenso diálogo com a literatura brasileira e estrangeira, canônica e não canônica, tanto em questões formais como em temas e impasses como, por exemplo, a memória e o tempo se apresentarem marcadamente melancólicos.

O objetivo desse trabalho é analisar elementos de forma e conteúdo em poemas dos livros citados, de Ruy Espinheira Filho, bem como fazer uma discussão acerca da relação entre memória, melancolia e poesia na modernidade, a fim de ressaltar a presença mnemônica e a tensão do eu lírico na obra do poeta baiano. Além disso, identificar e analisar imagens e traços formais da questão da memória enquanto movimento dialético de tentativa de

¹ Expressão utilizada por Alfredo Bosi no texto “O tempo e os tempos” presente no livro *Tempo e História*, organizado por Aduardo Novaes.

² Ano do primeiro livro lançado individualmente, *Heléboro* (1974), mas em 1973 o poeta juntamente com Antonio Brasileiro escreve um livro intitulado *Poemas*.

lembrança e consciência da perda; discutir a fragilidade e o conflito do eu lírico em tais poemas de Ruy Espinheira Filho; analisar a questão do passado como elemento, contraditoriamente e/ou paradoxalmente, presente na obra poética de Ruy Espinheira Filho e perceber a relação da memória e melancolia na poesia espinheiriana.

Nosso trabalho se divide em dois capítulos. O primeiro voltado para a memória, ainda que sempre haja elementos melancólicos e o segundo capítulo tratará da melancolia, também a partir de textos mnemônicos.

Não podemos deixar de tecer alguns comentários acerca da fortuna crítica do escritor, essa que por sinal já possui um número significativo, pois muitos artigos já foram apresentados, principalmente sobre a poética espinheirana.

Ruy Alberto d'Assis Espinheira Filho, filho de Ruy Alberto de Assis Espinheira e Iracema D'Andréa Espinheira, nasceu em Salvador, capital da Bahia em 12 de dezembro de 1942. Morou em algumas cidades baianas, como Poções durante sua infância e Jequié no período da adolescência, retornando a Salvador para continuar os estudos. Por volta de 1961 participou do grupo de Carlos Anísio Melhor, começando a publicar na revista *Serial* – criada por Antonio Brasileiro - e na década de 60 ainda, inicia sua vida jornalística, trabalhando como cronista na *Tribuna da Bahia*, também colaborou com o *Pasquim*. Graduado em Jornalismo (1973), mestre em Ciências Sociais (1978) e doutor em Letras (1999) pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), e doutor *honoris causa* pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB) em 1999. Ruy Espinheira Filho é professor aposentado, antes era associado do Departamento de Letras Vernáculas do Instituto de Letras da UFBA. Espinheira Filho é membro da Academia de Letras de Jequié e da Academia de Letras da Bahia.

Publicou vários livros de poesias, entre eles: *Poemas* (com Antonio Brasileiro) (1973), *Heléboro* (1974), *Julgado do vento* (1979), *As sombras luminosas* (1981), *Morte secreta e poesia anterior* (1984), *A guerra do gato* (infantil) (1987 e com uma 2ª edição em 2005), *A canção de Beatriz e outros poemas* (1990), *Antologia breve* (coleção *Poesia na UERJ*, publicado em 1995), *Antologia poética* (1996), *Memória da chuva* (1996; 3ª impressão 1999), *Livro de sonetos* (1998), *Poesia reunida e inéditos* (2ª ed. 1998), *Livro de sonetos* (2ª. ed. rev. ampl. e il. 2000), *A cidade e os sonhos/Livro de sonetos* (2003), *Elegia de agosto e outros poemas* (2005), *Romance do sapo seco: uma história de assombros* (2005), *Sob o Céu de Samarcanda* (2009), *Livro de Canções e inéditos* (2011) e *Viagem e outros poemas* (2011). Livros de ficção escreveu, *Sob o último sol de fevereiro* (crônicas) em 1975, *O vento no*

tamarindeiro (contos) em 1981, *Ângelo Sobral desce aos infernos* (romance) em 1986, *O rei Artur vai à guerra* (novela), *O fantasma da delegacia* (novela) (1988; 2ª ed. 1989), *Os quatro mosqueteiros eram três* (novela), de 1989, *Últimos tempos heróicos em Manacá da Serra* (romance) publicado em 1991, *Um rio corre na Lua*, romance de 2007, *De paixões e de vampiros: uma história do tempo da Era* (romance) em 2008 e *Andrômeda e outros contos* em 2011. Escreveu ainda três ensaios: *O nordeste e o negro na poesia de Jorge de Lima* em 1990, *Tumulto de amor e outros tumultos — criação e arte em Mário de Andrade* em 2001 e *Forma e alubrimento — poética e poesia em Manuel Bandeira* em 2004.

Quanto ao escritor e o período em que produz, podemos dizer que Ruy Espinheira Filho escreve no período tido como contemporâneo, tempo também propício à melancolia e à utilização da memória; e tais marcas de ruínas aparecem com grande força na poesia brasileira do século XX, em especial, a partir dos anos sessenta, década em que Ruy começa a escrever, visto que os poemas de *Heléboro* são escritos entre 1966 a 1973.

Ruy é um poeta presente na modernidade, período caracterizado por ser um tempo de dúvidas, quebra dos paradigmas, novas perspectivas, certezas desfeitas, por isso o mergulho na memória e a tendência à melancolia sem, contudo, ser saudosistas, nostálgicos. Uma vez que o passado não é tão perfeito, assim como o presente e futuro são incógnitas ou estão acontecendo ainda, mas esse tempo pretérito é a única certeza na vida do eu lírico, visto que já passou e é sua identidade, sua história de vida.

Alana Freitas El Fahl publicou um artigo em 2005 sobre as arquiteturas do texto e da memória, no qual ela declara

A memória se constitui como a única possibilidade de revisitar o tempo pretérito. Só através dela podemos recordar, ou seja, trazer de volta ao coração nossas lembranças mais caras. Essa possibilidade fugidia de retorno ao passado surge com muita força na poesia lírica, pois é justamente nesse gênero, que as cordas da memória são capazes de reconstruir uma experiência sentimental, vivida ou desejada, que as tensões do presente não foram capazes de sepultar. (EL FAHL, 2005, p. 1)

Numa entrevista à revista *Princípios*, o escritor de *As sombras luminosas* (1981) é indagado sobre o processo de criação no contexto histórico de globalização da economia e da cultura, novas doenças, blocos econômicos, guerras terroristas, desequilíbrios ambientais e sociais, o poeta diz ser apenas um ser humano que sente os impactos como todo mundo, aliás, “atinge ainda mais, devido a sua particular sensibilidade, que capta tanto o que está acontecendo quanto o que vai acontecer. Aquela história de que os artistas são “ ‘as antenas da raça’ ”, como dizia Ezra Pound, não é só frase de efeito, é coisa séria.” (JATOBÁ, 2010, *online*). Ruy Espinheira Filho ainda acrescenta que os artistas põem sua sensibilidade a

serviço geral, mas não são escutados, visto que a sociedade muitas vezes não “tem tempo” para apreciar tais realidades em forma de poemas. Segundo ele, os poetas “se envolvem com tudo o que diz respeito à condição humana. Nada que é humano é alheio a eles, como no verso de Terêncio. Quanto à minha literatura, não é exceção, sou um homem entre os homens, e o que escrevo emana dessa condição” (JATOBÁ, 2010, *online*).

O próprio livro *A canção de Beatriz e outros poemas* (1990), no qual consta o poema “Se agora me procurasses”, é um exemplo de como literatura e sociedade andam juntas, pois a ideia surge pelo depoimento de uma prostituta que sofre abusos e é violentada por namorados. No ano de 1990, o *Suplemento literário de Minas Gerais* publica uma matéria de Olga Savary sobre este livro de Ruy Espinheira Filho, que tem como subtítulo (depoimento de uma prostituta a uma repórter). No artigo publicado em jornal, ela diz que “pela poesia resgata-se o perdido pelo sortilégio da memória: passe de mágica, conforto.” (SAVARY, 1990, p.11), uma marca que o acompanhará pelos seus escritos.

Escritor em processo de reconhecimento, muito da crítica acerca da sua obra encontra-se em jornais, sejam eles impressos ou divulgados na internet. É possível destacar fragmentos que apontam que o escritor escreve com traços melancólicos e da memória como agente que pode visitar o passado, sem, é claro, voltar a ele. Em relação à memória e o escritor baiano, para muitos críticos esta é uma característica do autor, ele é conhecido como “o poeta da memória, do passado que não passa e da inquietante condição humana” (MARTINS, 2008, *online*), ou ainda, o traço mnemônico é visto por Miguel Sanches Neto como “a grande marca de Ruy Espinheira Filho, cuja nasce no território da memória” (SANCHES NETO, 2010, *online*), pois para ele somos animais recordativos, visto que “o homem existe porque existe como memória”. Em todos os textos de Ruy, uns mais outros menos, há este coração pretérito.

O próprio autor reconhece esse passado indelével em sua lírica e que as perdas são as certezas que nos esperam. Para Espinheira Filho todo autor escreve com a memória, mas o que marca exatamente a lírica espinheiriana não é o fato de o autor usar a memória, mas do eu lírico ser um sujeito mnemônico. Na entrevista concedida a Elieser Cesar, ao poeta baiano é perguntado se a marca mnemônica não torna melancólica a poesia, respondendo que ele não é um sujeito existencialmente melancólico, mas que quando reflete fica melancólico, “porque a vida é melancólica. Quando você fala em perdas, é porque teve conquistas. Você só perde aquilo que um dia possuiu e conquistou. Esta é a história da vida e não há outra. A vida é feita de perdas” (CESAR, 2010, *online*). A relação entre melancolia, memória, lírica

contemporânea aparecem como elemento frequente e impulsionador na criação literária na modernidade, e em especial, na contemporaneidade. O poeta concede várias entrevistas em sites, jornais impressos, revistas, e quase sempre é questionado sobre o passado e a memória presente em suas obras, respondendo que é conhecido como “poeta da memória”, comenta sobre outros poetas memorialísticos, por exemplo, Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, Jorge de Lima, entre outros. Segundo o poeta, a única coisa que realmente possui é a memória, “o presente é o que acabou de passar. O futuro... Bem, o futuro é uma projeção, uma possibilidade. Quando se realiza, não se realiza. Ou seja: deixa de ser futuro. Bandeira escreveu num poema: “ ‘ O futuro diz o povo que a Deus pertence./ A Deus... Ora, adeus!’ ” (LEÃO, 2010, *online*).

O escritor revela que sua poesia não é um refúgio, não deseja reviver o que se passou, mas destacar as perdas da vida, pois essas são inevitáveis, por isso sua lírica se torna melancólica. Melancolia é um estado de espírito que vem da certeza de que o passado não pode ser vivido tal como foi, mas que por assuntos não solucionados continuam a doer no presente ou a serem revisitados, tentando imaginar qual desfecho teria tomado, sem que o eu lírico espinheiriano desejasse mudá-lo, mas fica reflexivo ao pensar sobre a vida, as mortes, os amores e desamores, os rumos tomados, as questões sem respostas, uma memória que serve de resgate e de encontro do sujeito poético com sua identidade, com sua história, consigo mesmo.

Ruy Espinheira Filho concorda com a afirmação de que sua lírica seja melancólica e mnemônica, afinal para ele sua poesia “é mesmo muito melancólica. Não é uma atitude intelectual: é que a vida é assim...” (LEÃO, 2010, *online*).

Em entrevistas o autor sempre é indagado sobre a alcunha “poeta da memória”, respondendo que qualquer escritor vale-se da memória para escrever, seja a sua ou de outrem, pois é dela que provêm as possibilidades de escrita.

Como já mencionado, muito do que se encontra sobre a obra do autor de *Morte secreta e poesia anterior* (1984) está em periódicos. Numa das entrevistas concedidas pelo escritor, ele é indagado pela revista *Capitu* o que achava da alcunha “poeta da memória”, o escritor responde de forma parecida ao que já disse em outras entrevistas, mas declara que somos nosso passado, somos o que já vivemos, “sendo assim, tudo que nós possuímos de fato é memória. O escritor, qualquer escritor, escreve principalmente com a memória. Só podemos escrever, produzir, com a nossa experiência, nossa experiência pessoal. Cada artista tem a sua. A memória é a fonte. Não há outra.” (NOTÍCIA DA REDAÇÃO, 2010, *online*), numa relação

quase que primordial o uso da memória, pois é de onde provêm todas as possibilidades de escrita.

Em entrevista a Luciano Lanzillotti pela revista *Plástico Bolha*, o autor pontua que

E, como escrevo com a vida, é claro que a consciência do tempo teria de estar presente. Quanto ao passado, é a única coisa que realmente possuímos — e que a fabulista memória vai tornando mais preciosa. Enfim, escrevo com o que há de mais forte em mim: o sentimento do efêmero e a memória. Que é o que somos todos nós: nossa memória; nosso passado. (LANZILLOTTI, 2010, p. 15)

Portanto, o escritor Ruy Espinheira Filho é um poeta que se vale da memória para escrever e cuja poesia guarda um passado indelével, histórias que marcaram o eu lírico e que são recordadas mesmo que melancolicamente, mas que não são esquecidas, pois a memória faz presente mesmo pretérita.

O poeta foi considerado por Cacaso em *Leia Livros* como “uma referência importante na renovação que se processa no lirismo brasileiro” (BRITO, 1982, p. 4-5), ainda recebendo méritos quanto sua lírica foi aclamado por Carlos Felipe Moisés no jornal *O Estado de S. Paulo*, artigo sobre “A canção de Beatriz”, o qual pontua que “(...) a poesia de Ruy Espinheira registra, no seu conjunto, de maneira muito pessoal e autêntica, algumas das linhas de força da poesia e da vida cultural do País nas últimas décadas” (MOISÉS, 1991, p. 10). É um poeta que já ganhou vários prêmios, entre eles cito alguns como o Prêmio Nacional da Poesia Cruz e Sousa com o livro *As sombras luminosas* (1981), o prêmio Ribeiro Couto da União Brasileira de Escritores em 1998 com o livro *Memória da Chuva* (1996 a primeira impressão e 1999 a terceira), o Prêmio Academia Brasileira de Letras de Poesia e o Prêmio Jabuti da Câmara Brasileira do Livro em 2006, citando apenas alguns prêmios referentes à sua obra poética, fora as menções, várias obras como finalistas de concursos e prêmios, e os destaques em suas obras de ficção.

Utilizamos como metodologia, inicialmente, o levantamento e análise da fortuna crítica do poeta, a fim de compreender o estado da questão da memória no tocante à sua recepção crítica. Em seguida passamos à leitura dos poemas selecionados, a fim de perceber que estes não apresentam a memória como instância tranquila, em um desejo de retorno ao passado, como se este fosse perfeito, mas algo inquietador, de impasses constitutivos do sujeito indicadas nas imagens tensas, pois o tempo pretérito não se mostra como dado superado ou resolvido, pelo contrário, os fatos ocorridos são elementos intensamente presentes na existência do sujeito ao longo dos textos.

É necessário acentuar ainda que realizamos pesquisas bibliográficas específicas acerca dos temas relativos a este trabalho, no caso, a memória e a melancolia na obra de Ruy Espinheira Filho bem como na poesia, em especial a contemporânea.

Percebemos ser Ruy Espinheira Filho um escritor contemporâneo, que escreve de acordo o seu tempo real e seu tempo da memória, que revela em seus poemas a sensibilidade em resgatar o pretérito e a dor que muitas vezes é a única companhia que possui na trajetória de vida constituída por perdas, recordações e uma memória que ainda dói ao lembrar.

O QUE SOMOS

Críticos dizem do poeta:
um lavrador da memória.

Sim, certamente é isto, pois
dos nossos comos e ondes

só sabemos quando, diante
de nós mesmos, recordamos

nosso enredo nas batalhas,
as bandeiras, as mortalhas,

as trevas, as claridades,
os olvidos, as saudades...

Aqui, o riso. Ali, a dor.
E o amor. E o desamor.

Mas sabe o poeta das sendas
da alma de névoas e lendas

que, em meio ao que de nós vemos,
pode contar outras glórias

vindas de acordes profundos
que tecem, na história, estórias

(quase sempre onde ficamos
melhor: no que fabulamos).

Enfim, o que todos somos
é só o que até hoje fomos,

ou que sonhamos que fomos
(e então sonhamos que somos...)

E assim vai singrando a vida,
rumo ao indesejado cais.

E vamos nós, nessa ida,
levando tudo o que somos:

as ficções da memória
e o que já não somos mais...

(Ruy Espinheira Filho)

1. NOS DOMÍNIOS DA MEMÓRIA

1.1. A MEMÓRIA DOLOROSA

A memória é um tema recorrente na lírica de Ruy Espinheira Filho, conforme apontam os estudiosos de sua obra lírica e ficcional. No entanto, não se trata de uma memória romântica (com licença para o termo romântica, uma vez que a ideia expressa seria da memória saudosista, presa as cores locais como na 1ª geração poética do Romantismo brasileiro ou ainda a segunda geração que entre vários assuntos discutidos, temos a nostalgia de um tempo vivo nas lembranças de um período da infância), pois o eu lírico se vale das recordações para permanecer vivo, para construir sua existência, reconhecendo seu passado. Tampouco é uma memória nostálgica (nostalgia no sentido de se prender essencialmente ao passado, lembrá-lo como se ele fosse o único período de boas recordações e motivos para continuar a escrever ou viver), pois não deseja esquecer-se do presente e voltar ao passado, mas o rememora, – muitas vezes sofrendo –, por este não ter sido finalizado, ao menos não para eu poético.

Ao nos remetermos ao termo memória, voltamos aos antigos gregos que já acreditavam estar ela relacionada com a musa Mnemosine. E o poeta, ser divino, tinha o papel de registrar a memória de um povo, salvando do esquecimento. Já os romanos valorizavam a memória devido à arte retórica. Com o passar do tempo outras definições foram dadas à palavra e significados foram acrescentados, entre eles a ideia de que a memória contribui para o conhecimento dos fatos passados, sejam eles de um grupo ou de um ser específico.

Sabemos que a memória é a capacidade humana de reter o que aconteceu e, de acordo um dos estudiosos do tema, Halbwachs, a “lembrança é uma reconstrução do passado com a ajuda de dados tomados de empréstimo ao presente e preparados por outras reconstruções feitas em épocas anteriores” (HALBWACHS, 2006, p. 91). Assim, notamos que o passado muitas vezes volta à tona no presente, quase sempre por questões que não foram solucionadas ou que provocam dor ao serem reevocadas. A lembrança muitas vezes é um misto de tempo pretérito com o presente e ainda, recriações desse tempo anterior; afinal não há como reviver o tempo pretérito tal como aconteceu, visto que o tempo é mutável. Os seres não são os mesmos de antigamente e nem tudo que ocorreu foi como pensamos, uma vez que podemos fantasiar, preencher lacunas ou esquecer acontecimentos, isso sem contar que pessoas

guardadas na memória podem se encontrar mortas, o que literalmente impossibilita uma reconstrução do passado.

A memória “guarda” um tempo já vivido, representando a própria identidade de cada ser, pois seus momentos significativos pretéritos são presentificados quando “buscados” nos vãos da memória. Alfredo Bosi afirma que “a evocação é um momento da alma que vai do presente do ‘eu’ lírico para o pretérito, e daí retorna, presentificando, ao mesmo tempo de quem anuncia” (BOSI, 2004, p. 185). Nessa lógica, o eu lírico sempre volta aos laços do passado, mas retorna ao presente com elementos “reais” e outros acrescentados.

Em poemas de Ruy Espinheira Filho vale lembrar que o eu lírico se encontra preso a um passado que representa impasse e tensão. A tensão na poesia não é uma marca apenas do poeta baiano, mas também dos escritores modernos e contemporâneos; para citarmos apenas alguns, temos como exemplo Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade, entre os poetas que representaram uma memória melancólica ao referir-se ao tempo passado, e sempre mencionados pelo próprio Espinheira Filho em suas entrevistas sobre esse elemento mnemônico de suas obras. Trata-se de um traço da modernidade na literatura, que remonta aos tempos de Charles Baudelaire (1821-1867), considerado o primeiro poeta moderno. Segundo Marshall Berman:

Baudelaire mostra como a vida na cidade moderna força cada um a relacionar esses novos movimentos; mas mostra também como, assim procedendo, a cidade moderna desencadeia novas formas de liberdade. Um homem que saiba mover-se dentro, ao redor e através do tráfego pode ir a qualquer parte, ao longo de qualquer dos infinitos corredores urbanos onde o próprio tráfego se move livremente. Essa mobilidade abre um enorme leque de experiências e atividades para as massas urbanas. (BERMAN, 1986, p. 154-155).

Baudelaire ao escrever sobre sua própria condição de homem na multidão, vivendo um tempo remoto e com profundas mudanças científicas, tecnológicas e na mentalidade do povo (revoluções, lutas de classes, reformas), o que viria a ser a marca da modernidade- o avanço tecnológico - expressa o sentimento confuso, em que as certezas caem por terra. A modernidade é um tempo de dúvidas, buscar desvendar novas possibilidades de vida. É Baudelaire o poeta conhecido como fundador da poesia da cidade, “o poeta da modernidade, epíteto de Charles Baudelaire, funda a poesia oriunda da cidade” (SANTOS, 2009, p. 54).

Sabemos que literatura e sociedade caminham interligadas, não que a primeira seja o retrato da segunda ou que vivam condicionadas uma à outra, mas partilham das mesmas inquietações, uma vez que não tem como se distanciar do período em que se escreve (ainda que o autor busque ao máximo construir um mundo fictício, vestígios do momento histórico

em que vive serão inseridos, nem que seja involuntariamente). Dessa forma, o autor e suas obras em estudo acabam refletindo um tempo moderno/contemporâneo, retratando a cidade, seus habitantes e impasses. Em relação à modernidade, Bradbury e McFarlane acreditam que

em geral supomos que a crise do modernismo se fez sentir de modo particularmente agudo na poesia porque, mais do que todos os outros gêneros, ela tende a vivenciar as transformações nas relações e crenças de uma cultura no nível direto da relação sujeito-objeto e na própria base da forma e da linguagem. (BRADBURY; McFARLANE, 1989, p. 253).

Essa crise sofrida na modernidade, em que paradigmas não mais existem com certezas, em que o homem moderno vive uma rápida mudança nos diversos setores sociais, trouxe também como consequência a presença da memória nos tipos representados pela literatura. Entre um dos motivos, percebemos que “a exagerada confiança nos avanços científicos e tecnológicos, e a promessa velada de que, a partir de então, o homem reinaria soberano sobre si mesmo e sobre o mundo, ruiu e deu lugar a uma atmosfera oposta: a melancolia (...)” (PEREIRA, 2010, p. 26-27). O homem moderno guarda em si a melancolia por ainda ficar preso ao passado, mas sem desejo de retomá-lo, assim, por não saber exato porque sofre ele se torna melancólico e ao mesmo tempo memorialístico.

Quanto à lírica, o papel da poesia contemporânea segundo Vilma Paz é a busca do passado que

só é possível através da memória que o presentifica e reconstitui. O tempo que atravessa a poesia é o tempo presente. Mesmo o passado rememorado só é possível nesse tempo, porém é preciso lembrar que essa recuperação não é total, pois nem mesmo os sujeitos que se inter-relacionam nesse tempo presente possuem a mesma percepção sobre os objetos, pessoas, sobre si mesmos e sobre a sua própria história passada. (PAZ, 2008, p. 398).

Dessa forma, notamos que a memória é o elemento que presentifica e pode reconstruir o passado, ainda que não o resgate tal como foi (uma vez que é impossível). Aleilton Fonseca aponta que na modernidade o poeta tenta “restaurar as possibilidades da visão poética do mundo e das relações entre os homens, ainda que em contradição profunda com o senso comum da sociedade cotidiana” (FONSECA, 2000, p. 46). Contradição esta que ainda existe pelo paradoxo da própria modernidade.

Em relação ao gênero poesia, Alfredo Bosi em *O ser e o tempo da poesia*, afirma que “Giambattista Vico, falando da linguagem dos rapsodos gregos, sugere que ‘por necessidade natural’, os primeiros povos deviam falar ‘em ritmo heroico’ para melhor reterem na memória

as gestas da tradição” (BOSI, 1977, p. 70), nesse sentido memória e poesia sempre andaram unidas.

Ruy Espinheira Filho é considerado o poeta que fala do passado, como em versos consagrados afirmando que “o que respiro é ontem” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 91), todavia, conforme Ivan Junqueira “não seria correto afirmar aqui que Ruy Espinheira mantém os olhos voltados para o passado, mas convém deixar claro que sua matéria primordial é a memória, uma memória que se resgata enquanto tempo presente porque tem a iluminá-la uma flama interior” (JUNQUEIRA, 1998, p. 79-80).

Concordamos com Junqueira, pois o poeta não expressa que o tempo passado era perfeito, numa nostalgia, mas reconhece que nosso presente só existe porque houve um passado como base de nossa vida. Acreditamos também que pelo fato de muitas vezes não vivermos tudo que queríamos, algumas questões continuam a incomodar. E ainda, pelas lembranças de tempos e pessoas que já perdemos, há momentos que só podem viver na memória.

Partindo desse pensamento sobre essas configurações, pretendemos analisar a presença do sujeito poético que se vale da memória como elemento constitutivo na poesia de Ruy Espinheira Filho, assim como a relação existente entre as recordações e o sentimento do eu lírico.

1.2 O PASSADO INDELÉVEL NO POEMA “SE AGORA ME PROCURASSES”

O poema “Se agora me procurasses” foi publicado pela primeira vez na coletânea *A canção de Beatriz e outros poemas*, em 1990. O motivo do título do livro se deve à sua peculiar gênese literária.³ No mesmo ano, o *Suplemento literário de Minas Gerais* publica uma resenha de Olga Savary sobre a coletânea, comentando sobre o resgate do tempo perdido através da poesia, uma marca que acompanhará o poeta na maioria de seus escritos.

No poema “Se agora me procurasses”⁴ percebemos um passado indelével, que a memória não apaga, mas sim resgata. O poema apresenta nos impasses da memória – e, por consequência, na melancolia da recordação –, uma tensão que acompanha o sujeito lírico e se

³ A escrita do longo poema “A canção de Beatriz”, que dá título ao conjunto, foi motivada pela leitura que o poeta fez de uma entrevista de uma prostituta a uma repórter. Esse poema constitui a terceira parte do livro. Quando sai a coletânea da Editora Record reunindo a poesia do autor, o poema se faz presente. Cf.: ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Poesia reunida e inéditos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

⁴ O poema foi também publicado num jornal de Salvador-Bahia, mas só encontramos o recorte da página com o poema, com uma imagem, mas sem data, sem nome do jornal nem dados complementares. Sabemos, no entanto, que além do livro ele também foi veiculado em periódicos.

projeta nos leitores, já que não há como voltar ao passado, o futuro é incerto e o presente ainda está acontecendo.

SE AGORA ME PROCURASSES

Não é nada, eu te diria,
 se agora me procurasses.
 É só um menino antigo
 que num dourado crepúsculo
 vai voltando para casa.
 É só um rio de águas escuras,
 pesadas, cortando o vale.
 É só essa grama verde,
 ainda úmida de orvalho,
 que ela pisa indiferente
 e se vai, os pés descalços.
 É só a lua velando
 a praça da noite alta,
 e aquele amigo cantando,
 e esse outro embriagado,
 e o violão com seu lamento
 sob janelas fechadas.
 É só esse corpo triste
 da mulher da madrugada,
 de que me afasto levando
 o desencanto comprado.
 É só a menina branca
 que, num sono, inviolável,
 lá se vai para a colina
 em seu caixão pequenino
 sob a garoa da tarde.
 É só a moça que dói,
 espezinha, humilha, mata,
 lança-me as cinzas ao vento
 com seu jeito de passar...
 É só a estrada poeirenta
 que vive a nos separar
 (parte quem não quer partir,
 fica quem não quer ficar).
 É só a boca amarga sem
 o beijo da poesia,
 e aquele olhar- desvelado!-
 penetrando o céu vazio...
 Ah, se tu me procurasses
 agora, eu te diria
 que comigo não há nada:
 é só tão pouca alegria,
 é só a memória doendo,
 é só a vida que se vai,
 é só eu que estou sofrendo...

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 207-208).

O título do poema “Se agora me procurasses” sugere a possibilidade de um reencontro, pois o eu lírico provavelmente sofre pela perda de algo ou alguém. A pessoa que o procuraria

não se encontra presente em sua vida. E o poeta não tem certeza de que ela o procurará no tempo atual.

O poema começa com uma inquietação. O próprio título guarda a inconstância sofrida pelo eu lírico perante a vida. A forma do poema dá uma ideia de continuidade, num fluxo composto por 45 versos, em apenas uma estrofe. A estrutura lírica nos sugere uma rememoração ou a evocação de um possível diálogo. Assim, inicia com um advérbio de negação e repete as palavras do título. O sujeito lírico se pronuncia no poema, reportando-se a uma pessoa que não está presente, mas já participou da sua história de vida, ou o conhece a ponto de dialogar com ele. E ele como que a tranquiliza, prevenindo: “não é nada, eu te diria, / se agora me procurasses” (p. 207). O eu lírico não expressa nenhuma reação com esses versos, como se nada acontecesse ou o inquietasse. Todavia, nos versos seguintes ele descreve como se sente no momento atual que, porventura, poderia ser o instante em que alguém o procurasse e perguntasse o que lhe passa.

O poema, em tom melancólico, resgata um instante da trajetória de vida, e explica que “é só um menino antigo/ que num dourado crepúsculo/ vai voltando para casa” (p. 207). Essa figura evoca e representa a infância e as lembranças do eu lírico que, já adulto, guarda em sua memória o tempo passado, associado à imagem do “menino antigo”. Em seguida, o crepúsculo é associado à descoberta, à busca da identidade. Este crepúsculo é dourado, ou seja, sua luminosidade resiste ao desgaste do dia. Por associação, representa a passagem do tempo, que deixa mais claras as situações vividas. Essa imagem lembra um dos motivos mais expressivos da poesia de Carlos Drummond de Andrade, em *Boitempo - menino antigo*, na sua volta para casa. Aliás, Drummond é considerado um poeta que também expressa, através da memória presente em seus poemas, a dor provocada pelas perdas impostas pela vida.

O percurso de voltar é sempre sair do futuro ou presente para o passado, o retorno ao centro de si, às memórias do homem que é lembrado como um menino antigo, que pela busca de si mesmo descobre que para se encontrar precisa voltar para casa. Henri Bergson, um dos primeiros estudiosos a pesquisar sobre a memória, declara que “a lembrança é a representação de um objeto ausente” (BERGSON, 1999, p. 275). Nessa ideia, a lembrança é um recurso acionado para tentar atualizar ou reinventar o passado e revivê-lo através da memória.

O eu lírico continua a descrever imagens: “É só um rio de águas escuras, pesadas, cortando o vale” (p. 207). O rio simboliza o nascimento, a renovação, e as águas podem significar o não conhecido, o que dá e tira vidas. Lembra-nos também a metáfora de Heráclito, que parte da ideia de que nenhum ser se banha duas vezes nas águas do mesmo rio,

porque o rio flui, assim como nós a cada instante já não somos o que éramos, mudamos, embora nossas recordações permaneçam. O rio não aparece como límpido. As águas são escuras, o que poderíamos colocar como o inconsciente ou o sentimento do eu lírico, em que sua memória não está nostálgica, mas cheia de recordações que o marcaram e doem ao serem revisitadas. Muitas vezes voltar ao passado é visitar memórias dolorosas, aquelas que nem sempre desejamos trazer à tona, porém ao acionarmos os laços pretéritos, sentimentos bons e ruins são liberados. Além de escuras, as águas estão pesadas, com muito sentimento acumulado, águas que cortam o vale, lembranças que passam pela vida do eu lírico, atualizando-se. Imagens ainda são expressas no poema como:

É só essa grama verde,
ainda úmida de orvalho,
que ela pisa indiferente
e se vai, os pés descalços.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 207)

Para o eu lírico a natureza serve de referência ao seu estado de espírito. A grama verde é mais uma das imagens e lembranças evocadas por ele. A grama ainda está úmida, como se, mesmo passado um tempo, o pretérito ainda se faz presente, pelo orvalho da noite que umedece a grama ou pelo seu próprio passado que o aprisiona. Ecléa Bosi, umas das primeiras estudiosas brasileiras a escrever sobre a memória, afirma que “a lembrança é a sobrevivência do passado” (BOSI, 1994, p. 53), é um modo de atualizá-lo, salvo as modificações operadas pela memória, já que as lembranças nunca voltarão tal como se constituíram no passado, e sim com recortes e/ou acréscimos. Através das lembranças, o eu lírico se refere a “ela” (provavelmente a mulher que lhe traz lembranças e que o deixa triste ao recordar-se). Ele a coloca como indiferente ao pisar a grama, o que poderíamos pensar que mesmo com a possível dor sofrida pelo indivíduo, ela não se incomoda, pisa e se vai, abandonando a grama pisada, abandonando as recordações na memória lírica, abandonando-o, descalça. Isso representa uma ideia de liberdade, de livrar-se de coisas que a aprisionam enquanto o eu lírico permanece preso ao passado, mesmo que não admita, dizendo não ser nada o que tem, caso o procurasse.

No artigo intitulado “Animal recordativo”, publicado em *A Tarde Cultural*, Miguel Sanches Neto destaca na obra de Ruy Espinheira Filho, a relação da escrita do poeta com a memória. Segundo o crítico, “a memória torna-se a ferramenta poética por excelência, capaz de colocar em ação, no tempo presente, o que já não existe fora destas experiências diáfanas

de recordação” (SANCHES NETO, 2005, p. 7). O eu lírico vale-se da memória, e ao recordar revive os momentos que fazem parte da sua vida.

No poema, o eu lírico compara o que sente à lua que vela a praça. Ele se encontra, provavelmente, com suas lembranças, na praça, em plena noite alta em que apenas a lua vela por ele, numa atmosfera de solidão. A lua que representa a beleza da noite também se faz um símbolo da introspecção. Ao descrever a imagem da “lua velando a praça da noite alta” (p. 207), ocorre-nos a impressão de que o sujeito poético encontra-se só. Ao lembrar-se da lua e da praça vem à memória

e aquele amigo cantando,
e esse outro embriagado,
e o violão com seu lamento
sob janelas fechadas.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 207).

O amigo canta com seu violão, canto triste, de lamento, certamente pelas recordações dolorosas. No verso “e esse outro embriagado” (p. 207) há uma dualidade, podendo ser outro amigo do eu lírico que estaria embriagado de tristezas ou, ainda, esse outro pode ser o próprio eu poético que estava sentado na praça juntamente com o amigo que canta. Não importa exatamente quem está bêbado, mas que os dois amigos vivenciam uma situação melancólica, e cantam, sozinhos, seus lamentos sob o fechamento das janelas, cada um trancado em si mesmo. Característica perceptível na lírica espinheiriana, o traço mnemônico é ressaltado por diversos críticos, como afirma Cid Seixas:

Ruy mergulha nos desvãos da memória para retirar o lirismo pessoal e transferível. Sua matéria é o sentimento de um instante fugidio. É a observação de um pedaço de mundo, visto pelas lentes dos seus óculos. É o tempo morto que não se perdeu, guardado vivo na memória. O impulso memorialístico surge no escritor, em geral, quando os novos fatos não mais surpreendem; quando não têm a mesma intensidade e o mesmo brilho das coisas passadas; quando a velhice aproxima o homem da travessia de Caronte. (SEIXAS, 2010, *online*).

O tempo fugidio destacado pode ser revivido pelas lembranças, como exemplo a recordação de uma noite comprada, sendo resumida em

É só esse corpo triste
da mulher da madrugada,
de que me afasto levando
o desencanto comprado.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 207).

São dores que marcam a existência do eu lírico, imagens que não saem da mente até mesmo da memória do poeta. A lembrança da menina branca morta, num “sono inviolável” (p. 207) sempre aparece na lírica espinheiriana, menina que “se vai para a colina/ em seu caixão pequenino/ sob a garoa da tarde” (p. 207). Esse é um fato que ocorreu há muito tempo, quando Ruy Espinheira Filho, segundo relata⁵, ainda era menino e ao passar pela igreja matriz da cidade de Poções vê sair o caixão da pequena menina, lembranças vagas que nunca mais o abandonaram. Em artigo intitulado “A menina e a morte”, Samyn destaca a presença da menina morta na lírica espinheirana, para ele “o lar desta menina é a memória: é nas viagens rumo às distantes terras do passado biográfico, percurso comum na poesia de Ruy Espinheira, que ela é encontrada” (SAMYN, 2010, *online*).

A dor ao lembrar parece frequente, pois todas as recordações do eu lírico são passagens melancólicas, o que faz com que ele se compare a estes símbolos, como por exemplo, a moça que ao passar “dói,/ espezinha, humilha, mata,/ lança-me as cinzas ao vento” (p. 207). Lembranças que não são esquecidas, seja a infância, a adolescência ou a vida adulta, a fonte são as recordações de um tempo vivido e sempre presente, tempo vivo que “dói. E remói. E sangra. E não passa” (JUNQUEIRA, 1998, p. 73).

Ivan Junqueira percebe na lírica espinheiriana que não é um voltar ao passado, mas um passado que não se findou, por isso dói ao ser lembrado e se atualiza a maneira que é “resgatado”. No poema “O luar, o rumor” o eu lírico expressa que “será sempre assim: este luar/ da memória. E o rumor/ do coração” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 291).

O poema apresenta ainda metáforas reflexivas, “não é nada, eu te diria, se agora me procurasses” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 207). O eu lírico completa a ideia:

É só a estrada poeirenta
que vive a nos separar
(parte quem não quer partir,
fica quem não quer ficar).

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 208)

A melancolia diz respeito a uma sensação relacionada a um “passado que não passa”, quando o ser fica preso a assuntos não solucionados. Outro dado importante é a separação, que quase sempre faz com que assuntos não sejam resolvidos devido à distância, ausência, mortes, “parte quem não quer partir, / fica quem não quer ficar” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 208).

⁵ Relatado pelo autor à pesquisadora, por e-mail.

O amargo da boca sem o beijo da poesia, o olhar perdido para o céu vazio são elementos do poema que não expressam alegria, portanto recordações dolorosas. Jacques Le Goff demonstra que há uma forte ligação entre memória e poesia, visto que “o poeta é, pois, um homem possuído pela memória, o aedo é um adivinho do passado, como o adivinho o é do futuro.” (LE GOFF, 2003, p.433). Em seu artigo intitulado “Memória”, o filósofo acredita que o poeta é um possuidor de memórias, relembra momentos e a partir deles acontecem os escritos poéticos. O eu lírico do poema “Exílio”, considera a memória como uma musa, visão típica dos estudiosos da memória histórica. Para ele:

Assim é. Olhar em torno
só me revela o vazio
de onde já não há retorno.

Resta somente a Memória,
deusa implacável, contando
a mesma encantada história

que por mim já foi vivida
e hoje está além das asas
das velas todas da vida.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 106-107)

No poema, a memória é a musa que conta aquilo que aconteceu e não pode ser revivido. O poema “Se agora me procurasses” finaliza com uma interjeição “Ah”, sugerindo-nos que o eu lírico se lembra de algo ou expressa seu lamento. O título e os primeiros versos são repetidos com uma pequena mudança, mas com o mesmo sentido: “Ah, se tu me procurasses/ agora, eu te diria/ que comigo não há nada” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 208).

E as últimas imagens comparadas ao sofrimento do eu lírico são como síntese de tudo que ele sente, sua memória e o que a vida representa. Num tom orgulhoso, como se não revelasse que sofre, diz não haver nada. No entanto, ele mesmo define não restar dúvida a quem lê que a dor é o elemento principal desse sujeito poético melancólico e que se vale da memória para contar sua vida, mesmo que para isso necessite sofrer novamente. Como afirma Ecléa Bosi, em relação aos fatos da memória, o “seu talento de narrar lhe vem da experiência; sua lição, ele extraiu da própria dor; sua dignidade é a de contá-la até o fim, sem medo” (BOSI, 2004, p. 91). O poema conclui:

é só tão pouca alegria,
é só a memória doendo,
é só a vida que se vai,

é só eu que estou sofrendo...

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 208).

As reticências deixam em aberto essa vida que não se findou ainda, constituída de perdas, de sonhos realizados e desfeitos, de alegrias ainda que poucas, de vazios e sofrimentos, porque a memória dói ao ser revisitada e o eu lírico continua a sofrer, não dizendo que sofreu ou sofrerá, mas no gerúndio, como se o fato ocorresse agora (no momento em que declama ou quando for indagado) e continuasse, pois “é só a vida que se vai,/ é só eu que estou sofrendo...” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 208).

1.3 O EU LÍRICO MNEMÔNICO NO POEMA “INÚMERO”

O poema “Inúmero” de Ruy Espinheira Filho foi escrito entre 1975 a 1980, período tido como moderno ou contemporâneo. O poeta baiano expressa particularidades do eu lírico, como o traço mnemônico, uma marca da sua poesia, uma vez que o sujeito lírico em meio à multidão permanece isolado em seu próprio mundo, vivendo quase sempre com suas lembranças de acontecimentos passados. Pelo ato de recordar, muitas vezes o eu lírico torna-se melancólico, pois o passado não retorna, apenas deixa suas marcas.

A partir da leitura do poema podemos perceber quão mnemônico o eu lírico se apresenta:

POEMA “INÚMERO”

Para Jayro José Xavier

I

Junho desliza azul para o inverno,
onde a memória desperta, cálida de gestos
de outro tempo,
que hoje continuam como
então. Imóveis em cada instante do
movimento
e no entanto cumprindo o mesmo
vôo
em meu espaço, nítidos
como este azul sobre mim.

Onde a memória desperta
e que também é memória.
Tudo é memória, como a onda
que vamos visitar, e já nos habita
antes dos nossos pés na areia da prata,
porque é outra onda,

Amanhã, ou ontem.
 Como
 tudo.

Imergimo-nos
 mutuamente, recíprocos.
 E fluímos

(por exemplo) até
 Essa rua de que há pouco
 Falávamos. Onde
 caminho, caminhamos, à garoa
 e ao vento, entre os gestos
 cálidos
 desse tempo. Eternos
 como junho e essa rua e esse
 caminhar. Como tudo. E nada.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99-101)

O poema “Inúmero”⁶ está presente no livro *As sombras luminosas*, que tem poemas escritos de 1975 a 1980 e publicado em 1981. Também faz parte da coletânea de poemas reunidos pela Record e publicados em 1998 no livro *Poesia reunida e inéditos*. O poema é composto por três partes, sendo que a primeira tem três estrofes, a primeira com 10 versos, a segunda com 13 e terceira com apenas dois versos. A segunda parte tem também três estrofes, sendo 12, 11 e 15 versos em cada uma, respectivamente. E a terceira é composta por duas estrofes, a primeira com 6 versos e a segunda com 13 versos, versos estes que se apresentam livres e brancos.

Podemos dizer que o título já remete ao que não se pode contar, como se várias recordações fossem representadas, mas que a maioria (mesmo as ditas) encontra subentendida e oculta, guardadas e resgatadas apenas pelo uso da memória, ainda que de forma seletiva. Maria Theresa Abelha diz que “o passado nunca é devolvido ao presente no que integralmente foi, posto que isto é impossível, porquanto a memória é sempre seletiva, proustiniana sempre” (ALVES, 2004, p. 189), mas ao evocá-lo, as lembranças ajudam nessa sobrevivência.

No poema “Inúmero” o eu lírico deixa claro a relação com a memória. Para ele a memória é a constituição da matéria humana, a possibilidade de rever o tempo passado e ao qual não é possível retornar.

A primeira parte do poema começa a descrever o tempo em que fala o eu lírico e para qual ele se transporta.

⁶ O poema “Inúmero” é dedicado a Jayro José Xavier, poeta residente em Niterói. Foi professor de literatura da Universidade Federal Fluminense, encontrando-se hoje aposentado. O autor afirma que lhe dedicou o poema por amizade e admiração. (Informação do autor por e-mail).

Junho desliza azul para o inverno,
 onde a memória desperta, cálida de gestos
 de outro tempo,
 que hoje continuam como
 então.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

Junho é um mês simbólico na lírica espinheiriana, sendo que em diversos poemas junho aparece e quase sempre num tom melancólico, o que é justificável se pensarmos que é um período de mudança, fim do outono e início do inverno. O eu lírico diz que “Junho desliza azul para o inverno” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99), inverno que remete ao frio e à melancolia, estação em que as pessoas se trancam mais e convivem mais consigo mesmo. Moacyr Scliar em *Saturno nos Trópicos* comenta que Benjamin ao analisar a gravura de Durer diz que a pedra “dura e fria, é um símbolo da melancolia” (SCLiar, 2003, p. 85), portanto o período frio pode ser associado também a um tempo melancólico.

Outro dado observado no primeiro verso é a cor azul, que aparece em vários poemas espinheirianos, cor que simboliza a distância e ao mesmo tempo uma leveza. O poema continua e percebemos a expressão “onde” que nos posiciona a um lugar, em que junho e o inverno existem, lugar este que é a memória.

No texto intitulado “Memória”, de Jacques Le Goff, percebemos conceitos acerca da mesma, segundo Yates a memória é “um glorioso e admirável dom da natureza, através do qual reevocamos as coisas passadas, abraçamos as presentes e contemplamos as futuras, graças à sua semelhança com as passadas” (YATES *apud* LE GOFF, 1996, p. 453), o que nos possibilita relacionar com a lírica espinheiriana, que usa a memória como tema e fonte. É pela memória que nos conhecemos e podemos trilhar nossos passos futuros. Em “Segunda elegia urbana” o eu poético diz:

Caminho, caminho. A memória ecoa
 o som dos passos. A este dia junto
 outros. Anos inteiros. Aqui amei, ali sofri, adiante
 fui mesquinho. É a minha cidade. Sou eu.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 132).

O passado é retomado no presente, e no futuro esse presente será o passado da memória de um sujeito, de uma comunidade, suas idiossincrasias, suas recordações.

A memória no poema “Inúmero” aparece como desperta, acordando de um tempo e relembando os gestos de outro tempo já vivido. Gestos apaixonados, quentes, de um tempo

pretérito e que a memória revive ou os guardam e “hoje continuam como então” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99). O eu lírico continua a falar da memória e das lembranças que aparecem imóveis,

(...). Imóveis em cada instante do
movimento
e no entanto cumprindo o mesmo
vôo
em meu espaço, nítidos
como este azul sobre mim.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

O vocábulo imóvel subentende algo que permanece igual, mas no poema a comparação que se faz é de movimento (aparentemente contraditório), movimentos imóveis, que quando representados também pelo mesmo rumo, há a ideia de paradoxo e completude. O imóvel e o movimento que cumprem o mesmo vôo. A palavra “vôo” aparece como um só verso, e ainda afastada da “margem”, o que nos indica o distanciamento de um ponto fixo, sendo que voar está longe da terra, em outro plano. Cumprem o mesmo vôo no espaço particular (meu), visível e comparado ao azul sobre o próprio eu lírico. Azul já citado e que dá uma conotação de clareza e algo tranquilo, uma memória bem solucionada até então.

O eu lírico continua a falar da memória, que agora não é mais o tempo cronológico, mas o tempo que guarda as recordações, seja ele quando ocorreu ou no presente, só que revisitando o passado. O uso do onde remete a lugar e é nesse ambiente que a memória desperta, como acredita Bergson ao afirmar que “é do presente que parte o apelo ao qual a lembrança responde, e é dos elementos sensório-motores da ação presente que a lembrança retira o calor que lhe confere vida” (BERGSON, 1999, p. 179). Para o sujeito poético:

Onde a memória desperta
e que também é memória.
Tudo é memória, como a onda
que vamos visitar, e já nos habita
antes dos nossos pés na areia da prata,
porque é outra onda,
outras
que já marulham,
espumam
em nosso sangue,
como o inverno para o qual desliza
esta tarde
é denso de outro, outros.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99).

Assim a memória de algum lugar que aparentemente estava adormecida desperta para se concretizar em memória ativa. O eu poético ainda pontua que tudo é memória, comparando as lembranças com a onda, que é um eterno ir e vir (passado e presente sempre juntos). Sendo que a onda que será visitada já existe dentro de cada um de nós, fazendo um paralelo com outro poema de Espinheira Filho, “Destino e Fuga”⁷ que diz “para onde vamos é sempre ontem. Como de onde fugimos é sempre amanhã” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149). Desse modo, o que ainda está por vir antes mesmo dos pés pisarem a areia já habita o eu lírico, seja porque o futuro logo se fará passado ou pelo simples fato de a história se repetir.

O eu lírico também afirma que a onda é outra onda, uma vez que o passado nunca é resgatado exatamente como ocorreu. Mas não é apenas uma onda, mas outras, como se as lembranças se fundissem em uma só e recriassem um outro passado. Há de se ressaltar também que na lírica os tempos passado, presente e futuro caminham lado a lado, sendo que “no mundo poético, o tempo é esférico e a lei que o rege é a do ‘eterno retorno’” (PEREYR, 2000, p. 19), ideia semelhante percebemos na escrita de Walter Benjamin, o qual já havia dito que “o eterno retorno é uma tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do ‘mais uma vez ainda’” (BENJAMIN, 1997, p. 174). Como no poema já citado, “Destino e Fuga” notamos esse ir e vir, mais uma vez ainda.

DESTINO E FUGA

Para onde vamos é sempre ontem.

Lá

(que é vário) ponderamos os nossos gestos
buscando
modular outros tão belos. E inúmeras
são as vezes em que nos inclinamos
sobre a fonte
que não reflete:

mostra

o límpido rosto do nosso
rosto
que já não nos fita dos espelhos.

Para onde vamos é sempre ontem. Como
de onde fugimos é sempre

amanhã.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149).

⁷ Poema publicado no livro *Morte Secreta e poesia anterior* e também presente na coletânea da Record, lançada em 1998.

Ou ainda, no poema “Canção da Permanência” em que passado e presente se reencontram sempre.

CANÇÃO DA PERMANÊNCIA

Porque aqui ela viveu,
o tempo não pode nada.
É a mesma lua que ceifa
as sombras da madrugada.

É a mesma angústia pulsando;
mesma secura no olhar;
mesma esperança vã; mesma
vontade de me matar.

Porque aqui ela viveu,
nada é chegada ou partida.
É tudo perene: flama
embalsamada incendiada

(até, por fim, se fechar
o conto da minha vida).

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 309).

As ondas agitadas espumam no sangue que corre nas veias do sujeito lírico e o inverno torna a voltar, sendo que agora é a tarde que desliza até ele, tarde profunda de outros invernos, na lei do eterno retorno, pois cada ano a estação se repete, guardando semelhanças e divergências. A tarde também pode ser associada à metade do dia ou da vida, sendo o presente, entre o passado e o futuro.

A terceira estrofe da primeira parte do poema sintetiza com dois versos, “Assim o teu sorriso que virá/ já há muito me ilumina.” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 99), pois o sorriso que ainda não existe já ilumina o sujeito poético no presente. A segunda parte começa com a mesma expressão “deslizo”, o que representa suavidade, passar em silêncio junto com a tarde para o inverno.

Deslizo com a tarde
para o inverno. A terra úmida
libera o hálito do
Dilúvio. E eu caminho
pela rua nevoenta,
viagem no interior
de uma viagem, que é
no corpo, no rio de outra
viagem, que...

E na origem
da luz talvez não haja
senão a ausência da estrela.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100).

A terra úmida nos dá a ideia de que há pouco chovia, mas são chuvas do Dilúvio, antes de Cristo, retratado no Velho Testamento da Bíblia. O tempo atual ou há pouco passado e o pretérito longínquo se misturam em um só passado na memória lírica. A imagem da água também sugere transformação, a água que é vida e morte, elemento da natureza que causa medo e simboliza o novo.

O andar do eu lírico pela rua se transforma numa viagem dentro de si, “viagem no interior de uma viagem, que é no corpo” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100). A viagem leva um ser a outro lugar, mesmo quando no interior do próprio eu, que pode através da memória viajar a tempos remotos assim como viajar para tempos que ainda virão. O rio também representa água, elemento sempre recorrente, misterioso, tal como o verso em que o “que...” parece ter acontecido algo ou está para acontecer, mas foi ocultado, deixando nas entrelinhas.

Outro verso que está afastado da margem é “E na origem” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 100), pois a distância é o vazio, uma vez que antes da origem nada existia. A origem da luz talvez seja a ausência da estrela, talvez que não expressa uma certeza (característica da modernidade, a quebra das certezas e o constante questionamento). Fonseca-Silva (2007) comenta que “a metáfora da memória aparece, também, no trabalho de Freud, para quem o aparelho psíquico é um aparelho de memória e a memória é a essência do aparelho psíquico e não apenas uma de suas propriedades ou funções” (p. 15). Freud que viu no sonho uma forma de estudar o passado para tentar compreender o presente.

A ação do passante que Baudelaire já descreveu séculos atrás é retomada pelo eu lírico espinheiriano que caminha na rua antiga, “a operação de andar, perambular, ou ‘ver vitrines’, isto é, a atividade dos passantes, transforma-se em pontos que traçam uma linha totalizante e reversível no mapa” (CERTEAU, 1994, p. 29) e, por sinal, o caminhar na modernidade é uma atitude recorrente, talvez pelo fato de caminhar for a tentativa de se encontrar algo ou chegar a algum lugar, ainda que não seja a intenção. O eu lírico que caminha tenta chegar a um lugar, mas esse espaço é dentro de si, suas recordações. Ao caminhar ele se sente novamente um menino de outros tempos.

Caminho na rua antiga,
mas agora. E sou um menino
contendo um homem que contém
um menino.

Qual das minhas

concepção de que a fonte não é tão perfeita e justa, pois ela é apenas um murmúrio, palavras pronunciadas em voz baixa, várias vozes juntas ou lamento, pelo sentido literal. Murmúrio sem respostas e entre parênteses (como se fosse um comentário). Interessante que há uma inversão da história da Bíblia, pois Deus cria Adão e da costela de Adão faz Eva para ser a companheira, mas no poema o eu lírico diz que da sua costela o homem arrancou Deus e a função é se consolar com Deus, nos momentos de aflição. Para Roberval Pereira o impasse da modernidade “consiste precisamente na reconciliação de pólos tão estranhos e tão distanciados: a visão racional de mundo do homem moderno, à qual sob certo aspecto os próprios poetas não poderiam escapar, tende, por princípio, a uma depreciação do mito” (PEREIRA, 2000, p. 33), os mitos e crenças que começam a ser questionadas ou discutidas.

A terceira parte do poema retoma o mês de junho, que agora não mais desliza como no início, já não é mais suave e sim rápido, “junho foge para/ o inverno, e é inúmero” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101). Os versos retomam as palavras da primeira parte “junho” e “inverno” e o título pela primeira vez é citado.

Junho foge para
o inverno, e é inúmero.
Como
Amanhã, ou ontem.
Como
tudo.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101)

Junho que foge para o inverno é inúmero como o amanhã, como o ontem, como tudo, visto que inúmero não é algo reduzido, mas várias vertentes de possibilidades. O sujeito lírico finaliza, sintetizando o poema com a última estrofe em que diz:

Imergimo-nos
mutuamente, recíprocos.
E fluímos
(por exemplo) até
Essa rua de que há pouco
Falávamos. Onde
caminho, caminhamos, à garoa
e ao vento, entre os gestos
cálidos
desse tempo. Eternos
como junho e essa rua e esse
caminhar. Como
tudo. E nada.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101)

O eu lírico mergulha em si mesmo ou na sua memória. O sujeito do poema afirma, no plural, que fui (fluímos) até a rua que já havia falado, voltando-se ao passado, local em que caminha no presente sozinho e ao mesmo tempo acompanhado. Segundo Costa Lima “as memórias, principalmente a poética, dizem de várias zonas do eu, tantos quantos são os outros que o habitam” (LIMA, 1981, p. 160), por isso ao trabalhar memória, ainda que individual a memória será coletiva ou várias recordações que constituem uma memória do eu lírico. Memória coletiva no sentido de guardar um contexto social, laços de convivência, detalhes esquecidos por um e resgatados por outros que também viveram aquele determinado momento, uma interação entre lembranças de vários indivíduos. No poema há um sujeito que recorda caminhando na rua, “à garoa e ao vento” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101), entres os já comentados gestos cálidos. Concluindo o poema, o eu lírico eterniza sua história revivida pela memória dizendo que eternos “como junho e essa rua e esse/ caminhar. Como/ tudo. E nada” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 101), uma vez que eterno é aquilo que permanece, ainda que apenas na memória, como o eterno caminhar, como a totalidade e ao mesmo tempo coisa nenhuma, antítese e complemento. O recordar do eu lírico ganha força uma vez que o homem é constituído de lembranças e ainda está vivendo ou revisitando o passado.

Portanto, percebemos ser a memória, que muitas vezes apresenta-se melancólica, interligada, conforme Moacyr Scliar comenta sobre a obra de Proust, afirmando que memória e melancolia são indissolúveis. Assim se constrói a modernidade/ contemporaneidade em que se constitui pelo contraste, lembrar o que foi bom e o que também continuar a doer, se prender a algo. Através da poesia conseguimos enxergar na dor a beleza, e reconhecer pelo eu lírico, mesmo em dias mais atuais, elementos já valorizados por Baudelaire.

1.4. ANIVERSÁRIO: COMEMORANDO RECORDAÇÕES

Na comemoração de aniversários, as experiências e passados acumulados também participam da “festa”. No caso específico, percebemos que o eu lírico espinheiriano vê nesse evento uma forma de transmitir suas recordações, anseios e certezas de perdas. Ao pensarmos sobre conceitos de memória, nos deparamos com a visão de Fonseca-Silva, para quem:

A memória é uma coleção de quadros mentais formados a partir de impressões dos sentidos, mas acrescida do elemento tempo: as imagens mentais da memória formam-se não da percepção de coisas presentes, mas de coisas passadas. A

reminiscência é tomada como uma faculdade do intelecto e a memória como uma potência da alma. (FONSECA-SILVA, 2007, p. 12-13).

As reminiscências correspondem às lembranças vagas que, no entanto, não são esquecidas, constituindo percepções da memória. Na data de aniversário, o eu lírico exprime suas angústias, como em “Soneto da Tarde”, no qual afirma que aos cinquenta anos o sujeito poético é movido pelos cansaços e pela memória, já que o esquecimento não ocorre, mesmo com o passar dos tempos fatigados.

O que sei é o que sinto em mim: cansaços,
nesta tarde. Afinal, cinquenta e um anos
são uma era. E que outros mais anos
ainda restam, e que mais cansaços?

Cansaço de falar destes cansaços...
Mas, que fazer? Esse cultivo de anos
(uns frutos sempre desiguais, os anos)
só gera uma colheita de cansaços.

E é assim. E a tarde vai passando
sobre os muros e em mim, que envelheço
enquanto, entre cansaços, vou pensando

(e isto é tudo, em suma, reconheço)
que o que sei é que nada está voltando
e faz tempo demais que não te esqueço.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 305).

Podemos então, logo de início imaginar que a lírica muitas vezes vale-se da memória, que “aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora” (BOSI, 1994, p. 47) para resgatar e atualizar o passado no tempo presente, reconhecendo que não tem como se esquecer momentos presos na memória.

No poema “Aniversário”, publicado no livro *Poesia reunida e inéditos* (1998), é preciso ressaltar a contradição aparentemente existente entre o título e o conteúdo do poema. De início imaginamos que aniversário é um momento de alegrias, de festejos, presentes, comemoração, pessoas e coisas queridas por perto, votos de felicidades e muitos anos de vida, enfim, algo prazeroso. Percebemos ao ler o poema:

ANIVERSÁRIO

Metade do tempo consumada
ou ainda mais.
No peito, a mesma fome, a mesma sede
do menino, do rapaz.
O mesmo olhar perplexo
o mesmo
sem resposta

gesto crispado interrogando.

(É dezembro
e noite e abro a janela
e vejo outras janelas iluminadas.
Ali há vida, como na rua, como
no campo e no mar e nos velozes
aparelhos que cortam o espaço
e
talvez
noutros planetas e universos.
Como há incontáveis séculos e
provavelmente
amanhã. Mas tudo rápido
demais
que nem nos podemos saber
e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.)

Perdi colegas, namoradas, cães.
Perdi árvores, pássaros, perdi um rio
e eu mesmo nele me banhando.
Isto o que ganhei: essas perdas. Isto
o que ficou: esse tesouro
de ausências.

(A noite avança, e as janelas
aos poucos
se apagam. No silêncio
meu coração permanece
iluminado. Eis que trabalha, fiel,
mesmo quando revela
a si mesmo em breve imóvel
ou, depois, a última estrela
sem testemunhas
no céu final.)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150-151)

No entanto, observamos no decorrer do poema um conflito no ar, uma solidão do aniversariante. Na data em que ele “deveria” estar acompanhado; ele se encontra ensimesmado, reflexivo e, em vez de ganhar presentes, ganha ausências e perde conquistas, como expresso pelas palavras líricas: “Isto o que ganhei: essas perdas. Isto/ o que ficou: esse tesouro/ de ausências” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Essa aparente oposição é vista em outros poemas de Espinheira Filho, como exemplo o poema “Tempo perdido” que diz que no tempo perdido “recupero, enfim,/ tudo o que perdi/ no meu tempo ganho” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 16). E com o tempo, se ganha mais experiências e perde-se cada vez mais vida, pessoas, momentos que não retornam.

Partindo da forma, observamos que o poema foge aos padrões convencionais da literatura (em que obrigatoriamente um poema, para assim ser considerado, necessitasse de

rimas e métricas), apresentando uma linguagem em tom coloquial, com elementos comuns à fala. O discurso poético é elaborado sob a perspectiva de um eu lírico masculino que relata sua história baseada nos acontecimentos que lhe vêm à memória no momento atual.

O poema “Aniversário” possui 4 estrofes. A primeira tem 8 versos; a segunda, 16 versos; a terceira apresenta 6; e a quarta estrofe, 10 versos, os quais são livres e brancos, ou seja, não apresentam rimas nem métricas. Apesar desta liberdade, há uma organização peculiar de suas estrofes e versos. Eles se apresentam em forma contínua, um verso completa o sentido do verso anterior, ou seja, encavalgamento, uma “construção sintática especial que liga um verso ao seguinte, para completar seu sentido” (GOLDSTEIN, 1985, p. 63). Notemos alguns exemplos no poema em análise: “(...) No silêncio/ meu coração permanece/ iluminado (...)” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151); “Mas tudo rápido/ demais/ que nem nos podemos saber” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p.150), entre outros.

É plausível notar a presença de verbos no presente e no pretérito, usados pelo eu lírico para tentar demonstrar de quais momentos são retratados. O poema expressa a ideia de perdas que existem com o passar dos anos, como consequência da ação de viver, o que denota aparentemente estarem muitos dos fatos ocorridos presentes apenas na memória.

Em relação ao conteúdo, podemos dizer que se trata de um sujeito que depois de certo tempo de vida encontra-se sozinho, consciente das perdas que sofreu, acompanhado apenas de sua memória e de si mesmo.

Um aspecto relevante no poema é o uso de parênteses para tratar de possíveis ações presentes, e quando este recurso não é utilizado parece falar de certezas do sujeito lírico, como exemplo sua história passada, suas perplexidades, suas perdas, sua tristeza, segundo ele “(É dezembro/ e noite e abro a janela/ e vejo outras janelas iluminadas...)” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150), e ainda, “(A noite avança, e as janelas/ aos poucos/se apagam...)” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Além disso, notamos a constância do conectivo “e” na segunda estrofe, unindo as ideias, pensamentos, como se estas fossem formadas no instante atual, unindo a fala à escrita, pois ao falarmos nos valem das estruturas sindéticas aditivas.

(É dezembro
e noite e abro a janela
e vejo outras janelas iluminadas.
Ali há vida, como na rua, como
no campo e no mar e nos velozes
aparelhos que cortam o espaço
e
talvez

noutros planetas e universos...)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

No poema de Ruy Espinheira Filho nos deparamos com um eu lírico masculino que logo na primeira estrofe já afirma sobre sua vida e uma certa experiência, ao mesmo tempo possui o desejo em continuar vivendo sua juventude.

Metade do tempo consumada
ou ainda mais.
No peito, a mesma fome, a mesma sede
do menino, do rapaz.
O mesmo olhar perplexo
o mesmo
sem resposta
gesto crispado interrogando.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

Apesar do tempo, o sujeito poético percebe que há indagações sem respostas, e devido à incompreensão de certas coisas este fica pensativo, incrédulo. A atitude de franzir a testa, de interrogar-se, faz com que percebamos uma preocupação do sujeito, um passado não tão perfeito e um presente não tão promissor; portanto, há um impasse do eu lírico frente a si próprio e ao mesmo tempo com o mundo em que ele vive.

Sabemos que o aniversário do sujeito lírico é em dezembro, o momento de sua fala ocorre no período noturno e, ao abrir a janela, ele provavelmente possa abri-la para contar sua história, expor através da memória. O sujeito poético divaga sobre a brevidade da vida; reconhecendo que a morte é a única certeza. Este sabe que a vida é rápida e incerta, o que ocasiona algumas dúvidas ainda existentes:

Como há incontáveis séculos e
provavelmente
amanhã. Mas tudo rápido
demais
que nem nos podemos saber
e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

No poema “Canção de Aniversário”, o eu lírico também remete à dezembro, mês de seu aniversário. É como se o sujeito poético recordasse o tempo vivido, com suas recordações. No entanto, ao completar 68 anos a única certeza que o eu lírico revela é não ser alegre nem

triste, apenas um sonhador que continua sua trajetória no mar da vida. Como podemos observar nos versos:

De novo o tempo me traz
a este porto de dezembro,
que é sempre o mesmo e sempre outro
em tudo que em mim relembro.

Aqui começou a história
(foi há 68 anos!)
de horizontes, aventuras,
certezas e desenganos.

Velho porto a que regresso,
nem alegre, nem tristonho,
e logo me faço ao mar
com as mesmas velas do sonho.

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p.39)

O eu lírico continua sem respostas, às vezes certezas, às vezes desenganos. É ainda o mesmo ser, porém sempre diferente. Retomando o poema “Aniversário”, percebemos como é retratada a incógnita que é viver e morrer, desde séculos todos buscam a resposta para as questões “De onde viemos?”, “Para onde vamos?” e no mundo em que as relações entre as pessoas são rápidas, nem sempre paramos para tentar entender a existência, a vida, a morte, mas o eu lírico do poema “Aniversário” se indaga. O eu lírico pertence ao sistema vigente, mas escapa, buscando pela memória, de forma melancólica, descobrir suas dúvidas, muitas delas, sem respostas. É digno de nota a ideia de “escuro” como algo misterioso; logo, o eu lírico sente que vida e morte são elementos incompreensíveis até então, daí todos viverem “sem sentido”, vindo a falecer da mesma forma, devido a esse “escuro”, a “não compreensão”.

Como já percebemos pelo título, no seu aniversário, um ano mais velho, o sujeito começa a “rever” sua vida e chega à conclusão de que muito perdeu, de que com o tempo conquistou muitas coisas, mas elas foram desaparecendo, ficando a melancolia, o sentimento de vazio, de tristeza pelo que perdeu sem muitas vezes saber ao certo o que dói, o que foi perdido. Nesse caso, até o próprio eu lírico não é mais o mesmo, fluiu, ganhou experiências, se esqueceu, enfim, modificou-se, seja fisicamente ou no seu interior; afinal, o rio flui, passa, a água escorre, sendo que ninguém se banha duas vezes na mesma água de um rio assim como ninguém permanece igual com o tempo, tudo passa, restando apenas lembranças.

e partimos
no mesmo escuro em que chegamos.

Perdi colegas, namoradas, cães.
Perdi árvores, pássaros, perdi um rio
e eu mesmo nele me banhando”

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 150).

Na data de aniversário costumamos ganhar presentes e tentamos esquecer as tristezas. No entanto, o que o eu poético ganha são as perdas com a vida, o que denomina de “tesouro de solidão”.

Em poemas como “Soneto a dez dias de completar 60 anos” e “Outro aniversário”, o eu lírico expressa “– tudo valeu. Um vinho que chora os vinhos/ idos em que se embriaga: estas saudades” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 118) e “Sessenta e cinco navegações/ completas/ em torno do Sol” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 157), respectivamente. No momento de comemorar é quando o eu lírico mais fica pensativo, reflete sobre sua existência, seus feitos e percebe que há muita saudade armazenada.

Podemos perceber a memória como algo restante para esse sujeito, já que a lírica expressa seus anseios além da visão melancólica. Nesse sentido, ele se isola. Perceber estas perdas é conseguir se descobrir, revelar suas conquistas e desencantos.

“Aniversário” é um poema espinheiriano comparável ao poema do poeta Fernando Pessoa, que tem o mesmo título, e é escrito por meio do heterônimo Álvaro de Campos. O poema pessoano também retrata o eu lírico memorialístico e melancólico, recordando o passado ao mesmo tempo em que reconhece as perdas e mortes obtidas com os anos.

Entrevistado pela revista *Muito*, do jornal *A Tarde*, Ruy Espinheira Filho é perguntado sobre os motivos centrais da sua poesia, como as perdas, a brevidade da vida, a morte, e como o poeta pensa sobre isso fora dos versos. No periódico o escritor responde, usando o próprio poema de Pessoa como marco para sua poesia:

As perdas são, talvez, as piores experiências do ser humano. Me lembro de um verso de Fernando Pessoa: “No tempo em que festejavam o dia dos meus anos, eu era feliz e ninguém estava morto”. Isso é uma maravilha, *Aniversário*. No início, ninguém está morto: pai, mãe, tios, irmãos, amigos. Depois começa o périplo das perdas, você vai ficando cada vez mais empobrecido, ao tempo em que vai se enriquecendo dessas perdas, que vai lhe dar uma dimensão diferente. Bandeira dizia: com o tempo o coração da gente vai se transformando num cemitério. Então, essas perdas vão lhe marcando a vida toda, e você sabe que vai ser sempre assim, até um dia que a perda é você próprio. Aí você não vai perder mais nada, mas alguém vai perder alguma coisa em você. Minha convivência com os mortos é mais intensa do que com os vivos. Não tem jeito. (DIAS, 2008, p. 16-17).

O eu lírico sabe que há outras vidas próximas da sua, mas aos poucos elas se esvaem, e ele só, com seu coração, permanece. Percebemos o escuro, a solidão e o fechamento do eu poético tão como dos outros que o cercam, numa metáfora das janelas apagadas. Por outro lado, cada ser vive situações parecidas, seja com seus recordares, dores ou alegrias, ainda que sem testemunhas.

(...). No silêncio
meu coração permanece
iluminado. Eis que trabalha, fiel,
mesmo quando revela
a si mesmo em breve imóvel
ou, depois, a última estrela
sem testemunhas
no céu final.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 151).

Deste modo, a morte e a vida “caminham” juntas e, com o passar do tempo, o que resta são apenas lembranças. Há uma perda de tudo, inclusive da vida. Essas perdas são inerentes ao ser humano, fazem parte da experiência existencial, do aprendizado, mas não há um desejo de retorno ao passado, há um ser pensativo, que reconhece o que restou: um “tesouro de ausências”, uma vida “sem testemunhas”, um sujeito em “silêncio” vivendo num tempo em que tudo é “rápido demais” e que a memória é um local em que as lembranças podem aflorar.

1.5. FUGA DO TEMPO PRESENTE: PRETÉRITO PRESENTE NA MEMÓRIA

Reconhecemos que memória é o elemento de resgate do já vivido, presentificação do passado, evocação e releitura do pretérito. Memória, constituinte de todo ser humano, já que “o homem existe porque existe como memória” (NETO, 2008, *online*), afinal são nossos recordares que nos possibilitam produzir nossa trajetória de vida. Ao voltar ao passado, por meio da evocação do tempo pretérito, podemos ter um trecho do passado, pois sabemos também que não o compreendemos por completo, mas ao valermos da lembrança o passado sobrevive.

No conto “Os dias de Chôla”, de Aleilton Fonseca, o narrador afirma que: “lembrar é travar o tempo para, de repente, ver melhor” (FONSECA, 2003, p. 46). E ao resgatar o tempo pretérito o poeta faz um diálogo do passado com o presente, mesmo que melancolicamente.

No poema “Fuga”, percebemos que, com o passar ou fuga do tempo, a perda (em especial a morte) de algo ou alguém é inevitável, restando apenas lembranças. O eu lírico frente às perdas obtidas pela vida muitas vezes tenta fugir, seja do passado ou do presente, pois este tempo vivido traz dores e o tempo atual não soluciona.

FUGA

Escuto o tempo fluindo
no rumor azul da tarde.
E sinto-o ventar em mim
e doer bem onde arde
meu coração – doer com
incontáveis estilhaços
de idos objetos e
de mim mesmo.

E escuto passos
me acompanhando: são meus
próprios passos – de ontem e antes
e hoje. Talvez de amanhã.
Em seus lenços ondulantes,
o vento que sopra o tempo
oculta fundos mistérios
- e do que era sorriso
compõe esses rostos sérios
que nos encaram do espelho
e de outros corpos
e vemos,
sob eles, os suaves traços
de quem em nós já perdemos.

Escuto o tempo fluindo,
fugindo. Sobe um soluço
da carne de tudo: móveis,
tecidos, metais. Que forte
é a morte!

E só a memória
vive, vive-nos, e soa
seus violinos de névoa
sob um frio sol que monta
num céu de assombro: o Perdido.
Essa lenda que se amplia
no peito – já erodido
pelas distâncias – que vai
explodir em cada gota
seixo, brilho, sombra, hálito
de alma
(essa asa rota
sangrando os seus enganos
entre as paredes do verso)

até nada se mover
sobre o extinto universo.

O poema “Fuga” se compõe, no plano formal, de 43 versos e 3 estrofes, sendo que a primeira estrofe possui 22 versos, a segunda com 19 versos e a terceira e última com apenas 2 versos. Além de algumas rimas, um fato interessante diz respeito à metrificação, pois o poema possui versos polimétricos, com predominância de heptassílabos ou redondilha maior. Outro elemento relevante quanto à forma é a distância de certos versos do início do “parágrafo” como se houvesse uma fuga ou a tentativa de fugir, mas pela memória passado e presente se fundem e ao mesmo tempo se fragmentam, como se representassem passos, idas e vindas.

Um dado saliente é o fato dos verbos do poema aparecerem no tempo presente, o que cria a sensação de o eu lírico viver o agora, mas sem esquecer-se, no entanto, do passado. É interessante ressaltar também a brevidade da vida e os ciclos da mesma, dessa sorte, vemos que na primeira estrofe o número de versos é maior (o início de uma longa caminhada), a segunda diminui um pouco, já a terceira faz uma redução enorme, como se realmente estivesse no fim, tal como afirma os versos da mesma. Ao findar-se com tal propriedade, o eu lírico anuncia: “até nada se mover/ sobre o extinto universo” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 105).

Em relação ao conteúdo, destaca-se a fuga do eu poético, seja do presente ou do passado, mas sempre voltado para dentro de sua memória a fim de recordar certas perdas, dores que não cessaram. Percebemos que o tempo passa, que há movimento nítido, seja no aspecto formal quanto no léxico e com este passar do tempo, o sujeito poético sente que algo não está resolvido, há um impasse, uma dor que ao ser lembrada volta a doer, traz sofrimento. Vejamos os versos:

Escuto o tempo fluindo
no rumor azul da tarde.
E sinto-o ventar em mim
e doer bem onde arde
meu coração(...)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 104).

E essa dor é constante, fazendo com que o coração divida-se em pedaços, afinal, ele se encontra fragmentado e dói por objetos que já foram, que não estão por perto ou não existem mais, até por ele próprio que já foi, não é o mesmo, encontra-se cheio de lembranças que permanecem vivas apenas na memória. Segundo Giddens, “na sociedade moderna, o eu é frágil, quebradiço, fraturado, fragmentado” (GIDDENS, 2002, p. 157). Nesse entendimento, o eu poético devido a tal impasse se vê ensimesmado ao recordar dos passos dados, pois o

futuro é incerto além de que, se este se concretizar, quando for lembrado se tornará passado. Notemos nos versos:

e doer bem onde arde
 meu coração – doer com
 incontáveis estilhaços
 de idos objetos e
 de mim mesmo.
 E escuto passos
 me acompanhando: são meus
 próprios passos – de ontem e antes
 e hoje. Talvez de amanhã.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 104).

Há uma fuga do passado para o presente e logo após um retorno às lembranças, como se houvesse um encadeamento de recordações vividas com as do momento atual, uma mescla de dor antiga e vestígios desse sofrimento em toda a vida do eu lírico. Observamos que o vento ao soprar revela um mistério e que subsiste no poema a metáfora do espelho, do sorriso que se faz sério, visto que “o espelho fazia parte de um passado de descoberta do indivíduo. O espelho é nosso mestre, dizia Leonardo da Vinci” (SCLIAR, 2003, p. 44), que mostra o rosto, revela a alma, num mergulho para dentro de si:

Em seus lenços ondulantes,
 o vento que sopra o tempo
 oculta fundos mistérios
 – e do que era sorriso
 Compõe esses rostos sérios
 Que nos encaram do espelho
 E de outros corpos.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p.104).

Notamos um tom de tristeza no poema, uma vez que o tempo pode revelar perdas, mas também esconder mistérios. O concreto são as coisas que já não são mais iguais, o que nos soa contraditório, mas as mudanças são as constantes. O ser fragmentado parece tentar fugir de tudo isso, seja de si mesmo ou da vida, e vê que assim como ele, o tempo também “corre”.

O eu poético chora ao se lembrar de suas perdas, da morte de alguém querido ou de si próprio, deixando explícitas uma certeza e uma dor, visto ser a morte o fim de tudo, que consegue vencer o que está vivo, como podemos perceber a seguir:

Escuto o tempo fluindo,
 fugindo. Sobe um soluço
 da carne de tudo: móveis,

tecidos, metais. Que forte
é a morte!

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 104).

É interessante destacar que toda essa fuga pára no momento em que nada mais existir, quando tudo que viver ficar só na memória. A terceira estrofe parece nos transmitir a ideia de que o movimento acaba, pois tudo está extinto, o universo e o que há nele.

E só a memória
vive, vive-nos, e soa
seus violinos de névoa
sob um frio sol que monta
num céu de assombro: o Perdido.
Essa lenda que se amplia
no peito – já erodido
pelas distâncias – que vai
explodir em cada gota
seixo, brilho, sombra, hálito
de alma
(essa asa rota
sangrando os seus enganos
entre as paredes do verso)

até nada se mover
sobre o extinto universo.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 105).

Diante dessa dor, o sujeito poético indigita que só a memória vive, só ela permanece já que tudo o mais está morto e que com o tempo só temos a perder, pois quando crianças vivemos a ganhar, já com certa idade continuamos a ganhar, todavia, começamos também a perder e talvez as perdas sejam maiores do que os ganhos. Essas perdas, no entanto, permanecem “ganhos” na memória e este eu lírico na sua solidão retrata a contradição da vida assim como no exemplo “frio sol”, sendo o sol elemento de luz, que esquenta, porém o frio faz com que este não aqueça, havendo um espanto com a descoberta do perdido, que se dá em vida.

A memória vive, mesmo sabendo que muitos já não mais vivem, por ela consegue revivê-los, presentificá-los por instantes. O eu lírico sofre, sabe que o seu futuro será o mesmo dos que já se ausentaram da vida, mas pela memória pode resgatar as lembranças que alegram ao machucar. No entanto, devemos deixar claro que memória não significa necessariamente nostalgia, porém em alguns casos ao se rememorar há uma saudade do que já aconteceu, todavia não quer dizer que o sujeito poético queira voltar a viver exatamente o passado.

1.6. OS FANTASMAS DA MEMÓRIA

Na lírica de Ruy Espinheira Filho há um tempo vivo que se faz presente pela memória, uma vez que nem sempre o eu lírico pertence mais à vida terrestre, mas revive situações com os mortos, os fantasmas que não tem a intenção de abandonar a casa assombrada, ou seja, a memória com suas lembranças.

Lembrança que se faz importante, pois é a peça chave para a história dos fantasmas, como forma de atualizar um tempo perdido, mas que pelo recordar ganha novamente vida, ainda que apenas no plano mnemônico.

No poema “Soneto do Fantasma”, percebemos que, com o tempo, tudo se perde, restando apenas lembranças e passado guardados na memória, nesse caso, de um fantasma que se encontra morto, vivendo apenas na própria recordação, pois “tudo é só passado” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175), como notamos ao ler o poema:

SONETO DO FANTASMA

A história está contada. Resta apenas
a memória demente de um fantasma
que em si carrega a rua, a lua, a casa,
gestos, odores, ruínas de poemas.

Quem passar por ali, ali não passa,
que tudo é só passado. Só há enganos.
Há sons no ar, mas tudo falso canto.
Naquela porta, porta já não há.

Tudo é nele. Só nele ainda se conta
essa história, essa lenda, esse delírio.
Que é onde ele também se conta e vai,

vendo o que ninguém vê, ninguém encontra.
Lunado desse amor, doido da vida
Que em seu vulto resplende- e nunca mais.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175)

De início, atentamos para o aspecto formal do poema, este como o próprio título já revela, trata-se de um soneto, um poema de forma fixa, composto de dois quartetos e dois tercetos, ou seja, primeira e segunda estrofes com 4 versos cada e terceira e quarta estrofes com 3 versos cada uma. Goldstein afirma que “o soneto costuma conter uma reflexão sobre um tema ligado a vida humana” (GOLDSTEIN, 1985, p. 57), expressar pelos versos acontecimentos humanos.

É observável que é um poema escrito no período contemporâneo, contudo apresenta formas tidas como “clássicas” ou tradicionais, se pensarmos na literatura antes e depois da Semana de Arte Moderna de 1922. “Soneto do Fantasma” possui versos decassílabos e aparecem algumas rimas, rimas estas não perfeitas, mas uma sonoridade rítmica, como nos primeiro e quarto verso da primeira estrofe, na qual diz que “A história está contada. Resta apenas / (...) / Gestos, odores, ruínas de poemas.” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175).

Ainda em relação à sonoridade existente no poema “Soneto do Fantasma”, observamos este recurso também na terceira e quarta estrofes do soneto, em que o 1º verso da terceira estrofe rima com a 1ª da quarta estrofe; e o 3º verso da terceira apresenta também uma sonoridade com a última palavra do 3º verso da quarta estrofe.

Interessante notar que o discurso poético é elaborado sob a perspectiva de um eu lírico que conhece a história do fantasma, reconhece sua morte e suas lembranças existentes apenas no plano mnemônico, como já citado acima em “Tudo é nele. Só nele ainda se conta/ essa história, essa lenda, esse delírio” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175).

Em outros poemas espinheirianos, percebemos a constância do fantasma que ainda perambula entre vida e morte, como no poema “Números”, que o eu lírico descreve o engano com os “fantasmas desta outra vida/ cada vez mais nevoenta...” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 146). Fantasmas que geralmente aparecem de forma nítida, como as meninas que continuam a brincar na praça (ainda que mortas). No poema “As meninas”:

As meninas
passeiam na praça.
Uma é a morta
(vem no azul-e-branco
Da farda escolar).
Outra é a que
há muito se foi
para longe e dói
num sulco de afeto
incicatrizável.
(...)
Ele as reencontra
quando quer, na praça
de perene abril:
o passado não passa.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 64).

Meninas que são vistas e ouvidas, que trazem sofrimento para quem lembra suas mortes, “afeto incicatrizável”. O eu lírico, porém, as reencontra quando deseja e faz do

passado um eterno presente, visto que, na sua memória, ele não passa, as recordações de quem já não mais vive, sobrevive.

Destacamos a ênfase existente nos dois primeiros versos do poema “Soneto do Fantasma”, o que denota se tratar de alguém que já não existe e o que resta é a sua memória, “A história está contada. Resta apenas a memória demente de um fantasma.” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175).

No poema de Ruy Espinheira Filho, notamos que toda a história da existência desse sujeito (que agora é um fantasma) não mais permanece, não há movimentos nem se pode mudar, pois ele está morto e suas coisas estão dentro dele, portanto, ao propor com o título “Soneto do Fantasma” é plausível que o leitor reconhecerá se tratar de uma história de alguém morto, que caso algo exista seja no plano da memória.

No “Soneto de uma morte”, presente também no livro *Morte Secreta* (1984) e em *A cidade e os sonhos* (2003) há uma semelhança com “Soneto do Fantasma”, em que o morto se faz vivo pela memória e não se vai completamente enquanto existirem lembranças sobre o sujeito que lembra ou é lembrado. O eu poético de “Soneto de uma morte” declara

Que no morto ainda está, íntimo rosto

de imarcescível morte, imune aos anos.
Que passará só quando ele passar.
O que é o mesmo que jamais passar.

(ESPINHEIRA FILHO, 2003, p. 104).

É possível encontrar nos poemas a ideia de que ao morrer tudo se esvai, restando lembranças tanto para quem fica como para quem se foi, por exemplo, as coisas marcantes tais como o local em que este ser viveu, cresceu, seus ambientes frequentados, seus amigos, suas ações, e principalmente, o passado de um morto que não mais lembrará, será para sempre presente, pois não há como ter futuro para alguém que só existe de passado e no passado. Outro dado a se observar é que a memória em “Soneto do Fantasma” não se apresenta de maneira perfeita, ela contém distúrbios, de um passado destruído assim como o próprio fantasma.

A história está contada. Resta apenas
a memória demente de um fantasma
que em si carrega a rua, a lua, a casa
gestos, odores, ruínas de poemas.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175).

Os sentidos do corpo são constantes, eles nos levam a, talvez, sentir ou se ver dentro da história. Ao falar da lua fica subentendido que esta marcou a vida do fantasma e, quem sabe, do eu lírico que nos conta sobre essa existência; a saber, a lua ilumina a noite, pode presenciar romances, ser confidente, pode ser a única companhia de um sujeito pensativo.

O fantasma mencionado pode ter vivido um amor, provavelmente, quem sabe sob o luar, e ele “doido” de amor desapareceu depois de brilhar intensamente, para viver para sempre onde nada é esquecido, na memória (pelo menos não totalmente, afinal é o local onde o passado ainda sobrevive).

O fantasma vive preso ao passado, pois ele também é passado, um grilhão que o prende e uma morte que acabou com sua trajetória, revelando a fragilidade do ser humano, a inconstância da vida assim como a melancolia do eu lírico ao recordar-se dessa história.

O morto que continua vivo pelas recordações não é um acontecimento ímpar desse poema, pois na lírica espinheiriana este fato se faz recorrente, seja a menina branca, a figura paterna, da família, amigos de infância, como a moça de dezembro para quem o poeta dedica um poema “Canção da moça de dezembro”, no qual somente nos últimos versos percebemos que a moça se encontra morta.

E eis que, dançando, saímos
além da sala e do tempo.
E dançando prosseguimos,
sempre que sopra dezembro,

nos mesmos giros suaves,
nos mesmos ledos enganos:
eu, o antigo rapaz,
e a moça, morta há treze anos.

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 5-6).

Em relação ao poema “Canção da moça de dezembro”, Ivan Junqueira afirma que “o que o anima, na verdade, não é o tempo passado nem o tempo presente, mas uma espécie de *pantempo* que os reúne e redime no tempo futuro” (JUNQUEIRA, 1998, p. 84), assim passado e presente são um só tempo quando este se passa através da memória. Em “Soneto do Fantasma” as coisas não passam,

Quem passar por ali, ali não passa,
que tudo é só passado. Só há enganos.
Há sons no ar, mas tudo falso canto.
Naquela porta, porta já não há.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 175).

de um livro que acabava de sair,
 só depois de algum tempo me lembrando,
 num susto doloroso,
 de que havias morrido,
 de que há muitos meses
 estavas morto,
 morto.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 72)

Ao perceber que está morto o que tanto parece real, o eu lírico se sente melancólico, reconhecendo as perdas que ocorrem com os anos, memória que “tece lembranças assentadas na efetividade de acontecimentos, miúdos ou grandiosos” (GONÇALVES FILHO, 1988, p. 98), memória que guarda sonhos, histórias vividas, dores e alegrias em vida e pós vida.

Nos poemas espinheirianos observados, percebemos que o eu lírico reconta o passado, com seus amores e desamores, resgatando-o para não se esquecer de um tempo que não volta mais, mas que pela memória pode sempre ser revisitado, recriado, num local em que passado e presente se fundem, formando uma nova história, de fantasmas que não querem ser esquecidos, que insistem em continuar vivos pela veia mnemônica.

1.7. LIRISMO, MEMÓRIA E MELANCOLIA

No poema “Vinte Anos” (V.A.) presente no livro *Sob o Céu de Samarcanda* (2009) também buscaremos analisar elementos de forma e conteúdo, como os analisados anteriormente. Percebemos que o eu lírico ao recordar dos vinte anos de ausência apresenta-se melancólico, reconhece a perda que o tempo lhe ofereceu e a fragilidade do ser humano. Interessante ressaltar a presença do pai, as recordações que se fazem constantes, como por exemplo, só para citar alguns, no poema “O Pai” (O.P.), presente em *A canção de Beatriz e Outros poemas* (1985-1990) e “Sonhos” (S.) publicado em *Memória da Chuva* (1990-1996). No poema “Vinte anos” notamos a presença paterna, ainda que na ausência:

VINTE ANOS

I

Nestes vinte anos
 foram tantos sonhos que perdi a conta.
 Sonhei-te maduro, sereno, às vezes chegando
 de viagem
 ou sorrindo em festas com teus vinhos
 e músicas e elegantes
 passos de dança,
 e te sonhei muito jovem como

em certas fotografias,
ou como te conheci a princípio,
porque entre nós havia pouco mais
de vinte anos.

II

Mas, nestes vinte anos,
não foram apenas sonhos,
também perdi
a conta de nossos encontros
em dia pleno,
viva companhia.

Tanto assim
que às vezes sucediam certas coisas,
como na tarde em que peguei dois exemplares,
um para te presentear,
de um livro que acabava de sair,

só depois de algum tempo me lembrando,
num susto doloroso,
de que havias morrido,
de que há muitos meses,
estavas morto,
morto.

III

Nestes vinte anos,
como em todo meu tempo anterior,
estiveste comigo
-compreensão, coragem, segurança, rumo-
numa presença poderosa que poucos conhecem
e se chama caráter.

IV

Ao fim destes vinte anos
que sinto é que passou muito tempo,
bem mais do que poderia caber
em vinte anos.
Às vezes me sinto velho,
mas então me lembro que ainda faltam
dois anos para que eu chegue
à tua idade final
- e tu morreste sem envelhecer,
ainda em plena força de homem,
sábio e luminoso
no coração.

V

Nestes vinte anos
houve uma mudança de milênio,
teus netos ficaram adultos,
vários amigos se despediram,
outros perderam partes do corpo
(em certos casos, também da alma),
mas os que ainda vejo falam

comovidos
de ti.

VI

Ao fim destes vinte anos,
escrevo estas palavras e me envergonho
de não saber dizer melhor
dos acordes que soam em nós
que te conhecemos.

Mas,
se tanto não sei,
não sabemos,
sabemos o que importa:
que somos especiais
porque vivemos o tempo generoso da tua voz,
do teu gesto,
e continuamos a viver esse tempo,
confortados
por tua densa e cálida memória,
meu pai.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 71-74)

Partindo da forma, observamos que o poema se divide em 6 partes, sendo a I com 12 versos, a II com 2 estrofes, a 1^a com 6 e a 2^a com 11 versos. A parte III possui 6 versos, a IV 12 versos, a V 9 versos e a VI também dividida em 2 estrofes, ficando a 1^a com 5 versos e a segunda estrofe com 11 versos. O discurso poético é elaborado sob a perspectiva de um eu lírico masculino que declama o poema quase num tom confessional, como se estivesse contando ao ausente o que aconteceu nesses vinte anos em que só a memória guarda a presença.

Nas seis partes que compõem o poema, cada verso inicial começa praticamente do mesmo modo e em todas as palavras vinte anos, ou seja, o título aparece e é como se martelasse memorialisticamente na mente do eu lírico e de quem escuta ou lê a poesia. Observe os primeiros versos de cada parte, na I “Nestes vinte anos”, na parte II “Mas, nestes vinte anos”, na II “Nestes vinte anos”, na IV “Ao fim destes vinte anos”, na V “Nestes vinte anos” e na VI “Ao fim destes vinte anos”, sem esquecer de que nas partes I, III e V (ímpares) começam da mesma forma. O título “Vinte Anos” em cada verso inicial nos revela que o tempo não é à toa para o eu lírico, que vinte anos são lembrados, que são evocados e que dói ter passado estes vinte anos sem a presença paterna.

Quanto ao conteúdo em si, notamos que na primeira parte o eu poético falará dos sonhos que teve, sonhos estes que não foram poucos, tantas vezes sonhou assim como tantas vezes expressou isso em poemas. O eu lírico diz “Nestes vinte anos/ foram tantos sonhos que

perdi a conta” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 71). E ele começará a descrever alguns dos sonhos que teve, anunciando:

Sonhei-te maduro, sereno, às vezes chegando
De viagem
Ou sorrindo em festas com teus vinhos
E músicas e elegantes
Passos de dança. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 71).

No poema “Sonhos”, de Ruy Espinheira Filho, como o próprio título já nos remete, falará de sonhos do sujeito poético, sonhos estes que são presentes.

Veste-se sempre com elegância, como quando era vivo.
Nos sonhos, costuma estar voltando de uma viagem.
Às vezes também leva o filho numa viagem, que é uma festa
com amigos vivos e mortos, e o filho acorda sorrindo.

Recentemente chegou usando costeletas muito espessas e negras,
como nunca em vida. O filho achou engraçado. Ele também.
Estava tão jovem que não teria mais de vinte anos,
trinta e dois a menos que o filho que o sonha.

Ou que ele sonha. O que é a mesma coisa
no vasto sonho que é sonhado que nos sonha
que o sonhamos cheio de estrelas
sobre nós.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 332)

O poema começa falando da mesma elegância, das festas e das viagens. Em vida essa alegria, os encontros com os amigos, as festas e os vinhos faziam parte dos momentos do pai, e o filho recorda, seja acordado, seja em sonhos, pois após sua morte só em sonhos ou pela evocação do passado o tempo pretérito pode ser revivido.

No poema “O Pai”, escrito apenas 23 dias após a morte do pai, o eu lírico relembra os vinhos e almoços. Observe nos versos, “Caminho/ bebes com amigos na sala/ tua voz domina” (O.P.), ou ainda,

depois de amanhã deveríamos almoçar juntos
como sempre
à sombra de um denso vinho tinto maduro
depois de conhaques ou licores caseiros
bebidos na varanda
em torno da mesa com tampo de vidro
confortáveis nas cadeiras de vime
de alto espaldar
depois de amanhã
como tantas vezes

depois de amanhã
como nunca mais (O.P.)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 232).

A morte do pai o afetará, as lembranças farão presente durante os dias de vida do eu lírico, os 23 dias após a morte do pai, os 8 anos, os 20 anos ou quiçá, para todo o sempre. Interessante que os três poemas são dedicados ao pai; o poema “O Pai” foi escrito em 1986, 23 dias depois da ausência física paterna, como o próprio poema nos revela

Caminho entre túmulos
caminho
sob árvores exaustas de velas os mortos
caminho
aos vinte e três dias da tua ausência
na mão esquerda o frio da alça do caixão
que não soltei
nem quando cimentaram a pedra sobre ti

que não soltarei nunca (O.P.)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 227).

O próprio livro *A canção de Beatriz e Outros poemas*, publicado em 1990 foi dedicado “à memória de Ruy Espinheira, meu pai” e dividido em três partes, sendo que a segunda recebe o título “O Pai” e nesta está o poema com o mesmo título, o qual resgatará mesmo depois de morto, o tempo em vida de pai e filho. O poema “Sonhos” foi escrito em 1994 e publicado em *Memória da Chuva* lançado em 1996 (livro que, por sinal, foi finalista do prêmio Nestlé de Literatura Brasileira e do Prêmio Jabuti, ambos em 1997, além de receber o Prêmio Ribeiro Couto- União Brasileira de Escritores em 1998), como já mencionado falará dos sonhos com o pai; e o poema “Vinte Anos” escrito em 2006 e publicado no livro *Sob o Céu de Samarcanda* lançado em 2009, também contará da relação entre pai e filho, relação esta que ultrapassa a vida, reconhecendo a morte, a fragilidade humana e a importância da memória, memória melancólica, memória que não esquece, memória que seleciona, memória viva. Ainda contando dos sonhos, o sujeito lírico continua a dizer,

e te sonhei muito jovem como
em certas fotografias,
ou como te conheci a princípio,
porque entre nós havia pouco mais
de vinte anos. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, 71).

Mas, nestes vinte anos,
 não foram apenas sonhos,
 também perdi
 a conta de nossos encontros
 em dia pleno,
 viva companhia. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 71-72).

No poema “Sonhos” o eu lírico diz que o sonho se torna real também, o morto que sonha com o vivo e vice versa,

(...) o filho que o sonha.
 Ou que ele sonha. O que é a mesma coisa
 no vasto sonho que é sonhado que nos sonha
 que o sonhamos cheio de estrelas
 sobre nós. (S.)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 332).

Ou no poema “O Pai” quando o eu lírico diz “assim era/ assim sonha esse menino em seu peito amargo/ passeando sua dor sobre as tábuas gementes” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 229). O eu lírico sente a presença do pai, que em muitos momentos se esquece até que ele está morto, como no exemplo do poema em estudo, quando ele compra dois livros, um para o pai e um para si, note:

viva companhia.
 Tanto assim
 que às vezes sucediam certas coisas,
 como na tarde em que peguei dois exemplares,
 um para te presentear,
 de um livro que acabava de sair (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 72).

E neste momento, melancolicamente, o eu lírico se dá conta que estava preso ao passado, ao tempo em vida, da presença física do pai. E ao reconhecer a morte e que o pretérito só pode ser revisitado através da memória este sente a dor de ter que admitir a perda, a ausência, a morte. Ele confessa:

só depois de algum tempo me lembrando,
 num susto doloroso,
 de que havias morrido,
 de que há muitos meses,
 estavas morto,
 morto.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 72).

Quando o eu lírico reconhece a morte, duas vezes ele pronuncia a palavra morto, como que quisesse se convencer da realidade, “estavas morto, /morto”. Segundo Iacyr Freitas “a impossibilidade de retorno reforça a convicção de que nada pode deter o fluxo temporal: a morte é a única e a última certeza” (FREITAS, 2001, p. 123). A morte por ser uma certeza também colabora com o fluxo memorialístico, visto que somente por meio das recordações pode-se “reviver” alguns momentos que não voltam mais.

A terceira parte do poema analisado, “Vinte Anos”, com 6 versos, expressa as características qualitativas do ausente. Nesses vinte anos, mesmo longe o que foi ensinado continua; as qualidades do pai são rememoradas e se fazem presentes, pois em vida o pai demonstrou tê-las e na sua partida elas permanecem. Para o eu poético

Nestes vinte anos,
como em todo meu tempo anterior,
estiveste comigo
-compreensão, coragem, segurança, rumo-
numa presença poderosa que poucos conhecem
e se chama caráter. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 72).

Características que foram passadas do avô para o pai e do pai para o filho, como no poema “O Pai” o eu lírico diz que a dignidade “insuavizável como a do teu pai/ a compreensão e generoso/ amor” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 234), e que são sempre lembradas. O eu lírico continua o poema confessando suas lembranças, suas alegrias e tristezas. Na 4ª parte do poema “Vinte Anos” ele se fixa no presente e, melancólico, entristece com a morte do pai, sabe que muito tempo já se passou; que estando com 63 anos sente-se velho e ao mesmo tempo jovem. O sujeito poético nos diz:

Ao fim destes vinte anos
que sinto é que passou muito tempo,
bem mais do que poderia caber
em vinte anos.
Às vezes me sinto velho,
mas então me lembro que ainda faltam
dois anos para que eu chegue
à tua idade final.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 73).

O tempo todo o sujeito poético vale-se da memória e explicitam termos que nos conduz à lembrança, palavras ou expressões como “me lembrando”, “mas então me lembro”,

entre outras. Há nesta estrofe versos que marcam o poema, uma síntese do que o poeta quer expressar, a lembrança do passado e do presente, o que foi e o que o indivíduo ainda é, a alegria pela vivência e a tristeza pela distância, a memória melancólica, um lirismo constante, uma melancolia mnemônica. No poema “O Pai” o eu lírico relembra “Aqui estou/ e não creio/ falavas em envelhecer longa e serenamente” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 234), e no poema em estudo “Vinte Anos”, o eu lírico diz que o pai morreu sem envelhecer, ainda jovem, sábio e luminoso. O uso do travessão é como se fosse a fala do eu poético, uma marca da narrativa, mas presente no lirismo espinheiriano, como se fosse uma declaração, o sentimento expresso, assim ele nos confessa

– e tu morreste sem envelhecer,
ainda em plena força de homem,
sábio e luminoso
no coração. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 73).

Por isso, por tê-lo sempre no coração, o eu lírico também o tem na memória e o recorda, o resgata, o revive, o presentifica. Na parte V do poema o sujeito poético falará das mudanças nestes vinte anos, das mortes dos amigos do pai, da saudade que guardam dele, das conquistas e despedidas, até da mudança de milênio, de 1986 para 2006 (ano da morte e ano em que foi escrito este poema, respectivamente). Observe:

Nestes vinte anos
houve uma mudança de milênio,
teus netos ficaram adultos,
vários amigos se despediram,
outros perderam partes do corpo
(em certos casos, também da alma),
mas os que ainda vejo falam
comovidos
de ti.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 73).

Sabemos que com o passar dos anos as coisas não permanecem iguais, as pessoas não mais permanecem iguais, muitas nem permanecem, outras permanecem pela memória, mas as lembranças, a comoção, estas sobrevivem. O eu lírico na última parte do poema declara-se, na primeira estrofe da sexta parte, envergonhado por não saber dizer melhor, por lembrar alguns detalhes, por evocar alguns acordes, como uma confissão realmente,

Ao fim destes vinte anos,
escrevo estas palavras e me envergonho

de não saber dizer melhor
dos acordes que soam em nós
que te conhecemos. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 74).

E, finalizando o poema, a segunda estrofe da última parte, num singelo lirismo, numa declaração melancólica e mnemônica, revela que pela densa e cálida memória o tempo permanece, os gestos ficaram preservados, a voz faz-se ouvinte, o pai foi eternizado.

Mas,
se tanto não sei,
não sabemos,
sabemos o que importa:
que somos especiais
porque vivemos o tempo generoso da tua voz,
do teu gesto,
e continuamos a viver esse tempo,
confortados
por tua densa e cálida memória,
meu pai. (V.A.)

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 74).

Memória que faz com que o passado não seja esquecido, memória que salva as recordações e as trazem ao presente, elemento capaz de presentificar o tempo, sem contudo ter apenas esse papel, afinal a memória ela resgata, “atualiza”, reinventa, recria, presentifica.

No lirismo espinheiriano, o eu lírico reconhece o impasse, a dor que não cessa, o passado que não pode voltar a não ser pelas lembranças, pois a morte e as perdas são consequências da vida, mas o eu poético através da memória resgata emoções que valem a pena serem sentidas novamente, pois o tempo vivido as tornaram especiais, o tornou único, digno da vida, afinal já dizia o próprio poeta Ruy Espinheira Filho no poema “Viagem”, “umas coisas valem a dor da memória” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 87).

2. MELANCOLIA E LIRISMO: O PASSADO SEMPRE PRESENTE

2.1. A MELANCOLIA NA LÍRICA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Sobre a expressão melancolia há muitos conceitos, além de que a história do surgimento da melancolia é ampla; Moser num artigo do livro *Narrativas da modernidade* comenta sobre as origens da melancolia, entre a mitologia (Cronos), astrologia, pois dizem que ela é regida por Saturno e pela patologia humoral, a bile. Moser ainda relata sobre textos fundadores da melancolia, sendo “um, pictural, a gravura *Melancolia I* (1514) de Albrech Durer; o outro, filosófico: o tratado *De vita triplici* (1482), de Marsílio Ficino, que lhe propõe um enobrecimento, fazendo do sujeito melancólico o gênio criador” (MOSER, 1999, p. 50).

Walter Benjamin é outro estudioso da melancolia, que procura entender a “teoria do luto”, discute sobre os temperamentos humorais, a questão astrológica, ressalta a influência de Saturno, comenta sobre a consciência da perda, entre outros pontos relevantes. No texto de Luiz Carlos Lima, ele nos aponta que “com Benjamin, a dialética de Saturno faz sua entrada na modernidade. Explorando esteticamente e dissecando conceitualmente o logos da noturnidade melancólica” (LIMA, 2003, p. 101) e Rouanet postula também que Saturno é considerado o planeta que rege a melancolia, sendo “o planeta mais elevado, e por isso pode produzir homens contemplativos, alheios a qualquer atividade terrena” (ROUANET, 2007, p. 232).

A melancolia já estudada por Benjamin no dito período Barroco, destacada na fase do Romantismo aparece na modernidade novamente, mas com nova roupagem. Sem desejo de ser nostálgico, de suicídio; o poeta moderno e contemporâneo sente pela melancolia um impulso criativo, visto que pensar na vida nos remete à melancolia, refletir as perdas que ocorrem com o passar dos anos. Conforme Andréa Pereira, a melancolia é uma característica da modernidade, uma vez que “a exagerada confiança nos avanços científicos e tecnológicos, e a promessa velada de que, a partir de então, o homem reinaria soberano sobre si mesmo e sobre o mundo, ruiu e deu lugar a uma atmosfera oposta: a melancolia (...)” (PEREIRA, 2010, p. 26-27), ideia defendida por Reinaldo Marques em “Tempos modernos, poetas melancólicos”.

O próprio poeta Ruy Espinheira Filho em entrevista a Elieser César quando perguntado sobre se a memória na sua poesia não a torna melancólica, ele responde “quando

eu reflito fico melancólico, porque a vida é melancólica” (CESAR, 2010, *online*), uma vez que sabemos sobre o que passou e pensar no passado é reconhecer as perdas e as mudanças, que quase sempre nos remetem à melancolia.

2.2. A PRESENÇA NA AUSÊNCIA

Ao estudar a melancolia que assombra os poetas modernos e em consequência o eu lírico dos seus poemas, Reinaldo Marques acredita que o tempo da melancolia é uma possível explicação da relação do poeta com “o mundo moderno e com o lugar problemático que lhe cabe no espaço da modernidade” (MARQUES, 1998, p. 159). Modernidade que aponta as inquietações, pois “o que hoje está presente, amanhã pode desaparecer; a riqueza pode dar lugar à pobreza, ao sabor dos caprichos do mercado. O resultado disso é um paradoxal- porque ocorrendo numa época de afirmação da individualidade- choque narcísico” (SCLIAR, 2003, p. 17).

Em poemas espinheirianos notamos o eu lírico que reconhece a presença na ausência, visto que ainda que nada mais exista tal como foi, as recordações se faz constante. Esse não abandono do passado torna o sujeito melancólico, uma vez que o passado está sempre presente, sempre revisitado, sempre revivido por flashes de memória. Ao lermos “Soneto de julho” percebemos como síntese o verso “o que és – presente, ausente – e me consome.” (ESPINHEIRA FILHO, 2003, p. 107), assim, presença e ausência se fundem e se complementam:

SONETO DE JULHO

(...)

O que sinto é teu corpo, que consome
- presente, ausente - o meu corpo. Luar

em que me abraso, morro: teu olhar
ofuscando memórias, onde some
um mundo, e outro se ergue. (...)

(ESPINHEIRA FILHO, 2003, p. 107)

Mundos perdidos, pois não há como viver o passado no presente realmente; mas não há também como se distanciar dele. Em “Descoberta”, a melancolia existe pelo fato de só depois – quando não mais se vive ou existe o que viveu- que o sujeito poético conseguiu descobrir o “sentido da sua vida”.

DESCOBERTA

Só depois percebemos
o mais azul do azul,
olhando, ao fim da tarde,
as cinzas do céu extinto.

Só depois é que amamos
a quem tanto amávamos;
e o braço se estende, e a mão
aperta dedos de ar.

Só depois aprendemos
a trilhar o labirinto;
mas como acordar os passos
nos pés há muito dormidos?

Só depois é que sabemos
lidar com o que lidávamos.
E meditamos sobre esta
inútil descoberta

enquanto, lentamente,
da cumeeira carcomida
desce uma poeira fina
e nos sufoca.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 41)

Poema presente no primeiro livro do poeta baiano, *Heléboro*, com um título sugestivo: Descoberta. Ao lermos já reconhecemos se tratar de algo que foi descoberto. No entanto, só no fim é que o eu lírico percebe o que sempre esteve ao seu lado. Com 5 estrofes, sendo cada uma com 4 versos, o eu lírico tece suas afirmações no tom triste. Só no fim da tarde, valoriza-se o vivo dia. Metáfora dolorosa aparece na segunda estrofe, “e o braço se estende, e a mão/ aperta dedos de ar” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 41). O vazio é o que fica, apesar de já ter amado, apenas nunca reconhecido esse amor quando ele se fazia presente entre os seres. Talvez pela agitada vida do sujeito moderno/contemporâneo, o tempo corrido, preocupado com as questões materiais fez com que só no fim da vida, momento em que realmente pode descansar, refletir sobre sua existência, tenha descoberto o que sempre soube.

Pensar a sociedade que o eu lírico vivencia é redescobrir a indissociabilidade do sujeito poético, como nos assegura Mendes: “o final do milênio nos aponta para um rol de questionamentos. Inseguro quanto ao futuro, o homem de hoje apresenta uma grande tendência à melancolia e à depressão” (MENDES, 1999, p. 113-114).

Nesse sentido, o eu lírico reconhece o passado como algo concreto, mas perdido visto que já passou, tornando-se então melancólico, o eu adentra-se no seu interior com um

aparente desinteresse pelo mundo, tenta buscar o isolamento, indo de fora para dentro, a fim de se encontrar por si mesmo.

Dessa sorte, a memória existe enquanto lembranças e construção de cada ser, experiência, se fazendo presente, ou seja, a memória como evocação do passado. Assim, nessa sociedade de consumo em que vivemos, na qual o homem guarda em si a memória e a solidão, este se concebe melancólico. Ao pensar sobre sua vida, ele descobre tardiamente

E meditamos sobre esta
inútil descoberta

enquanto, lentamente,
da cumeeira carcomida
desce uma poeira fina
e nos sufoca.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 41)

Ao ser sufocado, é como se só existisse a ausência, “dedos de ar”. Massaud Moisés vê no poeta um ser que ao falar de suas particularidades, suas próprias descobertas, consegue tratar do universal, pois outros seres isolados passam pela mesma situação, cada um individualmente constrói um universo muitas vezes melancólico ao ser recordado. Para ele, “o poeta contempla ideias particulares, subjetivas e, entretanto, em certos sentido; universais” (MOISÉS, 1993, p. 84).

Ao lermos “os bens maiores”, primeiramente associamos a ideia de dinheiro pela expressão “bens”. Mas são bens que estão além do palpável, bens que se encontram no silêncio, na memória. O eu lírico, muitas vezes melancólico, não se afasta do que passou.

OS BENS MAIORES

O que ficou
além do enlace
é o que mais foi
preso pelo gesto.

O que não foi
tocado é que
deixou sua marca
mais nítida na mão.

A gaiola vazia
é onde habita
o que há de mais belo
em gorjeio e pássaro.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p.60)

Poema lançado primeiramente no livro *Julgado do vento*, com poemas escritos entre 1966 a 1976 - segundo livro de poemas do autor - e incluso também na coletânea organizada por Sérgio Martagão Gesteira com o título *Melhores poemas: Ruy Espinheira Filho*, publicado em 2011.

Texto curto, com 3 estrofes e 12 versos, sendo 4 versos em cada estrofe. Construído por meio de antíteses como “não foi tocado” e “deixou marca”, “vazia” e “habitada”. Podemos nos perguntar o que seriam esses bens maiores, o que logo será revelado, visto que o poema revela que a ausência torna presente o que já não há.

Verbos no passado nas duas primeiras estrofes, no entanto, na última o verbo aparece no presente. O que restou foi essas recordações, o pássaro agora livre, mas um dia, provavelmente, preso na gaiola. O que fica não é o pássaro, mas o seu gorjeio. No sentido denotativo seria o som harmonioso e suave produzido pelos pássaros ou ainda na linguagem figurada, segundo o Houaiss, o rumor de vozes infantis.

Infância sempre associada ao passado e pelo silêncio da ausência, notamos a marca existente – ainda que não tenha sido tocado- marca de uma vida, de um indivíduo que reconhece ser os bens maiores, não o que pode ser tocado ou comprado, mas o que fica do silêncio, dos gestos realizados ou não, as marcas que levará por toda uma vida, as marcas da memória.

Gaiola vazia, símbolo da ausência e da libertação. Sujeito livre das amarras sociais, que só fora dessa corrente em que vive pode descobrir que os bens maiores estão na simplicidade, da imagem produzida pelo pássaro e seu som, ainda que distante da concreta “gaiola”. Cortazar ao tratar do poeta percebe essa “libertação”, tanto que afirma: “Diz-se que o poeta é um ‘primitivo’ na medida em que está fora de todo sistema conceptual petrificante, porque preferem sentir a julgar, porque entra no mundo das próprias coisas e não dos nomes que acabam por apagar as coisas, etc.” (CORTAZAR, 1974, p. 88).

E ao sentir, ele consegue retratar em seus escritos os bens que fogem ao explicável, mas só pode ser compreendido pelo sentimento.

2.3. A MELANCOLIA EXISTENTE NOS POEMAS INVERNAIS

A melancolia e a solidão íntima são sentimentos presentes no sujeito fragmentado. Há um ensimesmamento, o ser vive uma “perturbação” de ações, mas se isola ou é isolado, restando apenas lembranças do passado em sua memória. Normalmente, a noite é uma válvula

de escape, um momento agradável, como se na noite o ser humano se encontrasse, já que muitas vezes ele é um ser “incompreendido” pela sociedade.

FLOR DE JUNHO

Tua lembrança nasce em mim, digamos,
como uma flor de junho: úmida, fria,
curvada ao vento e à melancolia
do que vivemos. Mais: do que deixamos

de viver (penso nisto, assim, digamos,
mordido de remorsos). Quem diria
que viria tão rápido este dia
em que eu veria que passei, passamos?

Flor de junho... Essa história, outras histórias
por quanto ainda, assim, dessas memórias
Suportarei? E o Corvo Nunca Mais

me pousa no ombro. E, vendo a comoção
lavrando-me, me afaga e me diz: “Não
há de ser nada- amanhã tem mais”.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

Partindo da análise do poema “Flor de Junho”, analisando primeiramente o aspecto formal, observamos se tratar de um soneto, com 14 versos divididos entre 4 estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. Interessante notar que é um soneto com rimas interpoladas, que na primeira estrofe apresenta as rimas ABBA assim como na segunda estrofe, já a terceira aparece com rimas CCD e a quarta estrofe EED. São versos decassílabos, forma bem clássica da poesia, pelo próprio soneto, uso de rimas e de metrifcação, apesar de escrito numa época contemporânea, como já mencionado, poema publicado em 1998 na sessão de inéditos do livro lançado pela Record em 1998, o *Poesia Reunida e Inéditos*, e presente no livro da Bertrand Brasil (2005), *Elegia de Agosto e Outros poemas*. Outro dado apresentado no poema é o uso do encadeamento ou *enjambement*, precisando muitas vezes do verso seguinte para completar o sentido do verso anterior.

O autor baiano se caracteriza por não seguir uma norma fixa, não se prende totalmente ao clássico, mas também não só escreve poemas com versos livres e brancos, ressaltando um marco já do Modernismo, que é a liberdade para escrever, não se limitar somente a uma forma, seja ela consagrada pela literatura canônica ou pela contemporânea.

Partindo do título, flor remete à beleza, ao perfume que por sua vez sugere lembranças, passado, que é marca da melancolia. Flor ainda pode ser considerada como alimento para pássaros (como o beija-flor, as abelhas), o centro da planta que impulsiona ao estado vital. Os

sentidos são elementos que remetem à memória, e se relacionarmos também aos conceitos de melancolia faz muito sentido, visto que Olgária Matos considera um sujeito melancólico aquele que “tem dificuldade de esquecer, que fica preso ao passado” (MATOS, 1987, p. 16), assim ao retornar, semanticamente voltamos ao já acontecido. Há a ideia de que flor representa as almas dos mortos ou no funeral sempre colocam flores no caixão, jogam pétalas após o sepultamento, e muitos ainda colocam nas mãos dos mortos flores, numa ligação entre morte, vida e flores. Estudos revelam que a melancolia muitas vezes é associada ao luto, afinal muitas das características melancólicas são tomadas de empréstimo do próprio luto. Segundo Freud o melancólico nem sempre sabe o porquê da melancolia, não sabe exatamente o que perdeu, mas sente-se abatido (atitude que quem faz o luto quase sempre desempenha) e por isso, torna-se um indivíduo ensimesmado.

Continuando com o título, junho é o mês do fim do outono e início do inverno, outono período de transformação, estação que guarda semelhanças com o verão e com o inverno, analogicamente diríamos um sujeito preso ao passado, vivendo o presente e com esperanças no futuro. Junho também é o mês do inverno, período mais frio, chuvoso, paralelamente uma estação em que o ensimesmamento se dá quase que naturalmente, as pessoas tendem a ficar mais em casa, a ficarem mais centradas em si mesmas. Estação fria, que no livro de Moacyr Scliar sobre melancolia, o autor comenta que Benjamin ao analisar a gravura de Durer diz que a pedra “dura e fria, é um símbolo da melancolia” (SCLIAR, 2003, p. 85), então podemos dizer que o frio é um símbolo melancólico.

A primeira estrofe já remete ao passado, à lembrança, ou seja, a flor de junho que fala o eu lírico melancólico do poema. O eu lírico compara a lembrança que ocorre nele e a partir dele a uma flor de junho, a qual é caracterizada de “úmida, fria, curvada ao vento e à melancolia” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), como já mencionado, elementos próprios do perfil melancólico. O eu lírico começa declarando o seguinte:

Tua lembrança nasce em mim, digamos,
como uma flor de junho: úmida, fria,
curvada ao vento e à melancolia
do que vivemos.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

O próprio eu lírico se mostra melancólico ao reconhecer seu passado, ou seja, o que viveu. A flor quase sempre curva-se ao sol, mas esta por ser melancólica curva-se ao vento e à própria melancolia. Ainda no 4º verso do primeiro quarteto, o sujeito lírico acrescenta o

mais, advérbio de adição, que além da melancolia que viveu existe a melancolia do que não viveu. Outro ponto da melancolia é o impasse existente ao passado, o sujeito que fica preso porque há questões não resolvidas, o dito “Se” da questão. Se o eu lírico tivesse vivido, se tivesse feito de tal maneira ou de outra, enfim, se tivesse, se vivesse, mas não fez, não teve, não viveu. Conforme Freud “o melancólico nos mostra ainda algo que falta no luto: um rebaixamento de autoestima, um enorme empobrecimento do ego. No luto é o mundo que se tornou pobre e vazio; na melancolia é o próprio ego” (FREUD, 1992, p. 133).

Em relação ao luto, Alfredo Bosi pontua que “e até do silêncio, que parece puro vazio, ausência de som, o espírito arranca um mar de significados.” (BOSI, 1977, p. 60), pois até o silêncio pode “falar” quando se está melancólico ou quando a memória é o único local de certezas, ainda que por vezes incertas.

No poema “Tardes”, a imagem melancólica do mês invernal, das cinzas são retomadas.

As pétalas cinzentas do céu
 fizeram de você novamente um menino
 noutra tarde de junho
 até que de repente lhe trouxeram um uísque
 e as vozes se elevaram
 e você se retornou um homem quase velho
 que nada lembra o da história
 que o menino escrevera confiante
 sob uma tarde de junho
 nas pétalas cinzentas do céu.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 43)

Céu cinza que retoma imagens do passado, com o menino de uma tarde de junho. A expressão “novamente” dá uma ideia de algo que já aconteceu, como mais adiante vemos no poema que o a palavra “retornou” leva de volta ao presente. Homem quase velho que nas tardes de junho pode voltar a ser o menino, por sinal, diferente do que imaginava em suas histórias. Torna-se um “homem quase velho” com seu uísque que nas tardes cinzentas de junho oscila entre passado e presente.

Quanto à lembrança e esquecimento, Rodrigo Guimarães, ao estudar sobre esse aspecto, pontua que

Não há dúvida que a memória tem seus talismãs, como afirmou Borges, e recorre frequentemente a uma obsessiva rotinização de gestos e pensamentos para preservá-los, de maneira “indene”, dos miasmas e dos golpes do esquecimento. Ao ser acossada por devires ou pelas tintas corrosivas e deslocadas do desejo, a memória institui, em solidariedade com o passado, um lugar de enfrentamento das dimensões infraléves e de suas características de dissipação. (GUIMARÃES, 2010, p.119)

Retomando o poema “Flor de Junho”, destacamos o sujeito melancólico que vive “mordido de remorsos” pelo que não viveu no passado, segundo a lírica “Mais: do que deixamos/ de viver (penso nisto, assim, digamos,/ mordido de remorsos)” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

O eu lírico se indaga, perguntando “Quem diria/ que viria tão rápido este dia/ em que eu veria que passei, passamos?” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), com verbos no futuro do pretérito e no pretérito, sempre retomando o passado, seja o passado mais presente ou o mais longínquo. Por viver no presente retomando o passado, o eu lírico acredita que tudo passou muito rápido e ele ainda não se desligou do tempo pretérito, por isso o questionamento.

Interessante destacar que a melancolia tem que ser entendida desvinculada da tristeza, que é algo aparentemente normal no processo de existência humana, também desvinculada da depressão, que realmente já foi comprovada se tratar de uma doença que apresenta no quadro de sintomas a melancolia e a tristeza. Também diferenciar a melancolia do luto, tarefa empenhada por Sigmund Freud no seu texto “Luto e Melancolia”, definindo que “a melancolia tem por conteúdo algo mais do que o luto normal. Nela a relação com o objeto não é nada simples e se complica pelo conflito de ambivalência.” (FREUD, 1992, p. 139).

O homem moderno encontra-se perdido, reconhecendo que falta algo, mas sem saber o quê e evitando fazer o luto vive essa incógnita de viver. Melancolia não é tédio simplesmente, mas o melancólico é um ser que se absorve em pensamentos.

A terceira estrofe composta por três versos é uma síntese do poema, uma retomada do título e das histórias que fizeram a existência do sujeito poético. Para se estudar melancolia não há como separá-la da memória, sendo as duas atitudes, de certa forma, interrelacionadas, afinal memória é o próprio ato de evocar o passado, de recordar, lembrança e a melancolia é o constante passado fazendo-se presente por meio das recordações. Proust já mencionava essa ligação que não há como ser separada, não há como ter melancolia sem memória e vice versa. O terceto apresenta “Flor de junho... Essa história, outras histórias/ por quanto ainda, assim, dessas memórias/ suportarei?” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65), o ato melancólico consiste na lembrança triste, lembrar-se, ficar preso ao que passou, pois não foi esclarecido, ainda restam impasses que doem ao serem memorados. Não só uma história, mas muitas, memórias individuais e coletivas que o sujeito lírico precisa suportar para viver, pois é a própria vida.

Interessante que é um traço próprio da lírica espinheiriana, diferente das concepções de melancolia saudosista, o eu lírico no poema de Ruy Espinheira Filho reconhece seu passado,

fica preso ao que não foi resolvido, ao que poderia ter feito ou que poderia ter feito diferente, mas não com saudade do tempo pretérito, ou com desejo de retorno ao passado. Sujeito melancólico que lembra, que existe porque existe com suas lembranças, porque a única coisa que temos realmente nossa são nossas ações já ocorridas, o que somos é a nossa memória, e quase sempre melancólica ao ser revisitada.

Um elemento forte que aparece no poema é a figura do Corvo, que pela simbologia apresenta muitas definições. Para o senso comum sempre associado de modo negativo, ligado ao mau agouro, à morte, na Índia é o mensageiro da morte, enquanto no Japão é um mensageiro divino. Em certas culturas o corvo é visto com bons olhos, para os tcheus “uma ave de bom agouro, anunciadora de seus triunfos, e sinal de suas virtudes” (CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 294), é símbolo de esperteza, detalhes, reconhecimento do que pode ser melhor. Ainda há a concepção de símbolo da solidão, que é um traço melancólico e por se tratar de quase sempre um “isolamento voluntário” associamos ao que, durante muito tempo, era a marca da intelectualidade. O intelectual vivia isolado, nem sempre ou quase nunca era compreendido e era melancólico. Scliar em artigo postula que:

Para os gregos antigos, melancolia não era apenas uma doença. Platão distinguia duas formas de loucura: uma resultante de doença, outra de influências divinas; poderia ocorrer o mesmo com a melancolia, como sugere uma famosa passagem de Aristóteles, o Problema XXX: —Por que razão todos os que foram homens de exceção no que concerne à filosofia, à poesia ou às artes, são manifestamente melancólicos? (SCLIAR, 2009, p. 4)

O mesmo autor no livro *Saturno nos Trópicos* ressalta que a melancolia estava associada à sabedoria, o sujeito que reflete sobre a vida e por isso fica contemplativo, “o tempo da melancolia intelectual é a biblioteca. Explorar o mundo real” (SCLIAR, 2003, p. 88), figuras exemplos são Dom Quixote e Hamlet, que por não compreenderem e não serem compreendidos no mundo em que viviam, tornaram-se desiludidos. Scliar aponta que no século XIX a melancolia aparece como parte inclusa do cotidiano e na modernidade o termo torna-se constante.

O corvo que pousava no ombro do eu lírico no tempo presente não mais pousa, mas percebendo a melancolia do indivíduo se comove juntamente com ele, aconselhando o eu lírico a não desanimar, porque toda essa tristeza não há de ser nada, há outras para vim e alegrias também que podem ocorrer no futuro. A ação de afagar, abraçar, solidarizar-se é quase que humanizar o corvo ou diminuir a diferença entre os seres, em que ambos se reconhecem e se compreendem. Finalizando o poema “Flor de Junho” o eu lírico revela

(...) E o Corvo Nunca Mais

me pousa no ombro. E, vendo a comoção
lavrando-me, me afaga e me diz: “Não
há de ser nada- amanhã tem mais”.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 65).

Chevalier e Gheerbrant nos diz sobre a representação do corvo que “seria, igualmente, um atributo da esperança, pois o corvo repete sempre, segundo Suetônio, *cras, cras*, i.e. ‘amanhã’, ‘amanhã’ (TERS *apud* CHEVALIER; GHEERBRANT, 1999, p. 295). O corvo que Suetônio diz repetir sempre o “amanhã” no poema espinheiriano aparece pelo “fantástico” falando “Não há de ser nada- amanhã tem mais”, numa atitude que denota o já dito, melancólico mas não saudosista, corvo que penetra sem perder o segredo, eu lírico que vive no eterno ciclo: passado, presente e futuro, sem se esquecer que a flor é do mês de junho, que tem 30 dias, ou seja, durante 30 dias há um novo amanhã e é o mês de junho, e nos anos sempre haverão mais 30 dias do mês de junho, o ir e retornar, o passado sempre presente.

Outro poema que merece destaque é “Soneto Noturno” publicado no livro *Sob o Céu de Samarcanda* (2009) como o próprio título já conduz trata-se de um soneto, com 14 versos, quatro estrofes, sendo dois quartetos e dois tercetos. O poema é decassílabo com rimas emparelhadas AABB CCDD EEF FGG, no sentido de rimas emparelhadas. O poema sugere o tom de noite, escuro, solidão talvez, ensimesmamento, um soneto noturno.

SONETO NOTURNO

Penso na noite como um rio profundo
e lembro coisas deste e de outro mundo.
Outros mundos, aliás, que a vida é vasta
como diversa. E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas
nas nuvens da alma, e que nos são vividas
com tanta força quanto as outras mais,
em seus sonhos de agora e de jamais

(ou melhor: com mais força, pois que estamos
ainda mais vivos no que nos sonhamos).
Penso na noite como um mar sem fim

quebrando sombras sobre o cais de mim.
E, enfim, sem esperanças e sem prece,
pressinto a noite que não amanhece.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

O eu lírico inicia declarando “Penso na noite como um rio profundo/ e lembro coisas deste e de outro mundo” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28), comparando a noite a um rio em que o mistério reina; noite que apresenta duplo aspecto, ao mesmo tempo em que é a escuridão, é a esperança no amanhecer, assim como o elemento rio tem duplo sentido, pois pode ser vida como morte, é a mudança, o constante ir e vir das águas.

Outro dado citado é a lembrança, quando o eu lírico diz se lembrar de coisas deste e de outro mundo, associamos ao presente e passado assim como mundos que podem ir além da imaginação, visto que na noite os sonhos podem levar a outras dimensões de mundos. O sujeito poético acrescenta comentando que há outro mundo e outros mundos, no plural, pois a vida é vasta e diversa. O poeta baiano trabalha por intertextualidade com o poeta português Fernando Pessoa, para quem a vida é breve e a alma é vasta. O eu lírico espinheiriano revela “e lembro coisas deste e de outro mundo./ Outros mundos, aliás, que a vida é vasta/ como diversa” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28). Continua dizendo que mesmo nessa amplitude não basta, sendo necessárias outras vidas vastas. Em “Noite de Junho” o sentimento melancólico faz com que o eu lírico medite sobre seu próprio sentir, questionando-se se o frio tem a ver com o tempo ou com sua vida aparentemente não se encontra organizada, como observamos nos versos:

Sinto em mim que estou sentindo
demais. Será sempre assim?
(E o frio, que todo me envolve,
virá da noite ou de mim?)

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 212)

A segunda estrofe do poema “Soneto Noturno”, assim como os versos observados de “Noite de junho”, destaca o elemento noite e reflexão, traz um tom melancólico ao refletir sobre a existência humana, se pensarmos no viver como ciclo de passado, presente e futuro, o “mais uma vez ainda” de Benjamin já comentado; por isso o eu poético afirma que uma vida diversa ainda é pouco,

E mesmo assim não basta,

o que nos faz tecer ainda outras vidas
nas nuvens da alma, e que nos são vividas
com tanta força quanto as outras mais,
em seus sonhos de agora e de jamais

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

O elemento sonho faz presente em toda a lírica de Ruy Espinheira Filho, com vários poemas tratando essa temática assim como o próprio livro *Sob o Céu de Samarcanda* já revela esse tom do imaginário, do além, da criação. O eu lírico vive cada vida com os sonhos do presente e com os que nunca ocorreram em sonhos ou em possível realidade. O sujeito contemplativo, que se ensimesma com a vida, regido pelo planeta Saturno, que é considerado o planeta melancólico, dos anéis que rodam o tempo todo ao redor, num contínuo ir e vim, passado, presente, futuro, passado. Em relação a algumas características melancólicas Mendes nos aponta que:

Se Saturno é o senhor da contemplação e, ao mesmo tempo, da apatia, vemos que a simbologia astrológica encontra-se em perfeita harmonia com as reflexões filosóficas e psicanalíticas. De um estado de torpor, tristeza, auto-comiseração, ego ferido, mesclados a um constante pensar, dentre outras características, percebemos que a melancolia configura-se de forma semelhante seja em que campo estiver. (MENDES, 1999, p. 118)

No primeiro terceto do poema, o sujeito lírico concorda que o sonho é uma forma de vida, remetendo ao título, um soneto da noite e para a noite, tempo rico em virtudes da existência. Conforme já explicitado por Baudelaire, o *spleen* é um sentimento associado à melancolia, sentimento que ocorre frente ao mundo caótico em que os seres habitam. O eu lírico no poema em estudo não é diferente, não é à toa que a noite é o seu alento, o sonho é o seu refúgio, e a reflexão é seu agir. Benjamin em relação à obra de Baudelaire cita que “o *spleen* é o sentimento que corresponde à catástrofe em permanência” (BENJAMIN, 1997, p. 154), para o eu lírico os sonhos são sonhados com mais força, “(ou melhor: com mais força, pois que estamos/ ainda mais vivos no que nos sonhamos)” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28).

O eu poético ainda na terceira estrofe compara a noite com um mar sem fim, como já havia comparado ao rio profundo, o elemento água fica visível, ele nos diz que “Penso na noite como um mar sem fim/ quebrando sombras sobre o cais de mim” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28), numa junção entre o último verso da terceira e o primeiro verso da quarta estrofe. Mar que assim como o rio, águas possuem dualidade em sentidos, podendo ser o início ou o fim da vida, uma vez que todas as águas correm para o mar, podendo ser águas calmas ou de impasses. O mar sem fim quebra sombras, que geralmente é associada à morte e/ou a natureza, e o cais que quase sempre é o porto seguro, o local para se recorrer. No mar infinito o cais é o próprio homem com suas inquietações, que pode ser associado ao mar agitado.

Finalizando o soneto com toda a melancolia, o sujeito lírico conclui “E, enfim, sem esperanças e sem prece,/ pressinto a noite que não amanhece” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 28). A noite não acaba, o sujeito vive a escuridão noturna, sem preces, sem esperança no que pode acontecer, contemplando a vida e a noite, guardando em si mesmo esse tempo. Quanto à melancolia e a contemplação do perdido, nem sempre esclarecido para o melancólico, Marques ressalta que

Na melancolia, entretanto, o sujeito reluta em renunciar ao objeto perdido, se opõe a isso por meio de uma atitude contemplativa. Atitude que problematiza o puro ativismo e se detém sobre uma história dolorosa, propiciando a persistência do passado e o retorno do objeto perdido. Daí que o melancólico seja acometido de inspirações e visões, de fantasmagorias (MARQUES, 1998, p. 167).

2.4. OS JARDINS NAS OBRAS DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Partimos das análises de crônica e poemas publicados nos livros *Sob o último sol de fevereiro* (1975), *Poesia reunida e inéditos* (1998), *Elegia de agosto e outros poemas* (2005), *Sob o céu de Samarcanda* (2009), *Livro de canções e inéditos* (2011), a fim de perceber a presença significativa dos jardins para a obra espinheiriana, jardins que se mostram lugar de memória, sejam nos textos poéticos como em prosa, eles guardam recordações e revelam a melancolia existente no eu lírico ou no narrador.

Ao falar desse lugar, se reportar, estar ou reevocar o jardim, o sujeito lírico e/ou o narrador transmite um pouco de sua história, ainda que muitas vezes tenha que sofrer novamente. Ao remeter-se ao lugar de memória, consegue compreender seu passado, sem nostalgia, mas consciente de que são esses elementos de um tempo pretérito que constroem sua existência.

O mais interessante ao estudarmos sobre as obras de Ruy Espinheira Filho é que mesmo ao escrever prosa, o lirismo é uma marca que o acompanhará em seus escritos.

Ao analisar alguns textos em que o jardim aparece como elemento significativo, podemos logo de início pensar num lugar calmo, em que as pessoas vão para descansar. Essa ideia não está errada, mas o que devemos ter em mente é que o jardim também guarda sensações de outras épocas, momentos que não voltam, a não ser pela memória.

É sempre do tempo presente que o narrador ou eu lírico fala, mas muitas vezes é o passado o local em que ele “deveria” estar. Não notamos nenhum tom nostálgico, mas por saber que esse passado tem os seus impasses, o sujeito espinheiriano se define melancólico.

Partindo da crônica *O Jardim*, que foi publicada no livro *Sob o último sol de fevereiro* (1975), textos estes que foram publicados anteriormente na Tribuna da Bahia- coluna Temponáutica- entre outubro de 1969 e março de 1975, época em que o autor que se graduou em jornalismo, trabalhava na redação do jornal, vemos que:

O Jardim

Do outro lado da minha rua havia um grande terreno baldio cheio de mato. Um dia, porém, vieram tratores e operários – e agora o que vejo é uma espécie de campo de aviação para aviões de pequeno porte, muito limpo, de terra batida e vermelha.

Mas não se trata, obviamente, de um aeroporto. Pelo que sei, não há um só proprietário de avião na vizinhança; e mesmo que houvesse não creio que mandasse construir um campo em local tão cercado de casas e edifícios. Por mais hábil que fosse o piloto, as probabilidades de desastre estariam sempre acima dos noventa e nove por cento.

Não é, pois, um campo de aviação. Penso que talvez estejam querendo fazer um jardim – e esse pensamento me alegra. Sim, um jardim ficaria bem naquele local, sobretudo se forem plantadas muitas árvores, flores e grama. É preciso também construir uma certa quantidade de bancos para os indispensáveis casais de namorados.

Começo a sonhar esse jardim – e ele há de ser um dos melhores. E eu, namorada, cumpridas as horas rudes do trabalho, eu te chamarei para que também te alegres com o novo jardim. Passearemos entre as flores e sob as árvores e descansaremos na grama verde e macia, dedos entrelaçados, olhos nos olhos, como um casal de adolescentes em transe passionai. E eu te ensinarei as coisas simples que aprendi na infância, quando tudo era árvore e flor e grama. E tu me ouvirás atentamente e o amor será ainda maior em sua magia. E essa magia reinará sobre os ventos e as marés, resgatando antigos elfos e gnomos, e será a Verdade.

Prossigo sonhando o nosso jardim. Como o terreno é grande, ainda haverá lugar para uns dois ou três pequenos lagos e, sobre eles, pontes ingênuas e românticas. Já posso ver crianças soltando nos lagos os seus barcos de brinquedo, como eu fiz outrora, enquanto as mães sorriem, conversam – e as babás namoram o guarda (de função meramente decorativa), o pipoqueiro e os vendedores de doces.

Interrompo a crônica para receber um amigo. Conversamos coisas agradáveis – até o momento em que ele pergunta sobre o que é que estou escrevendo. Respondo – e ele ri:

- É daquele terreno lá, do outro lado da rua, que você está falando?

- É, sim.

- Pois então pode rasgar a sua crônica, parceiro. Não vai haver jardim algum. Ali vão ser construídos seis prédios de apartamento.

- Tem certeza?

- Absoluta. Conheço o projeto. Jardim? Ora, ora...

E meu amigo se vai, achando tola a minha esperança de jardim. Sinto muito, meu anjo, mas a vida tem dessas coisas. Sinto muito, meu anjo, mas a vida tem dessas coisas. Eu me havia esquecido de que a terra pertence a certos homens – e eles gostam de dinheiro. Não os censuro. Apartamentos dão bons lucros, sejam vendidos ou alugados. Jardins dão apenas beleza – e beleza, como diz o povo, não põe mesa. Põe apenas alegria no meu coração. Alegria e sonho no coração de um humilde cronista de província, bestamente sentimental e para sempre teu escravo, namorada.

O narrador deseja muito que haja uma construção do jardim para que ele possa sair um pouco da loucura do mundo capitalista em que vive e poder desfrutar de um ambiente tranquilo juntamente com sua amada, onde poderão passear como um casal de namorados após o trabalho, de dedos entrelaçados, descansando sob as árvores.

No entanto, o amigo que vai lhe visitar acaba mostrando que não há possibilidade desse sonho se concretizar, uma vez que ele tem certeza, pois conhece o projeto de que será construído apartamentos. O narrador que admite ser o cronista, recurso utilizado talvez para dá um aspecto de verossimilhança ao texto, reconhece que jardim apenas alegra corações, o que nessa agitada sociedade em que vivemos não tem razão de ser.

É mister observar que o homem moderno encontra-se em “desajuste” com o tempo, pois o ser sente-se isolado ou perdido, fragmentado, enquanto a sociedade tende a valorizar a rapidez, o consumo por vezes exagerado. Notamos também que as relações humanas aparecem em *déficit*, sendo que o homem está mais centrado em si. Como já afirma Walter Benjamin, “já se foi a época, diz Leskov, em que o homem podia sentir-se em harmonia com a natureza” (BENJAMIN, 1996, p. 210). Então ele se afasta do contato com o outro, tornando-se menor no poder de narrar ou comentar suas ações, de modo a interiorizar-se. E, ainda, vivemos num mecanismo de interesse e produtividade e a luta desenfreada pelo poder e pelo capital trouxe insatisfação, ainda que muitos participem dessa “engrenagem progressiva”.

É interessante destacar esse mergulho interior frequente no sujeito tido como moderno, artifício este que o serve muitas vezes como meio de escape ou aceitação, uma vez que o ser vive numa incógnita existencial dentro da sociedade capitalista em que ele habita.

Na orelha do livro *Sob o último sol de fevereiro- crônicas*, Brito associa o poeta ao cronista, afirmando esse traço marcante do autor poético ainda que ao escrever prosa, segundo ele “Ruy Espinheira Filho tem o dom de transfiguração dos fatos e das coisas. Sabe tudo ver de um ângulo pessoal – ângulo comovido e comovedor, ou risonho e melancólico, ou irônico e terno, mas que vai muito além do que é claramente visto” (BRITO, 1976).

Crônica que revela a importância e ao mesmo tempo como o jardim é visto como “supérfluo”, no entanto ainda que não seja valorizado por outrem, o narrador continua crente em seu desejo, de ter um jardim para se encontrar, voltar para dentro de si e se sentir mais humano, mais natureza. Damulakis, sobre a relação próxima entre poesia e crônica, destaca que

capaz de colocar em ação, no tempo presente, o que já não existe fora destas experiências diáfanas de recordação” (SANCHES NETO, 2005, p. 7). O eu lírico vale-se da memória, e ao recordar revive os momentos que fazem parte da sua vida.

CANÇÃO DA LUA

A lua, panda, navega
No quadrado da janela.
Não a lua que se vê,
Mas outra, de outra era.

Outras eras. Nua lua
Aberta sobre o perfume
De moças e de jardim
E meu próprio plenilúdio

De paixão! Ah, lua, lua
...
Lua de outrora... E a de hoje?
É a mesma alta distância.
Mesma nau indiferente
Ao naufrago. O mesmo antes

Iluminando outras moças,
Outros jardins- e a ausência
Do meu plenilúnio: amor
É o vapor de uma lenda

No espaço já sem magia
Do meu coração fatal,
Agora igual ao da lua:
Pedras e pós, nada mais.

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 3-4)

Devido ao mundo em que este eu lírico vive, a melancolia faz-se constante e consequência dessa vida de perdas. O eu lírico sofre com as perdas, sabe que se trata de uma lenda, de um espaço sem magia, assim, tem uma atitude melancólica, visto que “a melancolia é uma resposta ao mundo doente do qual ela própria se origina” (SCLIAR, 2003, p. 89); os sons que encantam a vida ficaram mudos, restando “pedras e pós, nada mais”.

Em “Companhia”, publicado em *Sob o céu de Samarcanda*, o autor dedica a Affonso Manta e o jardim agora ganha uma conotação de silêncio, visto que o amigo já não se encontra, está morto e impossível de retornar para conversarem à beira do jardim de outrora.

COMPANHIA

A Affonso Manta (in memoriam)

E ele disse ao seu amigo
De velha e grave amizade:

Logo que me aposentar,
Voltarei a esta cidade;

Caminharemos de novo,
Ao longo das ruas quietas,
Da sonolência das praças,
Falando de vida e poetas;

Conversaremos, como antes,
Até a noite se abrir
Sobre o jardim silencioso.
Até a lua florir.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 29-30)

Ao analisar o poema “Maçã”, de Manuel Bandeira, Alfredo Bosi comenta que “a instância poética parece tirar do passado e da memória o direito à existência; não de um passado cronológico puro — o dos tempos já mortos —, mas de um passado presente cujas dimensões míticas se atualizam no modo de ser da infância e do inconsciente.” (BOSI, 1977, p. 112). Em “Companhia” o morto faz-se presente porque é lembrado nos tempos de antigamente, dos jardins que guardam silêncios e do silêncio que guarda toda uma recordação de um tempo em que o jardim era um mero elemento. Ainda em relação a poemas representativos do jardim, o poema “Elegia de Agosto” que faz um diálogo com poemas drummondianos, o eu lírico espinheiriano em suas letras saudosas vai tecendo os versos:

Ali estava, cintilando
na dor
da morte de sua própria
carne,
aquela
de rosto
(como ele escreveria no diário)
lindo, puro, sem rugas, juvenil.
Já não acolhe
o rei de São,
nem o menino chorando na noite,
nem Fulana
(embora tanto houvesse amado deitar-se à sombra
das moças em flor)
nem o operário,
nem
o leiteiro sutil da madrugada,
nem Clara passeando no jardim
com as crianças,
nem os heróis que cantara na construção de um mundo
que não chegara a ser: o Mundo,
o país de todo homem.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40-41).

Perdas significativas que Drummond não poderá mais declamar, assim como nem Clara em “lembrança do mundo antigo” que passeava no jardim com as crianças, ou os heróis do mundo. Ou ainda em “Antielegia de agosto”, o jardim das memórias e das cicatrizes:

assim na escola como no jardim
 onde giravam Dulces, Beatrizes,
 Rosas, Leonoras, Cármen... (e ainda estão
 girando, e vão e vêm, e vêm e vão
 em névoa anterior às cicatrizes
 e outras memórias).

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 45).

Outro poema significativo, em que o jardim aparece como lugar de memória é em “As meninas”:

As meninas
 Passeiam na praça.
 Uma é a morta
 (vem no azul-e-branco
 Da farda escolar).

Outra é a que
 Há muito tempo se foi
 Para longe e dói
 Num sulco de afeto
 Incicatrizável.
 As demais, dispersas
 De tantas maneiras,
 Vêm de braços dados
 E ligeiro, pois
 A festa começa
 E o amor aguarda.

As meninas
 Circundam o jardim,
 A cidade, a vida
 De um que as conhece.
 Quem morreu, quem se apartou? Ninguém.
 Ele as reencontra
 Quando quer, na praça
 De perene abril:
 O passado não passa.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 64)

As meninas mortas brincam no jardim, jardim de memória. O poema finaliza com essa ideia de que o passado não passa, portanto, as meninas ainda que mortas, estarão sempre presentes na praça, circundando o jardim.

Entre outros poemas que resgatam a imagem do jardim, encontramos o poema “Jardim”, pelo qual percebemos que mesmo na aparente tranquilidade há uma situação desconfortável: a morte. Iacyr Anderson Freitas escreveu que:

A começar pelo título, o poema evoca tranquilidade, de resto intensificada pelos signos de leveza, pela presença do silêncio e da brisa. "O simbolismo de um objeto pode ser mais ou menos explícito, mas existe sempre", declarou Ítalo Calvino. E o jardim dialoga com o simbolismo do paraíso, "mas é também a natureza restituída ao seu estado original, convite à restauração da natureza original do ser". Há que se ressaltar, ainda, que a sua imagem "aparece muitas vezes nos sonhos como a feliz expressão de um desejo puro de qualquer ansiedade". Ora, estas referências encontram-se marcadas inicialmente no texto: o clima de tranquilidade traz em si a lembrança paradisíaca, o "desejo puro" tem por alvo a permanência do "embalo amoroso" que, por sua vez, é também um "convite à restauração da natureza original do ser", um convite à eternização do encontro. E tudo isto ocorre dentro de uma atmosfera de consonância, posto que "O tema do jardim está aparentado ao do oásis e ao da ilha: frescor, sombra, refúgio". Estes fatores dominam o poema até a terceira estrofe. A recordação procurada não dá indícios de conflito. A serenidade evoca equilíbrio e paz. (FREITAS, 2001, p. 125)

Em “Mãos” o eu lírico diz trazer todas as tardes ao jardim qualquer coisa nas mãos,

“todas as tardes ao jardim, trazendo
qualquer coisa nas mãos (pois as prendendo,

essas coisas, com as mãos, também fazia
que a elas se prendesse o que as prendia).

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 200)

Essa própria ideia de prender as coisas para que elas prendam quem as prende faz um trocadilho e ao mesmo tempo, uma afirmação entre o que fica de um tempo que não mais existe, salvo preso alguns detalhes, como se realizasse um ciclo, como afirmou Benjamin, na lei do eterno retorno.

Em “Brisa” o homem que está no jardim com o passar do tempo diz que não é mais o mesmo homem e nem mais o mais jardim. Ele afirma:

O homem no jardim
não é o homem
no jardim.

Nem o jardim

É o jardim.
(...)

Aqueles,

homem e jardim,

levados,

tão de súbito
como uma pétala,
um hálito,

por uma brisa

como a que agora sopra este homem
e este jardim.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 271)

Se fizermos uma analogia com o rio de Heráclito podemos dizer que nenhum ser se banha duas vezes pelas águas do mesmo rio, visto que o rio flui e o homem está em constante transformação. Assim, o jardim ainda que “parado” modifica sua estrutura, as lembranças que se acumulam e são esquecidas, e o ser humano que nesse jardim sabe que não mais poderá ser o homem que um dia ali sentado foi, como na voz poética: “Aqueles,/ homem e jardim,/ levados,/ tão de súbito,/ como uma pétala,/ um hálito,/ por uma brisa/ como a que agora sopra este homem/ e este jardim.” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 271).

Em “Primeiro Soneto de Permanência”, o eu lírico que revela existir impasses no passado, por isso certos remorsos, sabe que o jardim é o lugar da saudade, do tempo em que o passado só permanece resgatado pela memória.

Esta saudade bate no meu peito
Como um vento encrespado de remorsos
Tardes mansas, manhãs iluminadas,
Meigos seios nascentes, bicicletas
Em torno do jardim. Esta saudade
Queima e me embriaga. E bebo mais. (...)

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 148)

Nesse sentido, o eu lírico reconhece o passado como algo concreto, mas perdido visto que já passou, tornando-se então melancólico, o eu adentra-se no seu interior com um aparente desinteresse pelo mundo, tenta buscar o isolamento, indo de fora para dentro, a fim de se encontrar por si mesmo.

Ainda para citar poemas que se ambientam no jardim, temos “No banco do Jardim” que foi dedicado aos rapazes de 1964, período de ditadura e que o silêncio deveria reinar se desejassem que suas vidas ainda reinassem, e nas entrelinhas o eu lírico consegue mostrar um pouco desse período obscuro e de ausências.

No banco do jardim
Viajávamos ao dia.
A um dia além dos galos
Que exalavam a manhã.
A um dia além do dia
Que nos dissolvia
No banco do jardim.
(...)

No banco do jardim
 Já nada se vê
 Do tempo arquitetado
 Palavra a palavra;
 Do homem do sonho
 Com o rosto iluminado
 Na tenda comum
 Sobre o campo semeado.

No banco do jardim
 O silêncio monta guarda
 À nossa ausência.
 Nada fala
 Do peso de aço nos gestos
 Não mais alados.
 De como é rouca a voz
 Ensangüentada.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 123-124)

Notamos que o silêncio é a voz do poema, “ao invés de exaltação, melancolia amarga no meio da cidade; no lugar da exaltação, exílio do poeta” (LEITE, 1994, p. 287), uma vez que diante às atrocidades o silêncio é o que nos resta.

Podemos citar vários exemplos, mas o mais importante é a tentativa de deixar claro como o jardim se faz relevante, não como objeto decorativo, mas como um lugar de memórias e melancolias, uma vez que a própria escrita espinheiriana reconhece esses lugares, afinal pela memória revisitamos quem somos ou fomos, criamos, recriamos, ficcionando momentos para no fim declarar que é pela recordação que tecemos nossas histórias de quem já não somos mais.

2.5. CHOVE MELANCOLIA SOBRE O MUNDO: REFLEXÕES NA LÍRICA DE RUY ESPINHEIRA FILHO

Partimos da análise do poema “Frio”, presente no livro *Sob o céu de Samarcanda: poemas* (2009) – publicado anteriormente sob a forma de crônica, com o título “Faz frio, meu amor”, que está incluída na coletânea *Sob o último sol de fevereiro: crônicas* (1975). Ao refletir sobre a vida, o eu poético concebe-se melancólico, preso às lembranças não solucionadas no passado. Inquieto, interroga-se muitas vezes sozinho, valendo-se da memória a fim de presentificar o tempo pretérito.

FRIO

Chove.

Mar e céu cor de chumbo.
Casas com rostos melancólicos.
O Jardim Zoológico anuncia galinhas ornamentais.
Morte de Edna foi crime ou suicídio?
Nuvens baixas pesadas.
Faz frio, meu amor.

Raptaram a moça na Cinelândia.
Um político inglês considera obscena escultura
que representa um casal de namorados.
Outro político sugere que a escultura seja colocada
num parque. Como falou Zaratustra,
para os puros tudo é puro,
para os porcos tudo é porto.

Chove mais.
Antigamente era simples:
ruas quietas, risos na praça, sombras de árvores.
Vestidos brancos em manhãs de domingo.
O sino. Chamando para a missa ou acompanhando
ao cemitério. Eu queria aprender
a tocar o sino,
mas me disseram que sino não gosta
de menino.

Ondas se quebram, cinzentas, contra rochas negras.
Policiais torturam prisioneiros.
Terroristas prometem novos sequestros,
novas bombas. Adolescente
se atira do oitavo andar.
Menor relata sevícias.
Bem-me-quer, mal-me-quer. Ah,
mal-me-quer...Doeram-me os olhos verdes
de janeiro a maio. Depois, silenciosa,
veio a garoa de junho.

Ainda chove.
Antigamente é um país mágico.
Bom é morar em Antigamente.
Flore de tamarindeiro cobrindo o chão.
Canto longínquo e triste de perdiz.
Cuidado, o açude é muito fundo.
Já matou três homens, uma mulher,
um menino. Melhor não brincar
com a sorte.

As meninas me fizeram saltar o muro
do internato. Retornei
sem alegria. Sigo sem
alegria.
Há cabelos ao vento, transatlânticos naufragados, risos
escarninhos. Há mais,
há muito mais.
Há o mundo.
Por que gritam tanto,
meu general?

Chove, chove, chove.
Portas e janelas fechadas.
Estou melancólico.

A cidade está melancólica.
Chove melancolia sobre o mundo,
sobre a vida.

Faz frio,
faz muito frio,
meu amor.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 213-215)

Em relação à melancolia, Freud aponta o caráter melancólico “como uma perda de objeto que foi retirada da consciência, à diferença do luto, no qual nada do que diz respeito à perda é inconsciente” (FREUD, 1992, p. 113), até porque se relembrarmos a época da ditadura, afirmaríamos que vivíamos um luto constante.

Se pensarmos que o eu lírico se encontra triste, reconhece que chove melancolia sobre o mundo, ele próprio nos aponta para o viés de melancolia fortemente perceptível no poema.

Poema que anteriormente se estruturava como crônica. Com o passar do tempo o autor, inquieto, resolveu transformá-la em poema, o que se encaixou bem, visto que a própria crônica já tinha este aspecto lírico.

No livro *Sob o último sol de fevereiro: crônicas* (1975) da nota introdutória do livro consta a informação que “todos os trabalhos deste livro foram publicados na Tribuna da Bahia- coluna ‘Temponáutica’ – entre outubro de 1969 e março de 1975” (ESPINHEIRA FILHO, 1975⁸).

O poema Frio, publicado no livro *Sob o céu de Samarcanda* (2009) está presente na sessão “Sete poemas de outra era (1969- 1975)”. Como nota introdutória, o autor revela

Julguei, a princípio, que eram prosas, porque escrita, originalmente, de margem a margem das páginas. Quando as relia, porém, pareciam-me estranhas, não ficavam bem no meio das prosas. Depois, a cada releitura, forma-me parecendo, mais e mais, poemas. Estou convencido, hoje, de que são mesmo poemas. De outra era, sem dúvida, mas poemas. (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 187).

Percebemos poucas alterações, mas encontramos no primeiro parágrafo, a 2^a e 3^a frases são retiradas quando o texto “vira” poema: “O inverno parece querer chegar mais cedo. Automóveis atiram água e lama nos pedestres.” (ESPINHEIRA FILHO, 1975, p. 4). No segundo parágrafo é retirado o nome do outro político que pede para que a escultura seja colocada no parque “André Brand”. Ainda em relação às alterações, no terceiro parágrafo alguns dados também foram retirados, como “muitas vezes”, que dá uma ideia de nem sempre

⁸ Não consta número da página, pois o livro só começa a ser contado (página 1) a partir da primeira crônica “A ilha Maria”.

acontecer, mas no poema é como se fosse uma certeza. A frase citada “sino não gosta de menino” é do personagem Sanico do Segredinho, de Otto Lara Resende, o que é exposto na crônica, mas não no poema.

As mudanças mais presentes estão no último parágrafo do texto em prosa, o qual vai se transformar em três estrofes, posteriormente. No quinto parágrafo algumas músicas folclóricas são retiradas quando a crônica se transforma em poesia, como “Se esta rua fosse minha, minha sabiá, minha zabelê...” (ESPINHEIRA FILHO, 1975, p. 5) e também as frases “Verdade. Dizem.” (ESPINHEIRA FILHO, 1975, p. 5) não aparecem no poema.

No último parágrafo da crônica há o termo “mulheres” enquanto no poema é trocado por “meninas”. Outro dado é que cada parágrafo se transforma em estrofe, mas o último parágrafo se divide em três estrofes, como já mencionado.

No poema as mudanças que percebemos são uma adversativa “mas” na terceira estrofe e na sétima estrofe um verso é acrescentado após “chove melancolia sobre o mundo”, sendo inserido o verso “sobre a vida”. (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 215).

Dizem que as crônicas são efêmeras, mas aqueles que falam em profundidade, esses conseguem vencer os limites do tempo. O texto espinheiriano nos parece ter conseguido isso, visto que ao ser publicado em 2009 como poema, nos mostra sempre contemporâneo, melancólico e atual.

Em relação aos títulos, que como crônica é maior “Faz frio, meu amor” quando poema é sintetizado em apenas “Frio”. O frio que já nos remete à melancolia. Se pensarmos que na estação mais fria, os seres tendem a se isolar, ficar mais em casa, ensimesmados, há uma possível associação.

Em relação ao texto como crônica, podemos dizer que crônica e poesia podem caminhar juntas. Massaud Moisés aponta que “enquanto poesia, a crônica explora a temática do ‘eu’, resulta de o ‘eu’ ser o assunto e o narrador a um só tempo, precisamente como todo ato poético” (MOISÉS, 1978, p. 251).

A crônica que é subjetiva, assim como a poesia, pode dialogar com o leitor, ainda que num “monodialogo”.

Muitos estudiosos apontam como um dos tipos de crônica, a lírica, que por sinal, o lirismo acompanha o escritor Ruy Espinheira Filho em todos os seus escritos, sejam eles considerados prosa ou poesia. Carlos Ribeiro, o cita no seu artigo “O instante que permanece: a crônica”, apontando que

Tal prevalência é a marca principal da crônica lírica- e é nela que o gênero alcança, talvez, sua culminância. É quando a noção de realismo, em vez de ser descartada, ganha novos significados e se enriquece. Isso ocorre na obra de diversos cronistas contemporâneos, como Paulo Mendes Campos, como o citado José Carlos Oliveira, ou o baiano Ruy Espinheira Filho de *Sob o último sol de fevereiro...* (RIBEIRO, 2009, p. 29)

Crônica que vem do grego *chronikós*, relativo a tempo, podia narrar acontecimentos ordenados segundo a marcha do tempo. Difundiu-se no Brasil por meio dos jornais, podendo ainda, registrar a variação emocional do escritor. Como já afirmou Moisés, “sem dúvida, a poesia mora no interior do acontecimento diário ou/e na sensibilidade do cronista” (MOISÉS, 1978, p. 255).

Quanto ao poema, ele é estruturado por meio de 8 estrofes, sendo que tanto a primeira quanto a segunda tem 7 versos, a terceira e também a quinta com 9 versos, a quarta e a sexta cada uma com 10 versos, a sétima estrofe possui 6 versos e a oitava com apenas 3 versos, os quais não apresentam rimas.

O texto se inicia com o verso “Chove” e em seguida “mar e céu cor de chumbo” são citados. Podemos dizer da cor do tempo, nublado ou ainda fazer uma associação ao período em que o texto foi produzido. O Brasil vivia os anos de chumbo, que foi de 1968 a 1974, ditadura mais acirrada, e provavelmente, se tratando de um texto que menciona fatos históricos e da época em que é escrito, pode ser levantada essa hipótese. Nenhuma guerra traz alegria, ainda mais quando se perde o direito de expressão. Um dado a ressaltar é que a censura estava vigorando no Brasil e o escritor que se formou em jornalismo, trabalhava no jornal nessa época.

O texto aponta que as casas possuem rostos melancólicos, talvez generalizando como se todos que a habitam assim estivesse, ou o objeto sendo personificado.

Vários elementos históricos são citados, como as galinhas ornamentais do jardim zoológico (um dado interessante é que surge na Argentina em 1968 as aves acetinadas), a morte de Edna, o rapto de uma moça na Cinelândia, a escultura considerada obscena por políticos ingleses.

Em meio aos dados, o eu lírico sempre remete ao frio, ao tempo melancólico: “Nuvens baixas, pesadas. / Faz frio, meu amor” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 213).

Há passagens filosóficas como a fala de Zaratustra que diz “para os puros tudo é puro, para os porcos tudo é porco”, representando que tudo depende dos olhos de quem vê e como cada um encara. Essa citação no texto faz relação a escultura de namorados que foi considerada por alguns não adequada para ser exposta na cidade, enquanto outros “tentavam”

encontrar o local ideal para ela. Há dados que contam sobre uma escultura (em homenagem ao poeta Olavo Bilac, também considerada na época “obscena e polêmica”) que representava o beijo eterno ⁹, mas não sabemos ao certo se a escultura mencionada seja exatamente esta.

A terceira estrofe é mais memorialística e até um pouco saudosista. O eu lírico continua a falar que chove mais e que antigamente era bem simples. Conta como eram as ruas, as pessoas, que antes sorriam, saíam aos domingos, escutavam o sino. O sino é símbolo de união de pessoas, caráter religioso, mas que quando acionado reúne pessoas seja num culto, numa pregação, batizado, velório. Pode ser associada também ao período em que o escritor morou em cidades interioranas, como Jequié e Poções, nas quais passou sua infância e adolescência.

Novamente, voltamos aos dados históricos. Percebemos que o texto aparece sempre assim, talvez para se livrar da censura, para poder ser veiculado sem parecer um manifesto contra o regime.

São mencionadas as ondas cinzas e as rochas negras, sempre em tons escuros, fechados. Os policiais que torturavam os prisioneiros (o que sabemos ter acontecido), visto que a tortura era arma da ditadura. Violência, que se torna um ato mecânico. Terrorismo, adolescente que se mata, sevícias, sempre de forma breve, nas entrelinhas, o texto é produzido.

Poemas escritos na mesma época do livro *Heléboro*, como “Marinha”, em que a imagem da guerra se faz presente, mesmo que apenas subentendida. No lirismo espinheiriano, no que parece tranquilo há sempre algo mais profundo do que as pontas de icebergs expostas.

Volta-se à memória e à infância com as músicas e tradições folclóricas, como o bem me quer realizado pelas meninas apaixonadas com as flores, a fim de obterem respostas sobre o amor.

O poema continua a retratar a chuva e agora acredita que antigamente é um país mágico, o que nos leva à memória e ao bloco mágico de Freud (apaga, mas sempre deixa resquícios). O poema se volta à tranquilidade, como se fugisse um pouco do mundo em que vive:

Ainda chove.
Antigamente é um país mágico.
Bom é morar em Antigamente.

⁹ Estátua que se encontra em frente a Faculdade de Direito da USP, conhecida por Faculdade do Largo de São Francisco.

Flore de tamarindeiro cobrindo o chão.
Canto longínquo e triste de perdiz.
Cuidado, o açude é muito fundo.
Já matou três homens, uma mulher,
um menino. Melhor não brincar
com a sorte.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 214)

Antigamente é um lugar-tempo, apenas na memória, pois não há como se voltar ao passado a não ser por meio das recordações.

Outros elementos históricos são expostos e não há mais a felicidade do país Antigamente, agora o eu lírico diz que “retornei/ sem alegria. Sigo sem/ alegria” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, P. 214-215).

De forma simples, há uma pergunta sem resposta “Por que gritam tanto,/ meu general?” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 215), ainda retomando a ideia de ditadura.

As duas últimas estrofes são a síntese da melancolia no texto:

Chove, chove, chove.
Portas e janelas fechadas.
Estou melancólico.
A cidade está melancólica.
Chove melancolia sobre o mundo,
sobre a vida.

Faz frio,
faz muito frio,
meu amor.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 215)

As janelas e portas fechadas podem ser sinal de que o ser humano está trancado em si mesmo, assim como o frio pode está associado à indiferença, a insensibilidade humana, em que os seres se preocupam cada vez mais consigo mesmo, esquecendo do coletivo. Melancólico fica o sujeito lírico, “um ser pensante em perplexidade” (MATOS, 1995, p. 151), que se absorve em pensamentos.

Melancolia presente em outros poemas que ressaltam o frio, clima propício ao ensimesmamento. No poema “Canção do Inverno”, o eu lírico revela:

E faz-se a canção
do inverno assim:
com as cinzas da chuva
e o frio de mim.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 42)

Sujeito poético que reconhece sua vida a partir da sua solidão, suas perdas, o tempo que não volta mais e um passado sempre martelando, ainda que doa em silêncio.

O universo está melancólico, as pessoas, a vida. E se trancando também em si mesmo o eu lírico finaliza, como se pedisse um pouco de calor humano, desejasse estar com seu amor, desejasse ver um mundo menos “fechado”, com menos violência, com mais direitos. Mas numa época de ditadura, o que se tem a fazer, para permanecer vivo, é se tornar melancólico, refletir e sozinho, perante a chuva, sabendo que chove melancolia sobre o mundo, reconhecer que “faz frio, /faz muito frio,/ meu amor” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 215).

É interessante ressaltar que a memória e a melancolia no eu lírico, em meio à contemporaneidade, permanecem interligadas; nessa mesma concepção de pensamento, percebemos em Scliar que:

Havia um preço a pagar por toda essa memória, toda essa cultura armazenada; era preciso voltar-se para dentro de si mesmo e até retirar-se do mundo, como fez Montaigne. O resultado era mais melancolia - que Vives associava à memória, às lembranças. Como diz Proust, que fez da memória um ponto de partida para sua obra: não há memória sem melancolia, não há melancolia sem memória (SCLiar, 2003, p. 83)

2.6. O TEMPO E A RELAÇÃO COM A MEMÓRIA MELANCÓLICA

Ao discutirmos sobre o tempo, notamos que alguns estudiosos teorizaram sobre o elemento tempo. Souza-Aguiar faz um resgate do pensamento bergsoniano, declarando que

O tempo para Bergson é sobretudo “duração”, entendida em oposição ao tempo mensurável e destruidor, primeiramente, como desenrolar ininterrupto da consciência humana e, posteriormente, também como fluxo perene da consciência universal evoluindo em direção a formas sempre novas e melhores sob um impulso vital que é universal evoluindo em direção a formas sempre novas e melhores sob um impulso vital que é unidade, integração energética, ritmo incessante e virtualidade ininterruptamente criadora. (SOUZA-AGUIAR, 1984, p.151)

Tempo duração para Bergson que contraria a visão de Proust, para quem:

o tempo é principalmente fragmentação, inimigo implacável que semeia de mil mortes parciais o caminho para a destruição definitiva, de tal forma que a cada etapa de nossa vida parece corresponder um eu diferente, tão diverso dos outros que antes dele existiram, com seus sentimentos e ideias próprias, que o desenrolar de cada existência lhe parece com uma corrente em cujos elos se alternam, fatalmente, nascimento e morte. (SOUZA-AGUIAR, 1984, p.151).

Tempo fragmentado, memórias fragmentadas, homem fragmentado vivendo num tempo que faz com que sejamos fragmentos de um todo. Segundo Marques, “trata-se de um tempo de ruínas, de decomposição, de fragmentos, de morte. De um tempo de perdas, propício à elaboração melancólica” (MARQUES, 1998, p. 168-169). Deste modo, notamos que a memória é fator relevante no objeto escolhido e consequência do mundo industrializado capitalista, de modernidade que pode ser entendida como referente às “relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção” (GIDDENS, 2002, p. 21), ou seja, um tempo tumultuado no qual o homem sente-se ensimesmado devido à relação social e de produção.

Com isso, o eu lírico faz um movimento inverso, em meio à multidão ele se isola individualmente, numa atitude melancólica. Adorno, muito argutamente notou na lírica semelhante impasse do indivíduo na sociedade capitalista da primeira metade do século XX, impasse este que, no plano literário, se mostra por meio de rupturas, fragmentações do discurso, dentre outros recursos inusitados para a tradição lírica brasileira herdeira da fase romântica:

O mergulho no individuado eleva o poema lírico ao universal por tornar manifesto algo de não distorcido, de não captado, de ainda não subsumido, anunciando deste modo, por antecipação, algo de um estado em que nenhum universal ruim, ou seja, no fundo algo particular, acorrente o outro, o universal humano. A composição lírica tem esperança de extrair, da mais irrestrita individuação, o universal (ADORNO, 2003, p. 66).

Assim, a lírica ao representar o indivíduo consegue captar algo de universal; assegurada em termos sociais, no entanto, em sintonia consigo e com sua própria linguagem. O sujeito é essencialmente social e está inserido em todo o processo; e a literatura realizada dentro de uma coletividade, mesmo que a escrita seja individual, retrata o conjunto como nos poemas estudados, que parecem mostrar o eu lírico, seus conflitos pessoais e externos, valendo-se do recordar para permanecer e se compreender, afinal a memória ainda que individual está associada ao coletivo.

O poema espinheiriano “Destino e Fuga” ressalta o tempo como elemento da memória, uma vez que ainda que passe e não pare, as recordações conseguem resgatar esse momento vivido.

DESTINO E FUGA

Para onde vamos é sempre ontem.

Lá

(que é vários) ponderamos os nossos gestos

portanto, conhecer de novo o passado, dada a precariedade do presente” (OLIVEIRA; SANTOS, 2001, p. 58).

Conforme essa concepção, analisaremos o poema “Destino e Fuga” e como se dá a noção de tempo. Partindo da forma, podemos dizer que o poema possui 15 versos e uma única estrofe; são versos livres e apresentam uma estrutura instigante, devido às idas, vindas e paradas, associadas aos momentos temporais: futuro, passado e presente, respectivamente. Há momentos que refletem o ir e vir, pela estética do poema, a fuga do destino, mas o constante retorno, pois não se pode fugir do que está escrito.

Quanto ao conteúdo, notamos que, logo no 1º verso, inicia-se com uma afirmação “Para onde vamos é sempre ontem”, e nos remete a um eu lírico que fala do tempo presente, mas afirmando que no tempo futuro a certeza é que iremos para o tempo passado (nem que seja rememorando).

O 2º verso “Lá” está afastado da “margem”, como se o eu lírico fugisse e o lá é o futuro, distante do presente e muito mais do passado. O 3º verso é um complemento do 2º, que ao citar “lá/ (que é vários)” parece nos dizer as infinitas possibilidades que o tempo futuro nos reserva, mas ao ponderarmos os nossos gestos não estamos totalmente convictos no tempo e ações que estão por vir.

É notório no 4º verso, com apenas uma palavra “buscando”, a busca por anseios futuros ou ainda, busca pelos ideais do passado. O interessante é que diferente do lá (2º verso) que está distante da “margem”, numa aparência de futuro, o buscando (4º verso) está próximo à margem, como se retornasse para o passado e neste buscasse o que deseja, que são os moldes de gestos belos que já ocorreram e que o eu lírico deseja preservá-los no tempo presente em que se encontra. Note:

Lá
(que é vários) ponderamos os nossos gestos
buscando
modular outros tão belos.

(ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149).

O eu lírico fala do presente, pois “a persistência do presente, por onde passa o fluido dos instantes, advém do futuro e se perdem no passado” (BONACCINNI, 2004, *online*), uma vez que é no passado que permanecem as lembranças do sujeito poético. Apesar de fugir dele, é sempre para o tempo passado que ele retorna, como se não pudesse fugir do seu destino ou ainda, necessitasse cumpri-lo.

Há um impasse nos versos que se seguem, pois muitas vezes ao se inclinar sobre a fonte (sem contar que a fonte dá a ideia de água e não precisa noção melhor de tempo do que a água que está sempre em movimento, o rio heraclitiano), esta não mais o reflete ou não a reflete, porém, ao mesmo tempo afirma que mostra o límpido rosto do nosso rosto que agora não está mais no espelho, mas que se vê.

Outro dado interessante é novamente a questão de forma, há uma fuga e uma volta, um futuro, presente, passado; como se o não refletir da fonte também o coloca numa posição de não viver as memórias, mas ao ser revelado o seu rosto limpo, este retoma as lembranças e se concentra no presente mais uma vez.

Desse modo, “o que medimos, assim, não é o tempo passado nem o tempo futuro em si mesmos, porquanto eles não existem, mas sim a memória e a esperança dos mesmos em nossa consciência” (BONACCINNI, 2004, *online*), nesse sentido, o tempo é elemento constitutivo do poema em questão assim como em diversos poemas do mesmo autor.

São alguns exemplos que podem ser citados, como no poema “Preamar”, o mesmo poeta nos diz:

e o tempo se foi passando
como costuma passar
(...)
E o tempo foi passando
no seu jeito de passar...”

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 45-46)

Ou no poema “Visita” ao afirmar que “assim é o Tempo, /sabemos, sempre escasso” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 63).

Poemas que assim como em “Destino e fuga”, o eu lírico reconhece que tem papel indispensável, tempo que é ambiente, tempo que rege os acontecimentos, tempo que é memória, que é ação, que guarda a melancolia e resgata recordações, “tempo, para nós, é o horizonte do ser, e de todo ser.” (COMTE-SPONVILLE, 2002, p. 112).

O tempo, tema abordado também por Luciano Lanzillotti em sua dissertação sobre a poética do Ruy Espinheira Filho, na qual afirma que:

o tempo é o próprio ser humano, pois o homem o criou e definiu, por conseguinte, ambos estão indissociavelmente ligados, de forma tal que a vida humana esteja vinculada as categorias do tempo: passado, presente e futuro. Logo, é possível concluir que a memória só existe porque o tempo é contínuo. (LANZILLOTTI, 2007, p. 14)

Desse modo, memória e tempo permanecem interligados. Memória melancólica, uma vez que o passado não foi esquecido, sempre revisitado, mas impossibilitado de se repetir no presente tal como ocorreu no pretérito. Nessa lógica, a memória busca acontecimentos, mas pode modificá-los no tempo em que se lembra, tempo presente. Ainda em relação a poemas espinheirianos que se valem do tempo como elemento constituinte, notamos no poema “Arco-íris”, quando o eu lírico declara:

assim como a amou
há muito tempo,
ainda a ama agora,
às vezes.
Às vezes, como depois
de certo tempo.
Como depois e depois e depois.
Como agora.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 67).

O amou (passado) também ocorre no presente (sem tanta certeza, visto que às vezes), mas sabendo que no futuro o amor ainda permanecerá. Porém há de se lembrar de que quando o futuro se tornar presente, esse presente da fala nada mais será do que o tempo passado; uma vez que o tempo cronológico não para.

No poema “Canção à boca da noite” notamos uma declaração quanto ao tempo que vai além do cronológico, mas baseia-se no tempo da memória ou sonhos, “pois nada é presente/ e nada é passado. Tudo é o que é: apenas/ real, porque sonhado” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 93), entre outros. Como cita Cid Seixas, “o poeta transita para além da temporalidade, munido de um passaporte irrecusável: o poder da palavra” (SEIXAS, 2008, *online*).

Percebemos então que o tempo aqui representado “ganha vida” ao decidir ir de volta ao passado, procurar o futuro e permanecer no presente em momentos correlatos.

O 13º verso é a repetição e a constatação de um futuro referente ao já vivido, “Para onde vamos é sempre ontem”. Com isso, o eu lírico nos remete à uma sucessão de tempos, vamos (futuro), um sujeito que fala (presente) e a certeza do lugar a ser alcançado, o ontem (passado), ou seja, presente, passado e futuro podendo ocorrer simultaneamente.

Ao ler um pouco mais sobre a fortuna crítica do poeta encontramos uma seguinte afirmação de Ivan Junqueira:

Esse “ontem” que ainda navega nas águas daquele rio heraclitiano em que o ser jamais se repete porque está sempre vindo a ser. Aquele ser que, como nos adverte o filósofo grego, nunca se banha por duas vezes no rio do tempo, pois as águas são sempre outras, e os homens, jamais os mesmos. (JUNQUEIRA, 2005, p. 23).

Há um impasse se pensarmos que nunca somos iguais, estamos mudando, no entanto, o sujeito lírico nos diz que vamos retornar ao passado (nosso destino), sendo diferentes, mas iguais no vivido.

A voz lírica acrescenta ainda que além de ir sempre para o ontem, como o destino, a fuga se dá pela noção de tempo futuro. Daí “Para onde vamos é sempre ontem. Como/ de onde fugimos é sempre/ amanhã” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149).

Note também que no verso “amanhã” há apenas esta palavra e esta se encontra bem afastada, numa concepção de longitude, algo que vem a ser, o amanhã que não é o hoje nem o ontem, é o que pode ser.

Dessa forma, o título se afirma, no fim do poema, a fuga do destino ou o destino que tenta fugir, todavia estão entrelaçados, sendo que “o remédio contra a mudança e a extinção é o retorno: o passado é um tempo que reaparece e que nos espera no final de cada ciclo. O passado é uma idade vindoura” (PAZ, 1984, p. 28).

Assim, podemos afirmar a constância do elemento tempo no poema em análise e como este tempo guarda pontos dos outros tempos, como no texto *Narrar o tempo*, com o qual podemos refletir como o tempo e a poesia que se completam, pois na poesia “o tempo não é representado, mas vivido. O que importa não é abordar o tempo, mas experimentá-lo; não é reconhecer o tempo, mas mergulhar nele” (OLIVEIRA; SANTOS, 2001, p. 54), uma vez que para o eu lírico não importa o que aconteça, o que aconteceu ou que venha a acontecer, para ele é essa memória melancólica, esse passado sempre presente que reflete sobre sua existência, já que como citado anteriormente “para onde vamos é sempre ontem. Como/ de onde fugimos é sempre/ amanhã” (ESPINHEIRA FILHO, 1998, p. 149).

2.7 SONHOS: RECRIAR OU REVISITAR O PASSADO?

O eu lírico da contemporaneidade muitas vezes encontra no sonho uma forma de reviver o passado, sujeito melancólico que não se distancia do que viveu. No entanto, o sonho pode modificar uma realidade, recriá-la. Conforme Olgária Matos, “melancólico é alguém que tem dificuldade de esquecer, que fica preso ao passado porque não consegue esquecer com facilidade” (MATOS, 1987, p. 16).

No poema “A casa dos nove pinheiros”, o eu lírico se recorda do tempo em que sua casa estava completa. Com sentimentos contraditórios, ele resgata suas lembranças, alegria e lágrimas de saudade povoam o ser poético que vê tudo jovem, como se ainda existisse aquele

tempo, todavia sabe que no “agora”, no presente, pode não restar mais nenhum daqueles que representavam os pinheiros, apenas o sonho ou a lembrança.

Sim, tudo permanece
jovem.

Os pinheiros continuarão a lembrar
pai,
mãe,
sete filhos,
mesmo quando não restar sequer um deles
para sentir certo tempo,
respirar a casa,

como eu agora,
com antiga alegria e um sabor
de lágrimas.

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 40)

Espinheira Filho retrata o tempo efêmero, as perdas obtidas com o passar dos anos, uma saudade não saudosista, mas melancólica; o tempo eterno, aquele que não passa, pois salvo na memória. Esse elemento perceptível na obra espinheiriana, o sonho como motivo inspirador, se faz presença constante em toda sua obra. Em “Canção de sonho e de lembrança” o eu lírico declara:

Menino, rio, nuvens, tarde
Cheirando a terra e jasmim:
Sonho que cintila e arde
No azul de lembrar-se em mim

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 34).

Sempre questionado, o autor que sempre comentava, teorizando sobre sua poesia, declara no poema “O que somos” o que acredita ser a memória em seus poemas, para ele:

O QUE SOMOS

Críticos dizem do poeta:
um lavrador da memória.

Sim, certamente é isto, pois
dos nossos comos e ondes

só sabemos quando, diante
de nós mesmos, recordamos

nosso enredo nas batalhas,
as bandeiras, as mortalhas,

as trevas, as claridades,

os olvidos, as saudades...

Aqui, o riso. Ali, a dor.
E o amor. E o desamor.

Mas sabe o poeta das sendas
da alma de névoas e lendas

que, em meio ao que de nós vemos,
pode contar outras glórias

vindas de acordes profundos
que tecem, na história, estórias

(quase sempre onde ficamos
melhor: no que fabulamos).

Enfim, o que todos somos
é só o que até hoje fomos,

ou que sonhamos que fomos
(e então sonhamos que somos...)

E assim vai singrando a vida,
rumo ao indesejado cais.

E vamos nós, nessa ida,
levando tudo o que somos:

as ficções da memória
e o que já não somos mais...

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 121-122).

Memória criada ou sonhada, ao se reconhecer um poeta que se vale da memória ele também compara nossas vidas aos sonhos, o que pensamos ser e o que respondemos quando questionados sobre nossa própria identidade. È o passado que poderá afirmar nossas ações, e pela memória recordarmos, ainda que de forma sofredora, os encantos e desencantos, “saudades”, “riso”, “dor”, “amor”, “desamor” que nos constitui quanto ser humano.

Nos poemas de Espinheira Filho, a literatura possui sua beleza no sonho, no ato de imaginar, talvez por nesse ambiente particular a felicidade possa reinar por instantes, ainda que ao acordar a dor seja maior. Duplamente, dói por saber que a realidade não é como no sonho e por saber que não se pode reviver o passado dos sonhos. No poema “Sempre”, a cidade dos sonhos ganha voz e vez.

SEMPRE

Esta é a cidade dos sonhos.
A que me sonhou outrora.
A mesma que agora sonho.

A mesma que sonha um sino,
e o sino sonha um menino
que guarda consigo uma rosa

mais rósea, que numa tarde
amorosa foi colhida
numa cantiga de roda.

Ai sonho que nunca finda,
que se ata e se desata
pelos meandros da alma;

onde as saudades da Itália
nos falam, na voz da avó,
de neves e terremotos;

e os ratos fazem seus ninhos,
entre retalhos de pano,
em gavetões esquecidos;

e um burro bóia nas águas
(onde há bem pouco nadávamos)
conduzindo uma festiva

tripulação de urubus;
e Isaulino vai lançando
por sobre os ombros as pedras

que encontra pelo caminho;
e Jararaca ameaça
céus e terras, joga pedras

(não como Isaulino, que
as atira para trás
num gesto só de desprezo);

e Amadeo é destroçado
(boca torta, gestos mortos,
preso a um carro de madeira)

por ter montado a cavalo
depois de uma feijoada;
e um súbito calafrio

nos recorda os lobisomens
(são os seus uivos os ventos,
Vem do seu hálito o frio);

e eis que a mula-sem-cabeça
galopa na madrugada
batendo cascos a esmo,

menos assombrando que
(este o mais hediondo fado)
assombrada de si mesma.

E mais conta o travesseiro,
enquanto não vem o sono
- e, quando vem, noutra sonho

vai contando... Tudo é sonho,
tudo é memória, essa fábula
que modula nosso canto.

Nosso conto. Nosso encanto.
Como agora. E como outrora
sonhou. Como sempre sonha.

E como se irá sonhando
até quando, não sei quando,
já nada mais se sonhar.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 243-245)

Cidade que sonha um menino, o sino, a rosa – imagens vivas de um passado feliz. Cidade que não tem fim, pois vive no plano da imaginação, como o título sugere “Sempre”, provavelmente, aquilo que não passa, eterniza, “ai sonho que nunca finda, que se ata e se desata pelos meandros da alma”, versos espinheiranos que revelam a ideia da cidade dos sonhos.

Nessa cidade, pessoas revivem, parentes, amigos, conhecidos, fatos que marcaram, gestos simples do cotidiano, lendas e histórias reais. Para Octavio Paz, “a palavra poética não consagrará a história, mas será história, vida” (PAZ, 1982, p. 282). O eu lírico diz ser tudo sonho, tudo memória, conto, canto, encanto. E para Sempre, como o próprio título, sonho do passado, do presente e do futuro até quando esse recurso não mais existir. Talvez, a melancolia dissipe, ou talvez seja nesse momento que o sujeito poético viva em constante melancolia. Para Stein, a melancolia

constitui a atmosfera existencial em que mergulha a experiência da finitude. A resistência experimentada na melancolia suscita a nostalgia do vácuo. Entretanto, assim como a pomba de Kant depende, em seu vôo, do ar cuja resistência sente, assim também a melancolia só é o dinamismo fundamental do espírito, porque leva consigo o peso e a resistência, como condição de possibilidade. (STEIN, 1976, p. 16)

O próprio autor Ruy Espinheira Filho em entrevista ao jornal *A tarde*, concedida a Luciano Aguiar quando perguntado se o tempo por ser um lugar em seus versos, não seria um lugar da memória ou da imaginação; o poeta declara que “não é somente a nossa memória, é a nossa brevidade, nosso efêmero, é uma dimensão na qual vivemos e não podemos jamais viver fora dela. (...) No caso da minha poesia, o tempo não é propriamente o passado, é uma permanente” (AGUIAR, 2010, p. 3). O sonho é a possibilidade do resgate para uma vida “injusta, louca e pouca”. Em versos de “Canção da vida”, o eu lírico diz

(...)

E enquanto sabia,
com melancolia,

quanto lhe cabia
do que ela dizia

(embora o dissesse
sem que lhe soubesse

a história da vida,
vívda ou perdida) ...

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 30)

Essa história perdida ou vivida, o que se pensarmos em tempos verbais seria o mesmo, passado. A melancolia é o que resta, é o saber concreto. Em muitos poemas, o sonho se faz presente, mas só para citar alguns em que sonho e memória dialogam, se fundem, se complementam ou se esbarram. Em “Canção à boca da noite”, o sujeito poético é mais firme em suas declarações, dizendo que

Pois nada é presente
e nada é passado.
Tudo é o que é: apenas
real, porque sonhado.

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 93)

Seria então o sonho a realidade, ou seria ela a realidade de um ser que deseja viver o sonho de um tempo que não termine nem traga tantas perdas como a vida “não sonhada”?

O sujeito perdido tenta encontrar respostas para suas perguntas dentro de si, nesse olhar Mendes nos diz que “quando a felicidade impera, não há espaço para a reflexão. Porém, no melancólico o ego encontra-se reduzido, fragmentado, fazendo do indivíduo suporte de meditação” (FREITAS, 2008). Tanto é que no poema “De uma forma ou de outra” o sujeito lírico não sabe se é recordação ou se é sonho, mas para ele isso não importa. O que importa é que continua a doer, que a alma arde e o coração assassina o próprio dono, pois cada vez que é machucado, um pouco de si mesmo é morto.

DE UMA FORMA OU DE OUTRA

Não sei se é recordação,
ou se é sonho da memória.
Seja o que for, é emoção,
Vívda ou inventada história.

Houve mesmo aquela tarde?
Fomos juntos à colina?
Pouco importa – que a alma me arde

e o coração me assassina,

pois é um conto que se conta
e se reconta sem fim,
seja uma lembrança tonta
ou triste ficção de mim.

De uma forma ou de outra, a tarde
me doi no alto da colina
à beira-mar. E a alma me arde.
E o coração me assassina.

(ESPINHEIRA FILHO, 2011, p. 39)

A dor não passa assim como o passado, o eu lírico sofre porque reconhece que mesmo ao recordar, vidas passam e não voltam. Em “Endereços”, por exemplo, o que resta são nomes, pois os endereços não são os mesmos. Agora todos aqueles nomes que representavam para o sujeito lírico habitam o mesmo espaço, todos estão em lápides, e para lá que deveriam ir as correspondências e as visitas.

(...)
Nomes: só o que resta desses
doces animais extintos.

Vai rasgando lentamente
os retângulos que um dia
lhe ofereceram corretos
límpidos rumos de vida,
cálidos clarões de afeto
- e se tornaram palavras
inúteis, que os endereços
agora são outros e
só em lápides inscritos.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 127)

Libanori afirma que “a morte compele o homem ao silêncio, pois ele sente cortada a palavra e ultrapassando o repertório de conhecimentos que fundamenta os juízos e conceitos humanos” (LIBANORI, 2007, p. 23). A morte silencia, por isso o sonho e a memória conseguem falar, ambientes que todos podem voltar e reviver, apesar de sabermos que a morte é o fim que nos espera.

ADEUSES

A Alberto da Costa e Silva

Sempre uma traição,
os adeuses. Não que cheguem
sem aviso

Há muito já
Nos haviam ensinado:

Todos
 Caminham para um mesmo lugar,
 Todos
 Vêm do pó e ao pó retornam.
 (...)

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 128)

E é pela morte que o homem se torna mais humano, afinal independente do que somos ou fizermos esse será o fim de todos. Pela morte nos sensibilizamos e ao refletir sobre ela, o sujeito poético representa o que há de mais íntimo, de mais coletivo (ao pensar numa sociedade) e de mais subjetivo.

2.8. DIÁLOGOS

2.8.1 Poesia e prosa: Dois lados da mesma moeda

Quando se fala em Ruy Espinheira Filho também se fala no poeta, e ao se falar sobre sua obra poética falam-se do artifício da memória. Poeta já celebrado, vencedor de vários prêmios, motivo de dissertações e monografias, mas que também é possuidor de obras de ficção que merecem destaque, como é o caso do romance *De paixões e de vampiros*: uma história do tempo da era. Se pensarmos na memória que segue o escritor nas duas vertentes, prosa e poesia, diríamos que são os dois lados da mesma moeda, moeda que é a literatura, como dito pelo autor. O próprio escritor diz "‘Geralmente minha prosa mostra também certos aspectos líricos’, afirma Ruy, ‘mas, por mais lírica que possa ser algumas vezes, não deixa de ser prosa. Enfim, é a outra face da mesma moeda: a literatura’". (SUBMARINO, 2010, *online*).

No livro *O foco narrativo*, Lígia Chiappini Moraes Leite diz que “o tema básico do ROMANCE seria o conflito entre ‘a poesia do coração’ e a ‘prosa das circunstâncias’” (LEITE, 1997, p. 10), ou seja, muitas vezes a poesia assemelha-se à prosa, à narrativa e em inúmeros casos o romance possui um lirismo, falará da poesia em que é viver.

Portanto, tentaremos mostrar um pouco mais da literatura espinheiriana, como o romance de Magro ganhou destaque não só na prosa como também na poesia, como o capítulo descrito por sua descoberta, iniciação sexual é retratado no poema “Epifania”.

A paixão que o incentivou a viver um romance, a contar na prosa e a declamar na poesia, sensações que não podem ser esquecidas, que são frutos da memória e são

relembradas sempre que se falar em passado, em namoros, em juventude, em sentimentos, em história, em lembranças.

Um narrador de lembranças, um eu lírico da memória, um escritor do passado, uma literatura mnemônica.

EPIFANIA

Alguns anos não consigo
deixar nas águas do Lete:
os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete.
Muitas coisas se afogaram,
e rostos, e pensamentos,
e sonhos, e até paixões
que eram imortais...

Porém,
os meus magros dezessete
e os teus catorze morenos
não entram nem em reflexo
nesse Rio do Esquecimento.

Que magia nos levou
a um espaço e a um momento
para que de nós soubéssemos:
tu, meus magros dezessete;
eu, teus catorze morenos?
Que astúcia do Imponderável
nos abriu aqueles dias
que permanecem tão claros
como quando nos surgiram?
Eu não sei. Mas sei que a vida
nunca mais me foi vazia.

Como não foi fácil, nunca,
por tanto me visitarem
os Arcanjos da Agonia.
Pois, se fui iluminado
por estarmos lado a lado
— os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete —,
seria fatal que também
viesse a sentir a alma
em chagas multiplicadas
por setenta vezes sete.

Ah, os teus catorze morenos
e os meus magros dezessete!...
Quanto sofrimento fundo
— mas quanto sonho profundo
e alto!

Que belo mundo
foi-me então descortinado,
porquanto me era dado
o privilégio preclaro
de penar de amor no claro,
no escuro, em todas as cores,

em todos os tons da vida,
 dia e noite, noite e dia,
 varrido ao vento das asas
 dos Arcanjos da Agonia
 (que eram, por algum prodígio,
 os mesmos da Alegria!...).

Ah, que por mim chorem flautas,
 pianos, violoncelos,
 as cachoeiras, os céus
 comovidos dos invernos...
 Chorem, chorem, que mereço
 essas lágrimas, porque
 tudo sofri no mais pleno
 de paraísos e infernos.
 Que chorem...

Mas eu, eu mesmo,
 não choro... Como chorar,
 se mereci essa dádiva
 de um amor doer na vida
 por setenta vezes sete
 mais que qualquer outra dor,
 mais que qualquer outro amor?
 Só me cabe agradecer,
 pois a vida perderia
 (e, o que ainda é mais cruel,
 sem nem saber que a perdia...)
 se não provasse os enredos,
 insônias, febres, venenos
 que em meus magros dezessete
 acendeu a epifania
 dos teus catorze morenos!

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 22-25)

Ao fazermos uma análise comparativa entre o poema “Epifania” e o romance *De paixões e de vampiros*, ambos de Ruy Espinheira Filho, percebemos que o poema “Epifania” possui 5 estrofes, sendo a primeira com 13 versos, a segunda com 11, a terceira com 10 versos, a quarta com 17 e a quinta e última estrofe com 25 versos. O eu lírico contará sobre a descoberta, a sensação de essência da vida, de significado para continuar a viver. O eu lírico que se caracteriza pelos “magros dezessete” conta que o romance que teve com os “catorze morenos” não pode ser esquecido nas “águas do Lete”, no “Rio do Esquecimento”.

Se fizermos uma analogia e comparação entre o poema e a narrativa, podemos dizer que os “magros dezessete” seria o personagem Magro que teria dezessete anos quando tem sua primeira noite de amor, “eu tinha quase a idade em que Philinho parara de envelhecer, e certamente era- no mínimo, nos ossos- muito parecido com ele” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 225). Philinho morreu com 19 anos, visto que na narrativa é ressaltado que com 18 começou o curso de Direito e no ano seguinte faleceu. Magro havia acabado os estudos em

Manacá da Serra e iria no próximo ano matricular-se para estudar na capital, ou seja, seria maior de idade provavelmente.

O apelido Magro se deu devido ao corpo do narrador, que era assim conhecido por todos da cidade, pelos amigos, “um momento depois, a cara morena de Luís Virgem sorria para mim, em alegre surpresa: - Já chegou, Magro?! (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 25).

A garota colocada pelos catorze morenos podemos associar à Jussara, sua namorada em Manacá da Serra, que na narrativa foi descrita como “morena pálida, cerca de um metro e sessenta de altura, corpo cheio, cabelos presos- um tanto crespos-, presos em rabo-de-cavalo. Os olhos, de um verde denso de caldo-de-cana, só depois eu descobriria” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 127).

Na primeira estrofe o eu lírico diz que muita coisa devido o tempo foi esquecido, “rostos, e pensamentos,/ e sonhos, e até paixões/ que eram imortais” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 22), mas a lembrança jamais será esquecida, afogada, “não entram nem em reflexo/ nesse Rio do Esquecimento” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 22). Jussara diz que Magro vai embora, mas não a esquecerá nunca mais.

O eu lírico diz que “Alguns anos não consigo/ deixar nas águas do Lete” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 22), ou seja, tempos passaram, como no romance o narrador também coloca “e então, de repente, passaram-se muitos anos” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 234). Pela mitologia, quem bebesse das águas do Lete experimentaria o completo esquecimento, e o eu lírico afirma que mesmo com os anos não foi esquecido o romance vivido.

Na segunda estrofe o eu lírico coloca que houve uma “magia”, indagando que circunstâncias os levaram a se conhecerem, a viverem aquela descoberta, a se encontrarem (que no romance se dá pela ida de Magro com Juvenal ao aniversário da madrinha de Jussara, Isaura Pernão), e que houve uma empatia, o narrador em *De paixões e de vampiros* narra que “E me beijou na boca. Um beijo breve- um relâmpago-, mas de permanecer numa doçura morna, ecoando, ecoando...” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 131). No poema o eu lírico indaga e não obtêm resposta, mas o que lhe interessa é que a partir do encontro as memórias o acompanharam em vida, “Eu não sei. Mas sei que a vida/ nunca mais me foi vazia” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 23).

O narrador no romance descreve alguns momentos que teve com Jussara, quando ia para sua casa ou quando ficava sonhando com ela. Ele dedica um capítulo, o 59 à “sereia” que seria Jussara. Magro narra:

Eu passava o tempo todo, agora, ansiando pela noite, quando ia ver Jussara. Aquele namoro ficava cada vez mais ousado, violento, embora ela fosse uma espécie de sereia com a metade inferior de tijolos, cimento e tinta- a parede que nos separava. Eu chegara, em lento progresso, a conhecê-la bem até a altura do umbigo. Abaixo disso, uma região inteiramente desconhecida. Um abismo em que eu ansiava por cair e estilhaçar-me de doçura (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 196).

O eu lírico coloca uma passagem da Bíblia ao dizer “viesse a sentir a alma/ em chagas multiplicadas/ por setenta vezes sete” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 23), e que em Mateus aparece a expressão setenta vezes sete deve ser perdoado quando alguém lhe ferir, "Então Pedro, aproximando-se dele, disse: Senhor, até quantas vezes pecará meu irmão contra mim, e eu lhe perdorei? Até sete? Jesus lhe disse: Não te digo que até sete; mas, até setenta vezes sete”, e a recordação do eu lírico será “setenta vezes sete” vezes lembrada.

A quarta e a quinta estrofe o eu lírico falará do momento da epifania, o que no romance é narrado no capítulo 70, o penúltimo da narrativa. O eu lírico fala dos sonhos, “quanto sofrimento fundo/ — mas quanto sonho profundo/ e alto!” e na prosa Magro diz que “beijei-a de leve na testa e, saltando para o passeio, puxei as folhas da janela, fechando-as. *Como saindo de um sonho- pensei*” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 231-232)

O narrador sabe que quando sair de Manacá da Serra não voltará com frequência, mas recordará da cidade, pessoas e momentos através da memória, “sem nenhuma certeza. Ou melhor, quase com a certeza de que dificilmente voltaria. Uma vida se cumprira e a ela não poderia haver retorno- a não ser em mim mesmo, pelos caminhos da recordação” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 224-225).

Na quarta estrofe o eu lírico fala do privilégio do amor, dos arcanjos da agonia que se transformaram em arcanjos da alegria. Ele conta que um novo mundo foi aberto perante a vida do eu lírico,

Que belo mundo
foi-me então descortinado,
porquanto me era dado
o privilégio preclaro
de penar de amor no claro,
no escuro, em todas as cores,
em todos os tons da vida,
dia e noite, noite e dia,
varrido ao vento das asas
dos Arcanjos da Agonia
(que eram, por algum prodígio,
os mesmos da Alegria!...).

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 23-24)

E na prosa espinheiriana o narrador narra o momento em que foi visitar Jussara para se despedir, afinal, viajaria no dia seguinte e não saberia quando retornaria a passeio à Manacá da Serra. Ele conta que

Jussara estava séria. Antes que eu dissesse qualquer coisa, puxou-me a cabeça e beijou-me longamente a boca. Um beijo contorcido, mordido, raivoso. Quando me largou, disse:

- Pule.

Afastou-se, esperando. Fiz força com os braços, ergui-me, saltei para dentro do quarto. Ela fechou a janela, fazendo correr o ferrolho. Depois, com cintilações em seus olhos de caldo-de-cana, falou, a voz levemente embargada:

- Você vai embora, mas não vai me esquecer nunca mais. (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 229)

O narrador descreve como foi sua noite com Jussara, e no poema as sensações que ele e a namorada dos “catorze morenos” sentiam,

Ah, que por mim chorem flautas,
pianos, violoncelos,
as cachoeiras, os céus
comovidos dos invernos...

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 24)

E na prosa ele narra que:

E veio de novo o beijo, e seu corpo tépido se colava ao meu, e se esfregava, e gemia, e as mãos me desabotoavam, afastavam as roupas, e caímos sobre a cama, e o que ela vestia era só uma brancura leve, tênue, e além disso nada havia, e um perfume animal me impregnou as narinas, e adensou-me em sabor (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 229-230).

O poema “Epifania” conta dos choros, lágrimas, sofrimento que leva à alegria, do inferno ao paraíso, pela plenitude que se deu seu relacionamento com a morena do poema, “essas lágrimas, porque/ tudo sofri no mais pleno/ de paraísos e infernos” (ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 24), e na narrativa ele descreve sua verdadeira primeira vez, “a sua mão deslizou-me pela perna até a rigidez pulsante, quase dolorosa, e ela disse me beije toda, toda, e logo senti que era a minha primeira vez, a verdadeira, era ali,” (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 230). O eu lírico diz do seu amor, da sua noite de amor com a garota dos “catorze morenos”:

Que chorem...

Mas eu, eu mesmo,
não choro... Como chorar,
se mereci essa dádiva
de um amor doer na vida

por setenta vezes sete
 mais que qualquer outra dor,
 mais que qualquer outro amor?

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 24)

E o narrador Magro, recordando, diz da sua primeira vez, que encontrará o amor, a descoberta:

o Amor, naqueles seios que eram, ao mesmo tempo, fonte e sede, uma gerando a outra, uma saciando a outra e tornando-a, por isso mesmo, insaciável, e ela me forçou a cabeça mais para baixo, e beijei-lhe o umbigo, e descí, e senti-lhe os pêlos ásperos, e ela gemia, contorcendo-se, e pressionou-me mais a cabeça, e em minha língua, penetrando-me a vida inteira, um sal recôndito de onde provinham todas as raízes, todos os hálitos, e ela gemia mais alto, e soluçava, e sufocou um grito, e disse vem, vem, e me puxou pelos cabelos, e eu me ergui sobre ela e, quando comecei a baixar o corpo, ela estendeu a mão, guiando-me (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 230)

Ao finalizar o poema o eu lírico diz que só pode agradecer às “insônias, febres, venenos” que provou pelo enredo da vida, e o narrador diz do momento em que iria se despedir de Jussara para ir embora

Pensei em acordá-la, despedir-me, mas me lembrei de que ela não me deixara dizer nada por toda a noite. Cada vez que tentava falar, fechava-me a boca com um beijo- e rolávamos novamente, delirantes, perdidos. Assim ela havia desejado a despedida, e se dera toda intensidade que buscava a permanência- e eu podia entender, agora, a única frase pronunciada: *Você vai embora, mas não vai me esquecer nunca mais.* (ESPINHEIRA FILHO, 2008, p. 231)

E o eu lírico conclui a “Epifania” revelando que a epifania ocorreu entre o casal e pela memória será sempre lembrada, que ao eu lírico só cabe agradecer pelo passado,

pois a vida perderia
 (e, o que ainda é mais cruel,
 sem nem saber que a perdia...)
 se não provasse os enredos,
 insônias, febres, venenos
 que em meus magros dezessete
 acendeu a epifania
 dos teus catorze morenos!

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 24-25)

2.8.2 Diálogos entre poetas: Ruy Espinheira Filho, um leitor de Carlos Drummond de Andrade

O próprio autor baiano já revela ser um apreciador das obras drummondianas, entre outros. Diversos poemas fazem essa relação de intertextualidade ou cita o poeta como exemplo. Tanto é que no poema “Poema para Henrique Marques Samyn, que se impressionou com a tristeza e a morte em minha poesia” o eu lírico destaca autores que também trabalham nessa vertente.

Triste não sou. Apenas fico triste,
às vezes. As tristezas em mim viste,

até que são modestas. Há monções
de tristezas geniais – como em Camões,

por exemplo; como em Manuel Bandeira,
de triste estrela quase a vida inteira.

Não esquecer Drummond, que tanto quis
a vida, o amor... E é ele quem nos diz

- ou melhor: nos ensina - que, vivendo,
estamos para doer, estamos doendo.

E Pessoa, com os olhos cheios de água,
escrevendo seu livro à beira-mágoa...

(Dirás que ele falava de um terceiro
- e eu te direi que isto é verdadeiro,

porém esse terceiro que ressoa
vem da multiplicidade de Pessoa.)

Também notaste uma presença forte
(o que te trouxe espanto, horror...) da morte.

Mas onde não se encontra essa presença,
indiferente à crença ou à descrença

de todos nós? É o fim? Um outro Nível?
Só uma coisa é certa: é a Iniludível...

Mas que ela teça tudo o que tecer
com calma, sem afã. Mesmo porque

não adianta apressar a sua lida,
pois só vamos morrer no fim da vida...

(ESPINHEIRA FILHO, 2009, p. 181-182)

Como síntese dos temas trabalhados pelo autor, o eu lírico vai destacando a dor e a morte sempre presente na vida e na literatura. Pretendemos verificar as marcas da

intertextualidade no ato de criação literária, visto que o poeta baiano reconhece em entrevistas ser um leitor e apreciador dos textos drummondianos, revelando em sua poesia traços característicos do poeta mineiro. Alguns poemas demonstram de forma sutil uma (re) leitura, passagens da poética de Drummond e em outros é perceptível a forte presença seja por meio de epígrafes, citações diretas, personagens e temas caros ao mineiro. Na obra *Elegia de Agosto e Outros poemas* (2005) nota-se dois poemas específicos fazerem referência ao poeta de Itabira, sendo “Elegia de Agosto” e “Antielegia de Agosto”, poemas estes que serão analisados tendo em vista esta ligação entre os poemas e a utilização da intertextualidade.

Em diversas entrevistas o poeta Ruy Espinheira Filho comenta ser um leitor de Carlos Drummond de Andrade, ao afirmar que “o que você lê, de certa forma, vai influenciar seu trabalho” (CESAR, 2010, *online*). De fato, diversos traços característicos da lírica drummondiana estão presentes na poesia de Ruy Espinheira Filho. A respeito disso, ele declara: “quem não se vale da memória, quem não fica melancólico ao lembrar as perdas?”. Sandra Nitrini, em *Literatura Comparada*, cita as ideias de Kristeva, esclarecendo que “Todo texto é um intertexto; outros textos estão presentes nele, em níveis variáveis, sob formas mais ou menos reconhecíveis; os textos da cultura anterior e os da cultura circundante, todo texto é um tecido novo de citações acabadas” (NITRINI, 1997, p. 165).

Partindo da análise dos poemas, percebemos em “Elegia de Agosto”, presente no livro *Elegia de Agosto e Outros poemas* (2005) tratar-se de um poema com tom triste, voltado para as perdas da vida. Elegia refere-se à reflexão poética sobre a morte, o que na leitura do poema será comprovado. Agosto é o mês caro a Drummond, mês da morte da filha Maria Julieta, que falece em 05 de agosto, vítima de câncer. Durante 12 dias o poeta vive uma tristeza profunda, vindo a falecer em 17 de agosto do mesmo ano. Abaixo do título, à esquerda, entre parênteses aparece (1987), o ano das mortes de Drummond e sua filha. À direita como epígrafe há um trecho do poema “Desaparecimento de Luísa Porto”, do escritor mineiro com os seguintes versos “... procura tua filha, beija-a e fecha-a para sempre em teu coração”. Não seria mais justa uma citação melancólica, de perda explícita de um dos bens mais importantes da vida, um filho; filha que para Drummond significou até a morte.

O poema apresenta 6 estrofes, com versos livres e brancos, que assim se inicia:

Ali estava, cintilando
na dor
da morte de sua própria
carne,

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40).

O que seria quase óbvio, o poeta sofrendo pela morte da filha, sua própria carne, sua dor ao extremo, “morte/ de sua própria mais preciosa carne” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40), visto que o próprio poeta deixa clara a relação afetiva que tinha com Maria Julieta. O eu lírico continua o poema descrevendo o rosto da filha morta:

aquela
de rosto
(como ele escreveria no diário)
lindo, puro, sem rugas, juvenil.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40).

Sabe-se que Drummond antes de morrer escreveu um texto sobre a filha. Afirmava ele que o “rosto estava lindo, fresco, sem rugas, juvenil” (SILVA, 2010, *online*), que compareceram muitos amigos. O poeta conta que assim terminou a vida da pessoa que mais amou neste mundo.

A temática da morte está presente tanto na lírica drummondiana quanto na poesia espinheiriana. Ambos revelam dores que existiram nas suas vidas, como, por exemplo, no caso de Ruy, a morte do seu pai, para quem ele dedicou e escreveu vários poemas.

No poema “Elegia de agosto”, a segunda estrofe exibe elementos próprios de Drummond, citando personagens que compuseram poesia e até hoje são lembrados, lidos e apreciados. Há intertextualidade quando o eu lírico afirma: “Ali, assim./ Nas velas rotas da alma não mais recolhe/ o vento de Minas” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40).

Ao continuar o canto, o eu lírico revela

Já não acolhe
o rei de Sião,
nem o menino chorando na noite,
nem Fulana
(embora tanto houvesse amado deitar-se à sombra
das moças em flor)

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 40-41).

O mineiro, com sua alma morta em 1987 não poderá acolher personagens tristes como o do poema “Elegia do Rei de Sião” no qual Drummond contava ter morrido de desgosto por

não ter um filho varão: o “Menino chorando na noite” que “na noite lenta e morna, morta noite sem ruído, um menino chora” (ANDRADE, 1985, p. 70), ou em “O mito” que o eu lírico diz “amo Fulana tão forte,/ amo fulana tão dor,” (ANDRADE, 1985, p. 149). E, ainda, “a sombra doce das moças em flor/ gosto de deitar para descansar” (ANDRADE, 1985, p. 59) em “Sombras das moças em flor”. Ruy Espinheira Filho no seu poema “Elegia de Agosto” ressalta o operário, o leiteiro, as crianças, os heróis, a máquina, o mundo, tão próprios a Carlos Drummond de Andrade.

O eu lírico do poema afirma que nas velas rotas da alma não acolhe

nem o operário,
nem
o leiteiro sutil da madrugada,
nem Clara passeando no jardim
com as crianças,
nem os heróis que cantara na construção de um mundo
que não chegara a ser: o Mundo,
o país de todo homem.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 41).

É evidente a figura do operário escrito em diversos poemas, entre eles “O operário no mar”, operário que constrói o país, o leiteiro que na madrugada deixava o leite para os que dormem, até ser assassinado. Perdas significativas que Drummond não poderá mais declamar, assim como nem Clara em “lembrança do mundo antigo” que passeava no jardim com as crianças, ou os heróis do mundo. O livro *Sentimento do Mundo* é um exemplo da imensidão de poemas que tratam do mundo em plena agitação de guerras como “Sentimento do mundo”, “Os ombros suportam o mundo”, “Mãos dadas”, “Elegia 1938”, “Mundo Grande”, etc. Os heróis que cantaram o mundo e não o conseguiram construir, Ruy relê pelos versos drummondianos a construção de um lugar que seria “o país de todo homem” (ANDRADE, 1985, p. 200).

A terceira estrofe continua a revelar traços do escritor homenageado pelo intertexto, só que agora traços biográficos, mistura de obra e vida. Quando o poeta baiano declama:

Apenas arde, agora,
a derrota incomparável.
Mãos se estendem,
abraços o envolvem,
entre cálidos sussurros compassivos.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 41).

Após a morte o que resta é o arder (que remete a dor latente), a derrota tão proclamada na lírica de Drummond. Fazendo referência à vida do mineiro, Ruy Espinheira Filho revela:

Mas
 nenhum ali é Mário,
 nem Manuel,
 nem Pedro,
 nenhum é alguém
 para essa terrível rutilância
 (talvez a única companhia seja o filho
 nascido sessenta anos antes
 e morto instantes depois).

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 41).

O Mário é o Mário de Andrade, grande amigo do poeta mineiro, para quem ele dedica o 1º livro de poemas, *Alguma Poesia*. Manuel é o poeta Manuel Bandeira e Pedro é o memorialista Pedro Nava, amigos de Carlos Drummond de Andrade aos quais o poeta, pela vida real e pela literatura, expressava sua afetividade. Um dado interessante que o poeta baiano nos traz é a morte do filho de Drummond, o Carlos Flávio, que nasceu em 22 de março de 1927, e só viveu meia hora. O filho que nasce 60 anos antes da morte do pai (1987) e morre instantes depois.

A quarta estrofe faz uma viagem à infância de Carlos Drummond de Andrade, à vida familiar. O eu lírico espinheiriano afirma: “Ali estava. Em tempo algum/ assim,/ tão vácuo” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 42), tempo passado que realmente está no pretérito, e ali (longe) resta o vazio, pois

nem mesmo restavam as casas
 de silêncio,
 as roças
 de cinzas,
 a memória do Halley no céu
 da infância
 (cuja história fora mais bonita que a de Robinson Crusóé).

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 42).

São palavras e versos que eternizaram o poeta. Aliás, Drummond, ao cansar de ser moderno, deseja ser eterno. E ele guarda as lembranças da família em “Encontro”, o que indica mais um caso de intertextualidade entre os poetas. O eu lírico drummondiano declara: “ó meu pai arquiteto e fazendeiro!/ Faz casas de silêncio, e suas roças/ de cinza estão maduras” (ANDRADE, 1985, p. 291). Enquanto isso, em “Elegia de Agosto” o poeta

Espinheira afirma não restar nesse tempo vácuo nem as memórias, não restar nem “a memória do Halley no céu”, recordação que marca o mineiro na infância e é transcrito na literatura pelo poema “Halley”. Surgem também fatos que marcaram a infância, e que o poeta expressou e cultivou, percebendo que viveu uma história mais bonita que a de Robinson Crusoe, como é declarado no poema “Infância”.

Em relação à intertextualidade, Sandra Nitrini pontua que, para Bakhtin a palavra literária “constitui cruzamento de superfícies textuais, um diálogo entre diversas escrituras” (NITRINI, 1997, p. 159), diálogo perceptível entre poetas de lugares e épocas diferentes, mas que guardam em comum a temática e o gosto em expressar suas memórias para e através da literatura.

O poema em análise tem na 5ª estrofe apenas 3 versos “Nada restava./ Nem um botão./ Nem um rato” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 42). Já para Drummond, em “Resíduo”, de tudo sempre fica um pouco, “fica sempre um pouco de tudo./ Às vezes um botão. Às vezes um rato” (ANDRADE, 1985, p. 156). Para Espinheira Filho, com a morte a criação literária do escritor termina. A última estrofe de “Elegia de Agosto” fecha com a avaliação das perdas, restando apenas a dor sobre a ruína, sobre a vida, sobre a morte. O eu lírico finaliza

Nunca antes
 assim,
 sob um céu vazio,
 avaliando o que perdera,
 e eis que tudo perdera,
 e o que ainda havia
 só
 era uma dor circulando
 sobre a ruína,
 sobre
 o que já não era vida,
 sobre
 o que era,
 na morta e no fatal seu lado esquerdo,
 apenas
 barro sem esperança de escultura.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 42-43).

E assim a dor continua. Dor pelas tristezas, pelas mortes de outros e de nós mesmos, pois fatal do lado esquerdo é parar de bater o coração, como Drummond já recitava em “Consideração do poema”, restando no céu vazio, na dor latente apenas “barro sem esperança de escultura” cantada pelo eu lírico do poema de Ruy Espinheira assim como do poeta de *Claro Enigma*.

O outro poema a ser analisado, também de Ruy Espinheira Filho e presente na mesma obra de 2005 chama-se “Antielegia de Agosto”. O poema vem declarar que é a presença mesmo ausente do poeta Carlos Drummond de Andrade, que sua obra literária permanece e sua vida será sempre retomada. Antielegia como o próprio vocábulo sugere, anti é prefixo de oposição, ou seja, a reflexão da não morte, da permanência do mês de agosto, dos anos que vem abaixo do título entre parênteses à esquerda (1902-1987), tempo em vida do mineiro lembrado. Como já é de conhecimento comum, Carlos Drummond de Andrade nasce em Itabira em 31 de outubro de 1902 e falece no Rio de Janeiro em 17 de agosto de 1987.

O poema traz como epígrafe um poema drummondiano “Mas viveremos”, para muitos considerado um poema de esperança. O poema analisado possui 16 estrofes, cada uma com 4 versos com rimas ABBA. Escrito em 1997, 10 anos após a morte de Carlos Drummond de Andrade, o eu lírico declama “As estações do coração cessaram/ há dez anos em ti” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 44), e continua dizendo

Em nós, no entanto,
ainda se abrem com a luz do encanto
dos teus primeiros versos que pousaram

em nossa mocidade

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 44).

Primeiros versos que foram escritos em 1930 com a publicação de *Alguma Poesia* e que até hoje provoca encantamento nos leitores que recebe a lírica de Drummond como uma oferenda que embebeda a vida. Drummond em “A Ingaia Ciência” destaca “a madureza, essa terrível prenda/ que alguém nos dá, raptando-nos, com ela,/ todo sabor gratuito de oferenda” (ANDRADE, 1985, p. 246). Ruy num diálogo afirma serem os citados versos de Carlos Drummond:

uma oferenda
sutil, porém espessa, e nossa vida
dela embebeu-se até (hoje vivida)
a madureza, essa terrível prenda.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 44).

Por se tratar de um poema de permanência, revela que a vida se fez com palavras do mineiro, versos que pulsam no coração e impulsiona a viver. Drummond escreveu muito sobre a metalinguagem, o fazer poético, ele mesmo nos diz em “Procura da Poesia” que

“chega mais perto e contempla as palavras./ Cada uma/ tem mil faces secretas sob a face neutra” (ANDRADE, 1985, p. 112). No poema do escritor baiano, ele relê poemas de Drummond e nos demonstra que as palavras pulsam em nós “como um coração maior que o mundo/ — ou menor, que importava? Um coração/ nos corações” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 44-45), relacionando a obra poética do poeta itabirano que em “Poema de sete faces” eternizou a estrofe

Mundo mundo vasto mundo,
se eu me chamasse Raimundo
seria uma rima, não seria uma solução.
Mundo mundo vasto mundo,
Mais vasto é meu coração (ANDRADE, 1985, p. 4).

Assim como em “Mundo Grande” ao dizer “Não, meu coração não é maior que o mundo. / É muito menor./ Nele não cabem nem as minhas dores” (ANDRADE, 1985, p. 85). O sujeito poético destaca temas proferidos na lírica de Drummond como “as toadas amorosas, desejos, saqueadas/ montanhas, desencantos, solidão” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 45), o eu lírico continua citando outros temas como “palavras de amor, ternuras, sonhos, ironias,/ humor, sopro vasto de poesia” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 45); elementos muitas vezes da melancolia e da criação poética que “circulava em nós e ainda lavra/ em nossos dias” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p.45).

O poeta baiano homenageia Carlos Drummond de Andrade de forma poética, ao reler a obra do escritor mineiro faz um intertexto que trata da falta existente pela morte de Drummond e ao mesmo tempo referenciá-lo, ao dizer “tua voz soava/ em nossa voz. E nada se fazia/ sem ela a ritmar” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 45) alegrias e tristezas, pois conseguiu cantar a vida humana.

Drummond relê também outros poetas como nos poemas “Quintana’s Bar” e “O poeta irmão”, os quais falam, respectivamente, de Mário Quintana e Emílio Moura. Lê também as coisas, o bar, a rua, o vento, o sol, a lua, jardins, escolas, mangues, o eu lírico dos versos de Drummond nos conta “na rua, no bar, nossos companheiros esperam ser decifrados” (ANDRADE, 1985, p. 491). O eu lírico do poema de Ruy Espinheira Filho, o faz pelo poder da citação, visto que “a citação é um elemento privilegiado de acomodação, pois ela é um lugar de reconhecimento, uma marca de leitura” (COMPAGNON, 2007, p. 19), afirma:

assim na escola como no jardim

onde giravam Dulces, Beatrizes,
Rosas, Leonoras, Cármens... (e ainda estão
girando, e vão e vêm, e vêm e vão
em névoa anterior às cicatrizes

e outras memórias).

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 45).

Relação direta existe entre os textos dos dois poetas, no poema “Registro Civil” parece tudo tão tranquilo, no entanto, Dulce havia morrido (semelhança com a lírica espinheiriana quanto aos impasses existentes) e o tema da memória tão caro aos dois escritores brasileiros. O poema continua a revelar traços característicos. Num deles estão os versos que Ruy reescreve do poema “Não se mate”, “Ah, nunca é fácil essa dança... O amor/ é isso que você está vendo: hoje/ beija, amanhã não beija, depois foge” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p.46); amor que Carlos Drummond cantou como um mistério. A 11ª estrofe faz referência à guerra, ao poema “Com o russo em Berlim”, e a 12ª continua a anterior, agora com ar esperançoso, de falar de um tempo novo que desejou Drummond, desejo ainda hoje existente pela coletividade. O sujeito lírico de “Antielegia de Agosto” revela que o que ouviam

era uma voz falar de um tempo novo,
sem igrejas, quartéis, ouro, bandeiras,
país de todo homem, sem fronteiras:
voz da tua canção, rosa do povo.

(ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 46).

Em “Cidade Prevista” o poeta já desejou pela voz do eu poético um mundo que virá, que ele sabia não ver em vida, mas que outras gerações viveriam nesse mundo melhor,

uma pátria sem fronteiras,
sem leis e regulamentos,
essa terra sem bandeiras,
sem igrejas nem quartéis,
sem dor, sem febre, sem ouro,
um jeito só de viver,
mas nesse jeito a variedade,
a multiplicidade toda
que há dentro de cada um (ANDRADE, 1985, p. 200).

O escritor de *A Rosa do Povo* cantava os sonhos, esperanças num futuro melhor, as almas e todo o desejo num novo amanhecer. Na 15ª estrofe, o sujeito lírico retoma o poema: “Mas viveremos” revelando que “se assim não foi, se agora a incerteza/ se alastra, pouco importa” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 46), o poeta conseguiu deixar sua mensagem em

vida e após a morte, visto que pela literatura é revisitado e lembrado, finalizando com o mesmo verso drummondiano “outro gesto, outro homem, outra certeza” (ESPINHEIRA FILHO, 2005, p. 46).

Ruy Espinheira Filho, como leitor atento da obra de Drummond, revela aquilo que o coração repousa, mas a voz poética sobrevive. Palavras que não findaram, numa citação direta, ele diz “essa rosa, esse canto, essa palavra” do poema “Mas viveremos”, um intertexto com “Antielegia de Agosto”. Conforme Nitrini, o intertexto “leva em consideração a sociabilidade da escritura literária, cuja individualidade se realiza até certo ponto no cruzamento particular de escrituras prévias” (NITRINI, 1997, p. 165).

Diálogos que se fazem não só pelo fato de Drummond ser um grande símbolo da poesia, mas pelos dois autores revelarem muita memória melancólica em seus escritos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ruy Espinheira Filho é o poeta que escreve “porque o coração continua” como ele mesmo afirmou em entrevista a Luciano Aguiar pelo jornal *A tarde*. Escritor que se vale da memória para resgatar um tempo que merece ser revisitado, afinal “algumas coisas valem a dor da memória”, versos espinheirianos que poderíamos usar como um dos mais marcantes da sua obra.

Escritor que não esconde os exemplos seguidos, os escritores que admira, que por sinal, produz na mesma linhagem. Autor que fala do ser humano, e por isso, fala de cada um de nós sem particularizar, fala de todos sem generalizar. Escritor lírico, poderíamos afirmar, uma vez que ainda que em prosa o lirismo nunca o abandona.

Ao lermos seus poemas nos remetemos às nossas recordações. Algumas vezes nos tornamos melancólicos, pois refletir sobre a vida já é reconhecer nossa melancolia, nosso passado que não passa, pois está sempre conosco, ainda que apenas por lembranças rememoradas.

Nesse trabalho tentamos evidenciar a memória que resgata, reproduz, que “atualiza”, recria, reinventa o passado ao ser revisitado no tempo presente. Percebemos que não existe, dentro da lírica de Ruy Espinheira Filho, uma única concepção de memória possível de ser utilizada, pois diante dos poemas analisados a memória pôde ser vista por vários ângulos.

Ao estudarmos Halbwachs, Ecléa Bosi, entre outros, notamos uma memória coletiva, que por mais que se trate das rememorações de um eu lírico, este se encontra inserido numa sociedade, portanto numa coletividade, visto que ao rememorar o indivíduo guarda depoimentos, recordações de um contexto, lembranças de outros também.

Outros autores ao definir o termo memória remetem a Mnemosine, aos gregos, à história, filosofia ou psicologia, a busca do perdido, enfim, observamos que durante e após a conclusão das análises notamos a constância desse elemento constitutivo, visto que “toda reprodução ou renovamento, seja voluntária ou não, de qualquer ideia, percepção ou outra qualquer modificação do espírito é um ato de memória, é uma lembrança” (FRANÇA, 1973, p.362), tal como aparece várias vezes nos poemas analisados de Ruy.

Faz-se interessante destacar, mais uma vez, que o passado apresentado nos poemas analisados é algo ainda inquietante, revelador assim como a relevância mnemônica, uma certa melancolia com as perdas, além da tensão enfrentada pelo eu lírico no processo de conhecimento sobre sua própria existência.

No que tange à melancolia, diante dos vários estudos percebemos que melancólico é aquele que não consegue se livrar do passado, que fica preso aos assuntos pretéritos não solucionados, pesquisamos para nos situar dentro os campos da Astrologia, a importância de Saturno, os temperamentos humorais, a diferença com o luto ou a associação em determinados momentos com a tristeza por motivo e também sem aparente motivo, os estudos de Benjamin. Nos baseamos nos estudos acerca do tempo em vários teóricos e também na lírica moderna e contemporânea, no contexto social em que o eu lírico se insere, memória melancólica que por sua vez é recorrente nessa poesia pós renovações tecnológicas, a perda da áurea, a ligação com o período de agitações, por ser um momento propício às mudanças, as inquietações, às reflexões.

O eu lírico permanece só, isolado, tendo como único aliado o seu recordar, por isso, o passado é tão presente que se confunde com o tempo vivido. Como já foi afirmado, diferentemente à ideia de instância tranquila, as lembranças mexem com o eu poético, o põe em confronto com suas perdas e desejos.

Dessa forma, podemos dizer que os poemas analisados apresentam em comum o confronto entre a condenação do tempo presente e a impossibilidade de retorno ao passado, a memória como ferramenta capaz de colocar em ação o tempo presente, mesmo que seja por meio de recordações. Perante esse estado melancólico mnemônico ocorre uma tensão, impasses a serem resolvidos, os poemas nos revela ser a morte a única certeza existencial.

A memória na lírica espinheiriana por não ser uma instância tranquila faz com que as lembranças coloquem o sujeito poético em confronto com suas perdas e desejos, por isso o passado é tão presente que se confunde com o tempo vivido.

Portanto, é mister ressaltar que as certezas expressam em muitos poemas são a morte, uma vida constituída de passados, recordações; um passado resgatado de forma seletiva, com modificações, certos esquecimentos ou acréscimos; ficando o ser fadado a esse futuro, no entanto, essa memória que conserva, pode permanecer além da vida. Com isso, ver-se-á que os poemas expressam o que há de mais humano, uma memória que sobrevive ao guardar em si a essência do viver, mesmo que de forma melancólica.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor W. Palestra sobre lírica e sociedade. In: —. *Notas de literatura I*. São Paulo: Duas Cidades, 2003, p. 65-89.

AGOSTINHO, Santo. *Confissões*. Tradução de J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. São Paulo: Nova Cultural, 1996.

AGUIAR, Luciano. Entrevista. *A tarde*. Salvador, p.3, 10 abr. 2010.

ALVES, Maria Theresa Abelha. Ludus e littera: artimanhas da memória. In: *Léngua e meia-* revista de literatura e diversidade cultural, v. 3, nº 2. Feira de Santana: UEFS, 2004, p. 188-200.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Nova Reunião: 19 livros de poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1985.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. 2ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 1991.

BENJAMIN, Walter. *Charles Baudelaire: um lírico no auge do capitalismo*. Obras escolhidas III. São Paulo: Brasiliense, 1997.

BENJAMIM, Walter. O narrador - considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: —. *Magia e técnica, arte e política*. São Paulo: Brasiliense, 1996, p. 197-221.

BERGSON, Henri. *Matéria e memória: ensaio sobre a relação do corpo com o espírito*. Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

BERRIO, Antonio García; FERNÁNDEZ, Teresa Hernández. *Poética: Tradição e modernidade*. Tradução de Denise Badanovic Vieira. São Paulo: Littera Mundi, 1999.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Moisés; Ana Maria Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

BONACCINI, Juan Adolfo. *Tempo e eternidade*. Rio Grande do Norte: UFRN, 2004. Disponível em: http://criticanarede.com/hist_agostdeus.html>. Acesso em 20 de abril de 2012.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

BOSI, Alfredo. *O ser e o tempo da poesia*. São Paulo, Cultrix, Ed. da Universidade de São Paulo, 1977.

BOSI, Ecléa. *Memória e sociedade: lembranças de velhos*. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRADBURY, Malcolm; MCFARLANE. *Modernismo: guia geral 1890-1930*. Tradução de Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

BRITO, Antonio Carlos (Cacaso) de. Concursos e concorrentes. *Leia Livros*, São Paulo, p. 4-5, 15 fev. 1982.

BUENO, Alexei. *Apresentação de Poesia reunida e inéditos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

CARDOSO, Sérgio [et al.](Org.). *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

CERTEAU, Michel de. Andando na cidade. Tradução de Anna Olga de Barros Barreto. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidade*. Rio de Janeiro/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, n.º. 23, 1994, p. 21-31.

CESAR, Elieser. Elieser Cesar entrevista o poeta Ruy Espinheira e comenta sua obra poética. Poesia da mágoa desertada. In: *Jornal A tarde* (14.11.1998). Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/1ecesar.html>> Acesso em 27 de setembro de 2010.

CHAUÍ, Marilena. A memória. IN: —. Convite à Filosofia. São Paulo: Ática, 2002, p. 125-130.

CHEVALIER, Jean E; GHEERBRANT, Alain. Dicionário de símbolos: mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números. Coordenação de Carlos Sussekind. Tradução de Vera da Costa e Silva et al. 14ª edição. Rio de Janeiro: José Olympio, 1999.

COMPAGNON, Antoine. *O trabalho da citação*. Tradução de Cleonice P.B.Moura. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

COMTE-SPONVILLE, André. *Apresentação da Filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

CORTAZAR, Julio. Para uma poética. In: —. *Valise de Cronopio*. São Paulo: Perspectiva, 1974, p. 85-101.

DAMULAKIS, Gerana. *Crônica e poesia: a tênue fronteira*. Disponível em: <<http://leitoracritica.blogspot.com.br/2007/11/crnica-e-poesia-tnue-fronteira.html>> Acesso em 10 de junho de 2012.

DELEUZE, Gilles. *A imagem-tempo*. Tradução de Eloisa de Araujo Robeiro. São Paulo: Brasiliense, 1990.

DIAS, Marcos. Abre asas: Ruy Espinheira Filho escritor. *A tarde Muito*, Salvador, número 37, p. 12-18, 14 dez. 2008.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Sob o último sol de fevereiro: crônicas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Poesia reunida e inéditos*. Rio de Janeiro: Record, 1998.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *A cidade e os sonhos*. Salvador: Edições Cidade da Bahia, 2003.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Elegia de agosto e outros poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Sob o céu de Samarcanda: poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil/ Fundação Biblioteca Nacional, 2009.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Livro de canções e inéditos*. Salvador: P55 Edições/ Coleção Cartas Bahianas, 2011.

EL FAHL, Alana Freitas. Ruy Espinheira Filho e as arquiteturas da memória. *Tribuna Cultural*, Feira de Santana-Ba, 20 março 2005.

ESPINHEIRA FILHO, Ruy. *Viagem e outros poemas*. Salvador: P55 Edições/ Coleção Cartas Bahianas, 2011.

FERNANDES, Rinaldo de. Ruy Espinheira Filho- poeta das perdas. *Rascunho* (Coluna Rodapé), Curitiba, fev. 2008.

FERREIRA, Izacyl Guimarães. *Ruy Espinheira Filho: Elegia de agosto e outros poemas*. Disponível em: <<http://www.jornaldepoesia.jor.br/izacyl20.html>> Acesso em 09/08/2008.

FONSECA-SILVA, Maria da Conceição. Mídia e lugares de memória discursiva. In: FONSECA-SILVA, Maria da Conceição; POSSENTI, Sírio (Org.). *Mídia e rede de memória*. Vitória da Conquista: Edições UESB, 2007, p. 11-37.

FONSECA, Aleilton. O poeta na metrópole: “expulsão” e deslocamento. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Org.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/ PpgLDC, 2000, p. 43-55.

FONSECA, Aleilton. Tangências e levezas. *Apresentação de A cidade e os sonhos/ Livro de sonetos*. Salvador: Edições Cidade da Bahia/ Fundação Gregório de Mattos, 2003.

FRANÇA, Eduardo Ferreira. Memória. In: —. *Investigações de psicologia*. 2ª edição. São Paulo: Editora da USP, 1973.

FREITAS, Iacyr Anderson. *As perdas luminosas: uma análise da poesia de Ruy Espinheira Filho*. Dissertação de mestrado na Universidade Federal de Juiz de Fora. Salvador: EDUFBA/ Casa de Palavras, 2001.

FREITAS, Iacyr Anderson. O desamparo no jardim. In: *Quatro estudos*. Juiz de Fora- MG: Edições d’Lira, 1998.

FREUD, Sigmund. Luto e Melancolia. In: *Novos estudos*, nº 32, março de 1992, p. 130-142.

GIDDENS, Anthony. *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

GOLDSTEIN, Norma. *Versos, sons, ritmos*. São Paulo: Ática, 1985, p. 57.

GONÇALVES FILHO, José Moura. Olhar e memória. In: NOVAES, Adauto (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988, p. 95-124.

GUIMARÃES, Rodrigo. Desmemórias, arquivos e a construção do esquecimento. In: —. *”E”*: Ensaios de literatura e filosofia. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2010, p. 119-133.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2006.

HAMBURGER, Michael. Identidades perdidas. In: —. *A verdade da poesia: tensões na poesia modernista desde Baudelaire*. Tradução de Alípio Correia de Franca Neto. São Paulo: Cosac Naify, 2007, p. 63-87.

HOFFELDT, Antonio. Os tempos piores de Ruy. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 13 abr. 1982.

JATOBÁ, Roniwalter. A arte da poesia. *Revista Princípios* (Arquivo). Edição número 39, 01 de nov. de 1995. Pag. 43- 46. Disponível em: <http://fmauriciograbois.org.br/portal/revista.int.php?id_sessao=50&id_publicacao=138&id_indice=747> Acesso em 20 de nov. de 2010.

JUNKES, Lauro. Baiano e mineira conquistam o Prêmio Cruz e Sousa. *Suplemento literário Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 4-5, 27 mar. 1979.

JUNQUEIRA, Ivan. O lirismo elegíaco de Ruy Espinheira Filho. In: —. *O fio de Dédalo: ensaios*. Rio de Janeiro: Record, 1998, p. 72- 89.

LANZILLOTTI, Luciano. *Presença de ausência: tempo e memória na poesia de Ruy Espinheira Filho*. Dissertação de mestrado. Rio de Janeiro: UFRJ, 2007.

LANZILLOTTI, Luciano. Entrevista. *Plástico Bolha*. Rio de Janeiro: ZM Notícias, 2010.

LEÃO, Rodrigo de Souza. Jornal Balacobaco. *A garganta da serpente online*. Disponível em: <<http://www.gargantadaserpente.com/entrevista/ruyespinheira.shtml>> Acesso em 20 de nov. de 2010.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: —. *História e memória*. Tradução de Bernardo Leitão et al. 5 ed. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1996, 423-483.

LE GOFF, Jacques. Memória. In: *História e memória*. Tradução Bernardo Leitão... [et al. 5ª edição. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2003, p. 419-475.

LEITE, Sebastião Uchoa. A poesia e a cidade. In: *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: Cidade*. Rio de Janeiro/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional do Ministério da Cultura, numero 23, 1994, p. 283-294.

LEITE, Lígia Chiappini Moraes. *O foco narrativo*. 8 ed. São Paulo: Ática, 1997.

LIMA, Luiz Carlos. Logos e melancolia. In: ROCHA, Fátima Cristina Dias (Org.). *Literatura brasileira em foco*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2003, p. 99-105.

LIMA, Luís Costa. Carlos Drummond de Andrade: memória e ficção. IN: —. *Dispersa demanda: ensaios sobre literatura e teoria*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1981, p. 159-175.

MARQUES, Reinaldo. Tempos modernos, poetas melancólicos. In: SOUZA, Eneida Maria de (Org.). *Modernidades tardias*. Belo Horizonte: UFMG, 1998, p. 157-171.

MARTINS, Floriano. Memorialismo e lírica nos versos de Ruy Espinheira Filho. *O globo* (Caderno Prosa e Verso), 14 jan. 1997.

MARTINS, Wilson. O tempo e o modo. *Jornal O globo online*. (Prosa & Verso- 24.10.1998). Disponível em *Jornal de Poesia*. < <http://www.revista.agulha.nom.br/wilsonmartins040.html>> Acesso em 20 de nov. de 2010.

MATOS, Olgária. A melancolia. In: *Leia*, nº 103, maio de 1987, p. 16-17.

MATOS, Olgária. A melancolia de Ulisses: a dialética do iluminismo e o canto das sereias. In: NOVAES, Adauto. *Os sentidos da paixão*. São Paulo: Funarte/ Companhia de Letras, 1995, p. 141-157.

MENDES, Marise Pimentel. A tragédia “sob o signo de Saturno”. In: *Ipotesi* (Revista de Estudos Literários). Juiz de Fora: EDUFJF, 1999, p. 362-388.

MOISÉS, Carlos Felipe. A canção de Beatriz. *Suplemento Cultura de O Estado de São Paulo*, p. 10, 4 maio 1991.

MOISÉS, Massaud. *A Criação Literária: Poesia*. 12 edição. São Paulo: Cultrix, 1993.

MOISÉS, Massaud. *A criação literária* (Prosa). São Paulo: Cultrix, 1978.

MOTA, Valéria Lessa. *O inquilino do incêndio- poesia e experiência urbana em Ruy Espinheira Filho*. Dissertação de mestrado. Feira de Santana- Bahia: UEFS, 2002.

NITRINI, Sandra. *Literatura Comparada: história, teoria e crítica*. São Paulo: editora da Universidade de São Paulo, 1997.

NOTÍCIA DE REDAÇÃO. O homem é amálgama. *Revista Capitu online*. Disponível em: <<http://www.revistacapitu.com/materia.asp?codigo=201&pagina=2>> Acesso em 20 de nov. de 2010.

NOVAES, Adauto... [et al.] (Org.). *O olhar*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

NUNES, Benedito. *O tempo na narrativa*. São Paulo: Ática, 2003.

OLIVEIRA, Silvana Pessoa de. & SANTOS, Luis Alberto Brandão. *Narrar o tempo*. In: —. *Introdução à teoria literária*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

PAZ, Octavio. Ambiguidade do romance. In: _____. *O arco e a lira*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

PAZ, Octavio. *Os filhos do barro: do romantismo à vanguarda*. Tradução de Olga Savary. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

PAZ, Vilma Santos da. Memória e esquecimento na poesia de Maria da Conceição Paranhos. In: FONSECA, Aleilton (Org.). *O olhar de Castro Alves: ensaios críticos de literatura baiana*. Salvador: Assembléia Legislativa do Estado da Bahia/ Academia de Letras da Bahia, 2008, p.397-404.

PEREIRA, Andréa Cristina Martins. Amor, solidão e melancolia nos contos inconclusos de Luiz Vilela. In: OLIVA, Osmar Pereira (Org.). *Corpo e mito: Ensaios sobre o conto brasileiro contemporâneo*. Montes Claros, MG: Editora Unimontes, 2010, p. 9-22.

PEREIRA, Roberval Alves. Unidade primordial da lírica moderna: o tumultuado aflorar de uma linguagem esquecida. In: FONSECA, Aleilton; PEREIRA, Rubens Alves (Org.). *Rotas e imagens: literatura e outras viagens*. Feira de Santana: UEFS/ PpgLDC, 2000, p.29-41.

PEREYR, Roberval. *A unidade primordial da lírica moderna*. Feira de Santana, BA: Universidade Estadual de Feira de Santana, 2000.

PESSOA, Fernando. *Obra poética*. Rio de Janeiro: Companhia José Aguillar, 1972.

PINHO, Adeíto Manoel. *Perfeitas memórias: literatura, experiência e invenção*. Rio de Janeiro: 7Letras, 2011.

PINTO, Júlio Pimentel. *Uma memória do mundo: ficção, memória e história em Jorge Luis Borges*. São Paulo: estação Liberdade, 1998.

REGO, Adriano Eysen. *Cantos epifânicos da paixão: a poesia lírico-amorosa em Ruy Espinheira Filho*. Dissertação de mestrado. Feira de Santana- Bahia: UEFS, 2006.

RIBEIRO, Carlos Jesus. *À luz das narrativas: escritos sobre obras e autores*. Salvador: EDUFBA, 2009.

ROUANET, Sérgio Paulo. A taça e o vinho. In: —. *Riso e melancolia: a forma shandiana em Sterne, Diderot, Xavier de Maistre, Almeida Garret e Machado de Assis*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007, p. 224-248.

SAMYN, Henrique Marques. A menina e a morte. *Jornal de Poesia*. Disponível em: < <http://www.revista.agulha.nom.br/hmarques1.html>.> Acesso em 20 de nov. de 2010.

SANCHES NETO, Miguel. Cidade memorável. *Gazeta do Povo*. Caderno G, Curitiba, 17 mar. 2003.

SANCHES NETO, Miguel. *Apresentação de Elegia de agosto e outros poemas*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2005.

SANCHES NETO, Miguel. Animal recordativo. Letra por letra. *A tarde cultural*, Salvador, p. 7, 02 jul. 2005. Disponível em: < <http://www.jornaldepoesia.jor.br/msanches46.html>> Acesso em 09/08/2008.

SANTOS, Vera Márcia Lopes. O espírito reflexivo de Baudelaire na modernidade de Antonio Brasileiro. In: FONSECA, Aleilton; PATRÍCIO, Rosana Ribeiro (Org.). *Cantos e recantos da cidade: vozes do lirismo urbano*. Itabuna-Bahia: Via Litterarum, 2009, p. 51-72.

SAVARY, Olga. A canção de Beatriz e outros poemas (depoimento de uma prostituta a uma repórter). *Suplemento literário de Minas Gerais*, Belo Horizonte, p. 11, 20 jan. 1990.

SCLIAR, Moacyr. *Saturno nos trópicos*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

SCLIAR, Moacyr. A melancolia na literatura. In: *Cad. Bras. Saúde Mental*, Vol 1, nº1, jan-abr. 2009 (CD-ROM).

SEIXAS, Cid. Ruy Espinheira Filho: o lirismo como expressão pessoal. *Jornal de Poesia*. Disponível em: <<http://www.revista.agulha.nom.br/cseixas07c.html>> Acesso em 20 de nov. de 2010.

SELIGMANN-SILVA, Márcio (Org.). *Palavra e imagem: memória e escritura*. Chapecó: Argos, 2006.

SILVA, Núria Carla Figueiredo. *Consolo na praia* (análise do poema). Disponível em: http://www.luso-poemas.net/modules/newbb/viewtopic.php?topic_id=1315&forum=21 Acesso em 27 de novembro de 2010.

SOARES, Angélica. *Gêneros literários*. São Paulo: Ática, 1989.

SOUZA-AGUIAR, Maria Arminda de. *Introdução a Proust*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro/ Aliança Francesa, 1984.

STAIGER, Emil. *Conceitos fundamentais da poética*. Tradução de Celeste Aída Galeão. 2ª edição. Rio de Janeiro: Tempo brasileiro, 1993.

STEIN, Ernildo. Melancolia ou a atmosfera existencial da experiência da finitude. In: —. *Melancolia: ensaios sobre a finitude no pensamento ocidental*. Porto Alegre: Movimento, 1976, p.12-16.

SUBMARINO. *Sobre o livro De paixões e de vampiros*. Disponível em: <<http://www.submarino.com.br/produto/1/21378657/de+paixoes+e+de+vampiros>> Acesso em 17/09/2010.

TATE, Allen. A tensão na poesia. In: LIMA, Luiz Costa. *Teoria da literatura e suas fontes*. Volume 2. 3ª edição. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2002, p. 621-639.